



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**MEMÓRIAS DE QUEM TEM MUITO A CONTAR:
OS PROTAGONISTAS E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO
TABULEIRO DO NORTE**

Maria Lenúcia de Moura

FORTALEZA
2006

Maria Lenúcia de Moura

**MEMÓRIAS DE QUEM TEM MUITO A CONTAR:
OS PROTAGONISTAS E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO
TABULEIRO DO NORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Arimatéa Bezerra

FORTALEZA
2006

Maria Lenúcia de Moura

**MEMÓRIAS DE QUEM TEM MUITO A CONTAR:
OS PROTAGONISTAS E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO
TABULEIRO DO NORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 10 / 05 / 2006.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Arimatéa Barros Bezerra
(Orientador)

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade

Prof^ª. Dr^ª. Catarina Tereza Farias de Oliveira

A Ênio, personagem de minha história de amor e companheiro de todos os desafios.

À Ana Clara, filha amada, por tantas ausências.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Luzanira de Moura (*in memoriam*), uma mulher forte e batalhadora. A personagem central de minha história de vida, que dedicou a vida aos filhos acreditando sempre em seu sucesso.

Às minhas irmãs com quem dividi minha ansiedade e que estiveram sempre ao meu lado em oração.

À minha madrinha, Maria de Lourdes, mãe que a vida me deu e à tia, Maria José Braúna, pelo incentivo incondicional.

Ao professor Arimatéa Barros Bezerra, pela capacidade em desenvolver na relação orientador-orientanda a confiança e autonomia na construção do objeto, apoiando-me nas fragilidades e limitações teórico-práticas.

Aos professores da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, pelo incentivo no início dessa jornada.

À Leda Vasconcelos de Carvalho, amiga das horas difíceis no desenvolvimento desta dissertação.

Aos personagens da História da Educação de Tabuleiro do Norte por confiarem a mim suas memórias, sem as quais não seria possível essa construção.

RESUMO

Partindo da compreensão de que a história é feita por todos os agentes que estão envolvidos em sua dinâmica é que me propus a narrar a história da educação do município de Tabuleiro do Norte, e para isso me baseei no olhar de seus protagonistas. Homens e mulheres que sofrendo as determinações da terra árida do nordeste e as limitações das distâncias se ocuparam em pensar a educação e o desenvolvimento desta no município em questão. Como foco da pesquisa, busquei a história oral centrada na narrativa. Para efeito da pesquisa empírica valorizei a memória dos atores sociais diretamente envolvidos com a construção da educação do município, entre os anos de 1958 e 1970; os 12 primeiros anos de emancipação política do município. A contribuição dos atores sociais que estiveram diretamente envolvidos no processo de desenvolvimento da educação do município possibilitou o conhecimento da história de Tabuleiro vista sob o olhar dos personagens ligados ao fenômeno educativo. As narrativas dos atores sociais expuseram as concepções, a participação e a consolidação da educação escolar no município. A concepção dos entrevistados é pautada na reverência a alguns dos “baluartes” desta história, os quais foram fundadores da Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte, responsáveis pela abertura de salas de aula do colegial e ginásio. Dentro deste universo, as professoras entrevistadas – primeiras contratadas – não se reconhecem como protagonistas desta história, ao mesmo tempo que demonstram em seus relatos uma angústia pela falta de reconhecimento e respeito à profissão docente desempenhada durante anos. Com relação à participação, a população de Tabuleiro do Norte, de início, custeou sua educação através de doações. A organização da Sociedade Educadora foi a solução encontrada pela comunidade para levar a escola a seus filhos, uma vez que o descaso governamental com o Nordeste foi e é sentido principalmente no interior do Estado. Constituindo-se como fomentadora da educação, a Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte encampou junto a CNEC o colegial e o ginásio, inexistentes até então. A consolidação da educação tabuleirense se pautou no privado, tanto no que diz respeito à Sociedade Educadora, da CNEC, bem como no acesso restrito a escola pública. Embora a educação pública fosse uma realidade, o acesso a esta não era fácil uma vez que a distância, o material, o fardamento, os livros, a contribuição/doação – no que se refere ao ginásio – tornavam-se barreiras que muitos não conseguiam transpor. Contudo, a educação de Tabuleiro do Norte foi fruto de sua gente, de seu povo, homens e mulheres que trabalhavam na terra de sol a sol e que para além dos determinantes da época eram movidos pelo busca do conhecimento.

Palavras-Chave: Memória; História; Educação.

ABSTRACT

Leaving of the understanding of that history is made by all the agents who are involved in its dynamics are that I decided to tell the history of the education of the Tabuleiro do Norte city, and like this I was based on the look of its protagonists. Men and women who suffering to the determination from the northeast barren land and the limitation of the distances had occupied in thinking about education and the development of this city. As focus of this research, I searched centered verbal history in the narrative. For effect of the empirical research, I valued the social actor's memory involved with the construction of the education of the city, between the years of 1958 and 1970; the 12 first years of emancipation politics of the city. The contribution of the social actors who had been involved directly in the process of development of the education of the city made possible the knowledge of the Tabuleiro do Norte's. History seen under the look of the on personages to the educative phenomenon. The narratives of the social actors had talked about the conceptions, the participation and the consolidation of the school education in the city. The conception of the interviewed is pautaada in the reverence to some of the anpporter of this history, who had been founding of the society educator of the Tabuleiro do Norte, responsible for the opening of classrooms of the middle and high in this context, the interviewed teachers – first contracted – do not recognize themselves as protagonists of this history, must as that they demonstrate in its stories an anguish due to tack of recognition and respect their profession for long time. About the participation, the Tabuleiro do Norte population, of beginning, pay its education with donations. The organization of the Society Educator was the solution found for the community to take the school its children, since the governmental indifference with the Northeast of the country was and is felt mainly in the interior of the States. Consisting as fomentadora of the education, the Society Educator of the Tabuleiro do Norte implement with the CNEC the high school, inexistent until then. The consolidation of the tabuleirense education was based in the private one, as much in that says about to the Society Educator, of the CNEC, as well as in the restrictec access to this was not easy, due to the distance, the material, the fardamento, the books, the contribution/donation – as for the high school – because obstable that many did not began to transpose it. However, the Tabuleiro do Norte education was fruit of its people, men and women who worked so hard and that for apart from the determinative ones of the time they were moved by the search of the knowledge.

Keywords: Memory; History; Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Praça da Matriz.....	33
Figura 2 – Praça da Matriz.....	33
Figura 3 – Igreja Matriz construída no lugar da capela.....	36
Figura 4 – Chegada do padre Heitor de Matos Montenegro – 25 de janeiro de 1962.....	37
Figura 5 – Coral Menino Jesus de Praga – 1970.	39
Figura 6 – Posse do Prefeito Interino – Olímpio Agostinho Maia.....	39
Figura 7 – Mesa do Cerimonial de Posse do Prefeito Interino.....	40
Figura 8 – Vista aérea da Igreja da Matriz – Nossa Senhora das Brotas.....	40
Figura 9 – Visita do Governador Plácido Aderaldo Castelo.	45
Figura 10 – Calçamento da rua Vicente Soares.	46
Figura 11 – Construção da barragem do Riacho de Zé Chaves.....	47
Figura 12 – Inauguração da Casa de Saúde e Maternidade Celestina Colares (1970).....	49
Figura 13 – Escola Municipal na sede do município na casa da professora Zelaide Gondim Andrade.....	61
Figura 14 – Professora Judite Barros, 1947.....	62
Figura 15 – Foto das Escolas Reunidas – 10 de janeiro de 1936.....	63
Figura 16 – Alunos da Escola Monsenhor Otávio da Comunidade do Rancho Nossa Senhora.	68
Figura 17 – Homenagem dos alunos da Escola Monsenhor Otávio à Delegacia Sindical dos Trabalhadores Rurais de Boa Ventura. Casa do senhor Manoel Rodrigues.....	70
Figura 18 – Homenagem da Escola Monsenhor Otávio às mães da comunidade.....	71
Figura 19 – Alunas do 4º ano colegial.	84
Figura 20 – Livro de registros.	96
Figura 21 – Última página do livro de chamada.....	98
Figura 22 – Desfile de 7 de setembro de 1961.....	101
Figura 23 – Desfile comemorativo da Criação da Banda de música da cidade.....	101
Figura 24 – Livro doado por Virgílio Távora às escolas do município de Tabuleiro do Norte.....	108
Figura 25 – Registro de Aula – 1955.....	109
Figura 26 – Curso de Aperfeiçoamento Docente – 1970.....	111
Figura 27 – Entrega do Certificado de participação do Aperfeiçoamento Docente.....	111
Figura 28 – Livro com o Programa de Admissão ao Colegial.....	119
Figura 29 – Rol de assuntos do Programa de Admissão.....	120
Figura 30 – Rol de assuntos do Programa de Admissão.....	121
Figura 31 – Recibo de pagamento de contribuição escolar.....	121
Figura 32 – Construção do Centro Educacional Nossa Senhora das Brotas. Vista frontal.	122
Figura 33 – Vista panorâmica da construção.....	122
Figura 34 – Primeira turma de formandos do colegial do Ginásio Nossa Senhora das Brotas – 1964.....	124
Figura 35 – Primeira turma de formandas do colegial do Ginásio Nossa Senhora das Brotas – 1964.....	124
Figura 36 – Colação de Grau das Normalistas – 1976.....	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: “CAUSOS” DO TABULEIRO DO NORTE: a história da educação contada por seus protagonistas.....	18
1 A VEZ E A VOZ DA NARRATIVA: Caminhos percorridos na busca da história do Tabuleiro do Norte.....	22
1.1 Caminhos de investigação: a história, a memória e o Tabuleiro do Norte.....	22
1.2 Os personagens.....	26
2 DO TABULEIRO D’AREIA AO MUNICÍPIO DE TABULEIRO DO NORTE: do ambiente empírico de investigação Às primeiras aproximações com o que pensam seus atores sociais .	31
2.1 Para compreender o objeto.....	32
2.2 E como vai o Tabuleiro hoje?.....	40
2.3 O Estado em Tabuleiro do Norte.....	45
2.4 As políticas de financiamento.....	51
2.5 Primeiras aproximações com o saber: a professora particular.....	52
2.6 A casa da professora: retratos da educação do município.....	54
3 A PARTICIPAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE TABULEIRO DO NORTE NA CONSOLIDAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	59
3.1 Educação e educação escolar: do distrito de Tabuleiro d’Areia ao município de Tabuleiro do Norte.....	59
3.2 As primeiras escolas.....	60
3.3 A professora leiga: perfil do docente primário.....	65
3.4 Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte: a busca pela educação dos filhos.....	72
3.5 Da Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte à Campanha Nacional do Ginasiano Pobre.....	79
4 DA VISÃO DOS BANCOS DE MADEIRA À VISÃO DOCENTE: Os mecanismos que se consolidaram na educação escolar de Tabuleiro do Norte.....	86
4.1 A educação municipal após a emancipação política: a constituição da educação escolar	86
4.2 As políticas de financiamento da educação municipal.....	89
4.3 A escola dos bancos de madeira: relatos dos alunos da época.....	99
4.4 O universo da sala de aula: passos em busca do saber.....	102
4.5 Um passeio pela sala de aula no relato das professoras: os 10 primeiros anos de emancipação política.....	105
4.6 O planejamento, o método de aula e a avaliação da aprendizagem.....	107
4.7 A organização escolar, a carga horária e a disciplina.....	113
4.7 Consolidação da educação escolar de Tabuleiro do Norte.....	116
4.8 O ingresso no Ginásio: estudo, sofrimento e espera.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CONVITE AO DESFECHO.....	127

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....132

INTRODUÇÃO: “CAUSOS” DO TABULEIRO DO NORTE: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO CONTADA POR SEUS PROTAGONISTAS

*Contar histórias
é uma forma que os seres humanos
utilizam para dar corpo a idéias,
assunções, crenças e valores,
que se entrecem nas intrigas narrativas
e se sintetizam na moralidade final
que todas as boas histórias apresentam.
[...]*

*Contar histórias, é finalmente,
não apenas a demonstração de um saber,
mas a realização de um fazer:
Quem conta histórias organiza um mundo,
dá-lhe sentido, comunica-o,
de tal forma que,
pelo confronto com o mundo,
que está fora ou para além da história,
este é transformado,
ganhando novos sentidos e interpretações.*

(Manuel Jacinto Sarmento)

➤ **Construção do objeto de estudo**

As questões acerca da história da educação do município de Tabuleiro do Norte me acompanham bem de perto em meu desabrochar teórico. A forma tímida de apreensão do conhecimento sempre teve uma velha companheira: a inquietação. Desta amizade surgiram perguntas que teimosamente buscam por respostas. E onde as encontrar? Certamente, o caminho mais propício é através da história.

Busquei uma reconstrução da história da educação de Tabuleiro do Norte, sob a ótica dos atores sociais diretamente envolvidos, no período de 1958 a 1970. Mais do que adentrar nas lembranças dos sujeitos e possibilitar a visão da história de diferentes pontos de vista,

tenho por objetivo compreender como essa história influenciou a vida de cada personagem, como cada um deles participou desta construção e de como essa participação possibilitou a consolidação do sistema educacional do município.

Assim, o significado da educação na vida dos entrevistados toma conotações diferenciadas, uma vez que os mesmos estiveram ligados ao fenômeno educativo de diferentes formas. A apreensão da história feita por cada personagem é o que a torna intrigante e complexa, haja vista que um determinado fato nem sempre teve um desfecho único para cada um deles.

Neste vasto campo, caminhei inicialmente sem rumo certo e por alguns momentos estive perdida, equivocada, e por outros angustiada. Todos estes sentimentos, gestados no desejo de lapidação de meu objeto de estudo, encontraram refúgio na história de homens e mulheres, nordestinos; sertanejos que, vivendo em terras áridas, buscaram formas de promover a escolarização de seus filhos. É na perspectiva de uma história construída por Marias, Josés, Antônio, e por todos aqueles que estiveram envolvidos com a educação que busquei trabalhar. No entanto, não cabe aqui a pretensão de dar voz a todos os protagonistas, porquanto não busco verdades, mas contribuições para que esta história seja vista por outra dimensão.

Essa dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo – “A vez e a voz da narrativa: caminhos percorridos em busca da história da educação do Tabuleiro do Norte” – discuto as contribuições da história oral para a construção histórica, bem como a importância de se considerar a subjetividade contida em cada relato; neste capítulo o percurso da investigação é relatado passo a passo: a organização dos grupos de entrevistados, a caracterização dos informantes, o armazenamento das informações, dentre outros aspectos.

No segundo capítulo – “Do Tabuleiro D’areia ao Município de Tabuleiro do Norte: do ambiente empírico de investigação às primeiras aproximações com o que pensam os atores sociais” – faço a apreciação do cenário de pesquisa e dos elementos que o compõem. Aqui estão informações sobre: a fundação do distrito que daria origem ao município, sua emancipação política, seus habitantes, sua localização geográfica, as informações contidas no índice de desenvolvimento dos municípios, sua população, seu espaço, o desenvolvimento da máquina administrativa, os componentes sociogeográfico, as políticas de financiamento que caracterizam o ambiente pesquisado. Esse capítulo é finalizado com o convite para adentrar no âmbito educacional, que ocorre através das primeiras aproximações com o saber escolar e o universo da escola na casa da professora, como retrato da educação do município.

O terceiro capítulo – “A participação dos atores sociais da história da educação de tabuleiro do norte na consolidação da educação escolar” – apresenta a participação dos atores sociais da educação do município, na consolidação de seu sistema educacional. O percurso dessa participação é narrado, considerando o período em que Tabuleiro ainda é distrito de Limoeiro do Norte. O ambiente escolar é composto pela caracterização das primeiras escolas, expondo a partir daí o universo da professora leiga – perfil das educadoras cearenses por várias décadas. Fecha-se o capítulo com o surgimento da Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte, sua formação, a caracterização de seus agentes, seus objetivos, sua coragem e desejo de desenvolver a educação no município. Por fim o processo de enlace da Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte e a Campanha Nacional do Ginasiano Pobre, com apreciação do início deste movimento em escala nacional.

O quarto capítulo – “Da visão dos bancos de madeira à visão docente” – traz a concepção dos sujeitos sobre a evolução da educação no município a partir do lugar em que estão inseridos. Nesse espaço busco retratar os mecanismos que se consolidaram no sistema

educacional de Tabuleiro. O retrato da educação municipal após a emancipação e a política de financiamento abrem o capítulo. É no processo desta construção que são evidenciadas as falas daqueles que estiveram envolvidos com o fenômeno educativo. O texto se condensa com a visão dos alunos e das professoras que participaram do processo, observando: o universo em que estavam inseridos, os métodos, o planejamento, a avaliação da aprendizagem, a disciplina imposta pela escola, enfim todos os mecanismos que levaram ao desenvolvimento da educação municipal.

Por fim, nas Considerações Finais – “Um convite ao desfecho” – tento sintetizar o meu olhar enquanto aprendiz no caminho da pesquisa, enfocando minha percepção em relação às pessoas, aos relatos, aos sentimentos. Esse capítulo apresenta as dificuldades encontradas para desenvolver a pesquisa, e também para alcançar os objetivos traçados no início da jornada.

1 A VEZ E A VOZ DA NARRATIVA: CAMINHOS PERCORRIDOS NA BUSCA DA HISTÓRIA DO TABULEIRO DO NORTE

Memória e história são processos de introspecção; uma envolve componentes da outra, e suas fronteiras são tênues. Ainda assim, memória e história são normalmente, e justificadamente, diferenciadas. A memória é inevitável e indubitável prima facie; a história contingente e empiricamente verificável.

(Ecléa Bosi)

1.1 Caminhos de investigação: a história, a memória e o Tabuleiro do Norte

O prazer da pesquisa em História pode ser traduzido sob vários olhares, dos quais destaco 2: olhar do pesquisador e daqueles que contribuíram para uma reconstrução dos fatos, os entrevistados. O prazer da pesquisadora, se constituiu de risos, do folhear dos antigos álbuns, de tardes de conversas agradáveis que não se corrompiam nem pelo calor abrasivo do sertão. Para os entrevistados, o prazer tomava forma desde o primeiro contato, na alegria de poder contribuir com suas memórias – em especial aqueles de mais idade, cansados do silêncio da velhice de poucos interlocutores – de encontrar ouvinte para as mágoas mais profundas, nunca reveladas, e de confidenciar memórias que há muito tempo estavam guardadas. Para Amado e Ferreira (2001, p. 11),

Poucas áreas, atualmente, têm esclarecido melhor que a história oral o quanto a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórico-metodológica estão indissociavelmente interligado, e demonstrado de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração: em resumo, que a história é sempre construção.

Para efeito da pesquisa empírica valorizei a memória dos atores sociais diretamente envolvidos com a construção da educação do município, entre os anos de 1958 e 1970; ou seja, os 12 primeiros anos de emancipação política do município em questão.

A história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. “Parcialidade” aqui permanece simultaneamente como “inconclusa” e como “tomar partido”: a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os lados existem dentro do contador. E não importa o que suas histórias e crenças pessoais passam ser, historiadores e “fontes estão dificilmente do mesmo lado”. A confrontação de suas diferentes parcialidades – confrontação como “conflito” e confrontação como “busca pela unidade” – é uma das coisas que faz a história oral diferente. (PORTELLI, 1997, p. 39).

Partindo deste referencial mais amplo, o meu objeto de estudo é a história da educação de Tabuleiro do Norte, na perspectiva dos atores sociais diretamente envolvidos com o processo de emergência e consolidação do sistema educacional desse município.

Buscando essa aproximação da história da educação do município, através da história oral, privilegiei a memória de pessoas que participaram desse processo, observando todos os seguimentos. As falas das pessoas que estiveram à frente dos cargos públicos e diretamente envolvidos com o desenvolvimento da educação municipal, daqueles que durante anos freqüentaram os bancos escolares, dos pais dos alunos da época e, principalmente das professoras, construíram a matéria-prima dessa pesquisa.

A singularidade de cada relato sobre a participação e o envolvimento, torna essa reconstrução rica e relevante. A mensagem projetada pelo corpo de cada entrevistado reflete a busca pela memória, momento em que o gestual se organiza, se recompõe e sistematiza as lembranças, contribuindo para o seu desabrochar. É a pluralidade dos relatos que emergem da memória de cada personagem e sua concepção/compreensão do vivido que possibilita resgatar o registro da memória individual e coletiva.

A memória possibilita resgatar as marcas de como foram vividos, sentidos, compreendidos determinados momentos, determinados acontecimentos: ou mesmo o que e como foi transmitido e registrado pela memória individual e/ou coletiva. A função socializadora das narrativas consiste no facto de elas traduzirem um espaço de diálogo intersubjectivo, dado que nelas se cristalizam valores e assunções coletivas, ainda que expostas de uma forma marcadamente individualizada. (SARMENTO, 1994, p. 124).

A memória remete ao relato de imagens, situações, acontecimentos ou mesmo experiências. Os relatos que compõem as entrevistas tornam-se mais detalhados à medida que a conversa flui, que a emoção se apresenta. Objetividade e subjetividade caminham juntas, completam-se.

A opção pela história oral, valoriza a participação de cada um dos personagens na construção dessa história, buscando dar voz ao coletivo. No entanto, não se coloca aqui a aspiração, usando as palavras de Maria Célia Paoli (s/d, 128), de trazer à luz “mais uma história”, de sacralizá-la, mas “um direito ao passado” narrado nas múltiplas subjetividades de seus participantes. Concordo com Paoli (op. cit., p. 128) quando afirma que:

O reconhecimento do direito ao passado está, portanto, ligado intrinsecamente ao significado presente da generalização da cidadania por uma sociedade que evitou até agora fazer emergir o conflito e a criatividade com critério para a consciência de um passado comum. Reconhecimento que aceita os riscos da diversidade, da ambigüidade das lembranças e esquecimentos, e mesmo das deformações variadas das demandas unilaterais.

Dito de outra maneira, o desenvolvimento de pesquisas no âmbito da história oral remete ao “esforço de recuperar a experiência e os pontos de vista daqueles que normalmente permanecem invisíveis na documentação histórica convencional e de considerar seriamente essas fontes como evidência” (FRISCH, 2001, p. 75). Assim, possibilita uma nova dimensão da história, a visão do vivido, dos novos arranjos aos acordes, da história por uma

multiplicidade de lentes que filtram e ampliam os fatos de acordo com a importância deste na vida dos interlocutores.

Na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes. (AMADO; FERREIRA, 2001, p. 15).

Para este estudo entrelaçar história e memória foi preciso estimular a aproximação do passado através da memória coletiva. A liberdade de falar e a paciência em ouvir compuseram as notas que condicionaram a narrativa apresentada neste relatório.

O trabalho de campo teve início em julho de 2004 e finalizou em fevereiro de 2006. O arcabouço do trabalho é composto por 11 informantes, com entrevistas semi-dirigidas que formalizaram o pano de fundo da pesquisa e possibilitaram o desenvolvimento da narrativa. A pesquisa privilegiou a oralidade dos personagens, no entanto a análise documental (atas, fotografias, registros pessoais, entre outros) foi determinante na construção, uma vez que a mesma possibilitou a organização cronológica, na localização de informantes e na definição de eventos centrais do processo. Tais documentos possibilitaram o terreno firme para a construção desta narrativa. Eles fazem parte dos arquivos do IBGE, do Iplance/Ipece, atas das reuniões da câmara de vereadores de Tabuleiro, atas da Sociedade Educadora e documentos do arquivo pessoal dos entrevistados.

As transcrições das entrevistas uma vez feitas por mim possibilitaram o acesso à riqueza da oralidade. “O fato de ler em vez de ouvir priva o historiador de muitas contribuições da forma oral: entonação, ênfase, dúvidas, rapi10 ou lentidão nas reações, risos, repetições; [...] A transcrição deve ser feita o quanto antes, de preferência pelo próprio entrevistador.” (BONAZZI, 2001, p. 239) Esta tarefa possibilitou rever cada riso, silêncio,

cada expressão que acompanhou a fala do entrevistado. Optei por trabalhar com a transcrição das entrevistas tentando reproduzir as palavras com a maior fidelidade possível, pois possibilita a quem lê, conhecer um pouco mais de cada entrevistado. A fala de quem está sempre discursando como o Senhor Alcides, as perguntas de Dona Antônia feitas para ela mesma, a passividade de Dona Irene Saraiva, detalhes que um leitor atento capta.

Descartei o uso das perguntas, uma vez que a fala dos entrevistados encaixam-se no corpo da narrativa. Busquei no trabalho de edição proceder com fidelidade na transcrição das falas, bem como torná-las o mais acessível possível ao leitor.

1.2 Os personagens

Tendo em vista uma adequada representatividade dos diversos grupos envolvidos com a educação municipal da época, procurei dividir os entrevistados em 4 grupos:

- Grupo 1 – pessoas ligadas à vida pública;
- Grupo 2 – professoras;
- Grupo 3 – alunos e alunas;
- Grupo 4 – pais de alunos.

Dentre os informantes existiam aqueles que ocuparam, no período em estudo, tanto a condição de professora como de aluna, haja vista a grande quantidade de professoras leigas. Dada essa realidade, procurei separar as narrativas de um mesmo informante em grupos distintos. Após a composição dos grupos, a escolha dos entrevistados procedeu dentro do universo dos participantes ativos da construção do sistema educacional de Tabuleiro do Norte.

O grupo de professoras escolhidas trouxe em suas narrativas uma riqueza de detalhes do cotidiano da professora primária, repleto de críticas e reconhecimento ao seu trabalho. O relato não se esgota, no entanto, nas suas próprias ações, pois se estende à compreensão do contexto no qual estavam inseridas, a política de educação e a precária organização dos órgãos competentes. A narrativa é rica em detalhes sobre acontecimentos do início da carreira docente, a mudança de domicílio, as dificuldades encontradas pela falta de material; enfim, dos transtornos no desenvolvimento da profissão escolhida.

O que diz respeito à narrativa de professoras aposentadas, Mignot (2003, p. 137-138) diz:

Mirian Bem Peretz (1995), examinando a natureza das recordações de professores que já não mais exerciam a profissão, assinalou que haviam uma grande incidência de episódios ocorridos no início do exercício profissional, de acontecimentos que fugiam à rotina, enfim, de surpresas e imprevistos que se configuravam como situações de aprendizagem.

A recorrência de um determinado nome, em conversas informais sobre a história do município de Tabuleiro do Norte, levou-me ao senhor Alcides Monteiro Chaves, personalidade conhecida por todos, vice-prefeito do primeiro mandato executivo da cidade e, posteriormente, eleito prefeito por duas vezes, em 1966 e 1972. Esteve à frente de vários movimentos que tinham por pretensão o bem estar e o desenvolvimento da cidade. Um contador de histórias por excelência, com a capacidade de se fazer ouvir por horas, envolveu-me em sua narrativa rica em detalhes, em nomes, e em acontecimentos. A trajetória não somente da educação tabuleirense, bem como do desenvolvimento de seu povo na economia e saúde, as dificuldades nas secas, e nas enchentes, foram contadas com prazer, em horas de conversas formalizadas pelo gravador ou nas informais. Relatos repletos de nomes, datas,

horas até, o senhor Alcides Monteiro falava com a disposição de quem não quer calar, de quem tem muito a registrar.

Foi a partir da referência de um livro: “Tabuleiro de Areia, minha terra” que cheguei a Gumercindo Cláudio Maia. Este, autor que conta histórias das famílias tabuleirenses, se mostrou dono de uma visão interessante dos acontecimentos, uma vez que fora participante do fenômeno educativo, na condição de aluno e de pai.

A senhora Maria Alaíde de Freitas Guimarães, foi aluna da primeira escola pública de Tabuleiro, terminou seus estudos fora da cidade, quando esta ainda não o possuía. Foi uma das primeiras professoras da cidade e presente na educação por muitos anos, sem nunca ter ocupado cargos de direção. Foi professora municipal e é aposentada pela iniciativa privada, tendo lecionado por 25 anos no Centro Educacional Nossa Senhora das Brotas (CNEC).

Embora professora, a senhora Raimunda Gadelha Chaves, conhecida como Mundosa, se colocou na categoria de pais, uma vez que sua atividade docente se consolidou fora do período pretendido pela pesquisa.

Zelaide Gondim Andrade iniciou sua atividade trabalhista no primeiro posto de saúde da cidade. Com a pretensão de ser professora, transferiu-se para a educação, onde ensinaria por algum tempo na zona rural e, posteriormente, na sede do município.

Também professora, Antônia Rodrigues Maia iniciou-se na profissão apenas com o 5º ano, na condição de professora leiga. Dona de uma força interior, própria da mulher nordestina, voltou a estudar anos depois já na companhia das filhas, de quem também foi contemporânea do período em que frequentou a academia. Predisposta sempre a uma nova batalha, foi secretária de educação do município nos anos de 1993 a 1996.

Antônia Rodrigues Maia e Zelaide Gondim Andrade têm histórias de vida parecidas: não temeram o tempo, nem se colocaram à margem da história; buscaram sempre a educação

em todos os sentidos como sobrevivência e como superação. Batalhadoras, confirmaram e confirmam até hoje a fortaleza da qual se construíram, como educadoras, mães, mulheres. Expressam a cada dia o desejo por viver, de quem ainda não se curvou diante das dificuldades.

A professora Artemisa Bezerra de Sousa iniciou-se na profissão docente quando Tabuleiro ainda era distrito de Limoeiro do Norte, desenvolvendo suas atividades em várias comunidades e, posteriormente, na sede do município. Incorporada ao serviço público municipal, após a emancipação, foi diretora do Departamento de Educação, bem como, neste mesmo período era auxiliar de secretaria da Escola de 1º Grau Avelino Magalhães. Decidida em suas atitudes, traço característico da mulher nordestina, não demorou a optar em aposentar-se como secretária – embora os vencimentos fossem menores – ao se confrontar com o dilema das duas aposentadorias. Conta que, não suportava – após anos exposta às dificuldades da prática docente como professora do município – as humilhações que perpassava o recebimento do salário. Contudo, parece expressar tristeza ou mesmo mágoa em não ter se aposentado na profissão que tanto se esforçou em desempenhar.

Marcondes Andrade foi aluno no período em estudo. Hoje é professor aposentado da rede estadual de ensino e exerceu sua atividade por 30 anos na Escola de Ensino Fundamental Avelino Magalhães, tendo marcante atuação na comunidade de Água Santa, onde nasceu.

Depois de integrar o quadro de professores da Escola de Ensino fundamental Avelino Magalhães por 25 anos, hoje aposentada, Dona Irene Saraiva iniciou sua atividade docente em escolas na zona rural, ministrando aulas, inicialmente, em casa de família. Professora amorosa e dedicada contou-me após a entrevista que foi muito feliz em sua profissão, pois gostava do que fazia e sentia muito carinho pelos alunos e alunas.

A professora Mazé Braúna, como era conhecida em Tabuleiro do Norte, recebeu seu contrato de trabalho em 1978, esteve em sala de aula por 25 anos na Escola de Ensino

Fundamental Avelino Magalhães e ausentou-se da mesma por 4 meses somente quando tirou a licença maternidade.

Professor da Escola de Ensino Médio Francisco Moreira Filho, Osiel Manduca, como é conhecido, está atualmente afastado desta função hoje devido problema vocais. Aluno do período em estudo acompanhou a irmã como professora municipal. Pessoa calma, relatou dentre outras coisas, momentos da infância em que foi ciceroneado pela irmã nas idas e vindas à escola.

Foi através dos relatos de vivências destes atores que pude escrever sobre a História da Educação de Tabuleiro do Norte.

2 DO TABULEIRO D'AREIA AO MUNICÍPIO DE TABULEIRO DO NORTE: DO AMBIENTE EMPÍRICO DE INVESTIGAÇÃO ÀS PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O QUE PENSAM SEUS ATORES SOCIAIS

De Tabuleiro de Areia a Tabuleiro do Norte

*Amigo eu não conhecia
A História desta cidade
De Tabuleiro de Areia
Nome que foi batizada
Por Tabuleiro do Norte
Será ela eternizada.*

*Terra de índios Tapuios,
Aldeia Velha, Água Suja
Juazeiro e Olhos D'água
Três deles sem fazer curvas
Barrinha e Taperinha
Esperam as águas das chuvas.*

*Pena que expulsaram os índios
Fazendo carnificina
Matando sem piedade
E Deus vendo lá de cima
Tanto sangue inocente
Clamando pelas esquinas.*

*Os Maias de Pau dos Ferros,
Esteves do Aracati
Os Paiacus residiam
Na chapada do Apodi
Foi assim que começaram
As famílias por aqui.*

*Aqui não havia cerca
Marcos faziam a divisão
Que foram sendo tirados
Por causa da plantação
Para cultivar as terras
Trazendo a sustentação.*

[...]

(Eliones Maia¹)

¹ Aluno do 1º ano da Escola de Ensino Médio Francisco Moreira Filho, em Tabuleiro do Norte.

2.1 Para compreender o objeto

Dentre as mais jovens cidades do Ceará, Tabuleiro do Norte está localizada na micro-região do Baixo Jaguaribe, no centro-sul do Estado com limites em Limoeiro do Norte, Alto Santo, Rio Grande do Norte e São João do Jaguaribe. Os acidentes geográficos de mais destaque no município são os Rios Jaguaribe e Quixeré. Riacho do Bezerra, Lagoa da Salina, do Lima e o açude Vai-quem-quer. É formado por um terreno arenoso e plano, compondo um tabuleiro, daí a origem de seu nome “Tabuleiro de Areia”.

No lugar em que hoje se localiza o centro comercial de Tabuleiro existia um imenso banco de areia onde foi construída a praça da Matriz. Compondo o cenário interiorano, a praça, durante décadas e porque não dizer até hoje, é o espírito romântico da cidade pequena. É na praça onde tudo acontece, onde tudo começa ou termina, é a praça confidente do crescimento de tudo o que a cerca.

Lugar de encontros e desencontros, com tardes acompanhadas pelo vai e vem das palmeiras, a praça acompanhou o desenvolvimento da cidade e a vida dos tabuleirenses os quais, ao entardecer, desenvolviam prazerosas conversas que, por vezes, foram retratadas por alguém atento em guardar inalteradas as lembranças de uma época. Algumas destas lembranças ficaram retratadas não somente na memória, mas também em papéis que outrora brancos, hoje se encontram amarelados (Figuras 1 e 2).



Figura 1 – Praça da Matriz.

Fonte: Acervo fotográfico de Zelaide Gondim Andrade.



Figura 2 – Praça da Matriz.

Fonte: Acervo fotográfico de Zelaide Gondim Andrade.

Repleto de peculiaridades, Tabuleiro integra o Nordeste brasileiro,

É terra diferente, de gente diferente, na amplitude do território brasileiro; crê-se em virtude dessa singularidade, não lhe caber, (razoavelmente) uma escola copiada de regiões diversas, esquecidas a fisionomia fisiográfica e antropogeográfica, que lhe são peculiares. (SOUSA, s/d, p. 17).

Ao comentar a região do Baixo Jaguaribe ainda nos anos de 1950, Sousa (op. cit., p. 30) escreve:

Não há município do Baixo-Jaguaribe, onde não se plante, com proveito, nos anos de chuvas regulares, algodão, milho, feijão, abóboras, mandioca e batata doce, e onde não se criem, com lucro certo, em épocas normais, os gados bovinos, cavalos, ovino, caprino e suíno.

Antes de buscarmos a história da educação de Tabuleiro na voz de seus atores sociais, faz-se necessário discorrer sobre sua gente e sua terra. Falar dessa cidade é narrar a vida simples do interior. Terra de povo hospitaleiro, conhecida na região por bem receber os filhos vindos de outras terras, que procuram seu colo para morar. Como toda cidade pequena do sertão, de povo simples, humilde e trabalhador, ao cair da tarde, sua população, em especial aqueles de mais idade, sentam-se nas calçadas à espera da “brisa do Aracati”, ora contando “causos” passados, ora conversando sobre a vida alheia.

Terra de história bem nordestina, povoada por homens rudes, “cabras machos” como falam os mais velhos; viu crescer em seu bojo severas disputas por terra. Tabuleiro traz em suas raízes uma “rixa” entre famílias que durante anos se confrontaram, levando alguns de seus membros dívidas de morte em nome da honra familiar, fenômeno comum no Nordeste brasileiro. Conhecida no cenário metropolitano cearense como cidade dos pistoleiros, é alvo de manchetes sensacionalistas sobre crimes costumeiros nas cidades do Ceará. Será Tabuleiro centro de pistolagem? São características regionais? Somente uma pesquisa sobre a região e seus determinantes culturais poderá indicar respostas.

Ainda perseguida pela lógica cearense, muitos de seus filhos cederam ao processo migratório para terras do sul e do sudeste, forçados pelas secas constantes ou pelas enchentes que, além da esperança de inverno bom, leva tudo que o tabuleirense-sertanejo pobre adquiriu com sofrido esforço por anos. As intempéries climáticas fazem do homem do sertão a

fortaleza que a terra exige e é a esperança por em dias melhores que o faz prosseguir. Foi com essa esperança que mães chorosas viram seus filhos partirem em paus-de-arara, com o coração cheio de esperança, ou famílias inteiras aventuraram-se em terras desconhecidas, fugindo do sol abrasivo do sertão.

Levados pela fé, os tabuleirenses fazem romaria a pé durante a semana que antecede o dia 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Saúde, ao distrito de Olho D'água da Bica. Esse distrito possui uma das maiores romarias do Estado do Ceará, para onde todos os anos milhares de romeiros se dirigem em visita ao santuário de Nossa Senhora da Saúde com o fim de pagarem ou alcançarem milagres através do veio de água que desce da serra.

De povoação antiga, parte das terras do que é hoje o município de Tabuleiro do Norte fazia parte da 10ª data de divisão das sesmarias realizada em 1681 e que foi adquirida por Manuel Carneiro da Cunha (1707), fundador da fazenda Juazeiro, uma das mais antigas da região (FERREIRA NETO, 2003). Outras áreas vizinhas, segundo o autor, teriam sido doadas àqueles que prestavam serviços à Coroa Portuguesa. Algumas propriedades nem chegaram a ser povoadas, nos primeiros anos de expansão. No entanto, foram essas incursões que marcaram áreas isoladas, como o sopé da Chapada do Apodi, atual Olho D'água da Bica ao Rio Grande do Norte, tido como obra de bandeirantes paulistas que estabeleceram alguns confrontos com os índios canindés e jenipapos.

As comunidades nordestinas geralmente nasceram da fé de seu povo, que ao redor das capelas construía suas casas, que, conseqüentemente, davam origem a uma nova cidade com o passar dos anos. Com Tabuleiro não foi diferente. Segundo Ferreira Neto (op. cit.), a povoação de Tabuleiro d'Areia nasceu com a fundação de sua capela conhecida no princípio do século XVIII como Fazenda São José, que pertencia à família Marrecas. A data de fundação dessa povoação, 1778, coincide com a abertura de uma escola no lugar, onde o

licenciado Maia Alarcon ensinava latim; uma escola na qual, segundo registros da Diocese de Limoeiro do Norte, estudaram de 60 a 70 alunos e funcionou até 1796, quando por problemas graves de saúde o professor veio a falecer.

A história da fundação do município está diretamente ligada a uma promessa feita pela esposa do proprietário da Fazenda São José. Acometida de um câncer D. Luzia, esposa de Maia Alarcon, teria tido uma revelação em sonho. Neste aparecia uma santa que lhe pedia que edificasse uma ermida naquele lugar em louvor a Nossa Senhora das Brotas. Conta-se que Dona Luzia foi curada do câncer e após se certificar que a referida santa era venerada em Portugal, o casal teria construído a ermida e colocado-a no altar da capela em meados de janeiro de 1770. A vila de casas que foi construída ao redor da capela deu origem ao município.

A fazenda de Tabuleiro de Areia começa a ser mencionada nos livros paroquiais por volta de 1755. É sede de distrito de paz do município de Russas em 1832 e aparece como distrito de Limoeiro do Norte a partir de 1938. Recebe ainda duas denominações: Joaquim Távora, 1945 e Ibicuipeba, 1946.

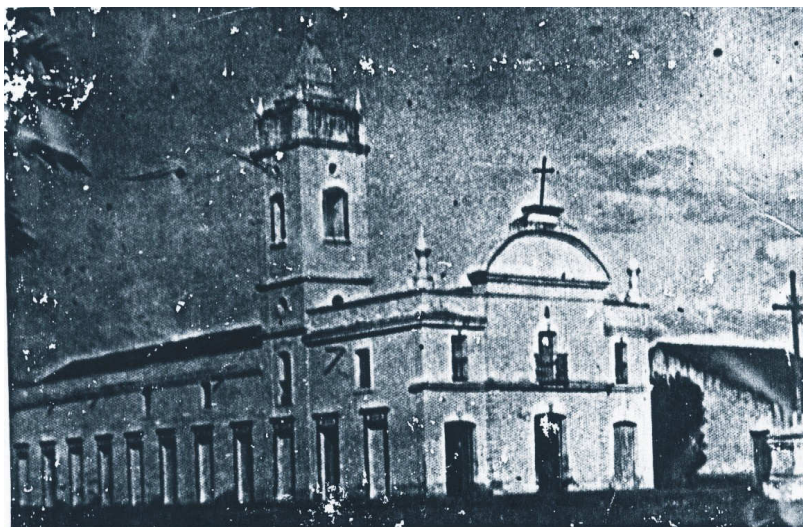


Figura 3 – Igreja Matriz construída no lugar da capela.
Fonte: Acervo fotográfico de Zelaide Gondim Andrade.

Aos vinte e um de janeyro de mil e setecentos e sincoenta e cinco na fazenda do Tabuleiro da Areya de licença minha cura abaixo asignado batizou e poz os santos óleos o padre mestre Frey Joseph de Santa Maria monge de São Bento a Anna filha legítima de João [...] Gondim e de Antonia Maria do Nascimento foram padrinhos o reverendo cura Francisco Alveres Maia por procuração e Theodozia Fereyra [...] de que fiz este acento em que me asigney.” Cura João. ADNL. Livro de assentos da Freguesia de Russas nº 2 – 1741 – 1764 – f. 65. (FERREIRA NETO, 2003, p. 285).

Ainda pertencendo a Limoeiro do Norte, o distrito de Tabuleiro de Areia recebeu seu primeiro vigário em 1946. Até esse ano, os rituais católicos eram celebrados por Monsenhor Otávio. Motivados pela fé, toda a comunidade recepcionou a chegada do primeiro vigário. Esperado por todos, chega no dia 25 de janeiro de 1962 padre Heitor de Matos Montenegro. Muito querido, o padre Heitor como conhecido, foi sacerdote no município por mais de 20 anos, quando veio a falecer. Personalidade ativa no desenvolvimento do município, lembrado até hoje por aqueles que desfrutaram da sua companhia, foi protagonista de histórias folclóricas contadas por pessoas do lugar.



Figura 4 – Chegada do padre Heitor de Matos Montenegro – 25 de janeiro de 1962.

Fonte: Acervo fotográfico de Zelaide Gondim Andrade.

Festiva desde suas raízes, a comunidade de Tabuleiro de Areia festejou a chegada de seu pároco com enorme alegria (Figura 5). Seus habitantes estiveram presente à entrada do

distrito para saldar aquele que celebraria os rituais de fé do tabuleirense. Foi com entusiasmo que a comunidade se organizou para o evento de forma a não deixar um único detalhe de lado. Para dar as boas vindas compuseram um hino que foi cantado pelo coral Menino Jesus de Praga.

HINO DO PRIMEIRO VIGÁRIO DE TABULEIRO DO NORTE

Letra: Monsenhor Otávio Santiago

Música: Maestro Odílio Silva

Hoje tudo alegria traduz:
Nosso peito transborda de amor,
Nossa fonte parece de luz,
Tem noss'alma o perfume da flor.

Ergue a Deus, Tabuleiro do Norte,
Qual perfume de amor tua apreço:
Para vós, Pe. Heitor, boa sorte!
Nessa terra de tão grande messe.

Nosso sino badala contente
A chegada de nosso pastor
É tão grande o prazer dessa gente
Em saldar-vos, senhor Pe. Heitor!

Nós pedimos a virgem Maria
Neste dia que fica na história:
Para vós, para nós alegria.
Num futuro de paz e de glória!

Através do vigário nós vemos
Jesus Cristo habitando entre nós:
Nos sorrisos conosco teremos,
Certamente na dor mais atroz.

Es porque Tabuleiro hoje exulta
Com harmonia tão bela e geral:
Desde a serra opulenta e tão inculta,
Às belezas dos carnaubais!

O Coral Menino Jesus de Praga era formado por jovens tabuleirenses, cujos integrantes cantaram pela última vez juntos na posse do Prefeito Pedro Moreira de Almeida, em 1970, registrado na foto abaixo:



Figura 5 – Coral Menino Jesus de Praga – 1970.
Púlpito da Igreja Matriz – Igreja Nossa Senhora das Brotas.
Fonte: Acervo fotográfico de Maria José de Moura.

Foi, porém, em junho de 1958, que o Município foi finalmente instalado, contando nos 12 primeiros anos, com os seguintes prefeitos: Olímpio Agostinho Maia (prefeito interino por 9 meses), Manoel Guerreiro Gondim, (1959-1962), Raimundo Rodrigues Chaves (1962-1965), Alcides Monteiro Chaves (1966-1969), e Gerardo Nunes Malveira, (1970-1973).

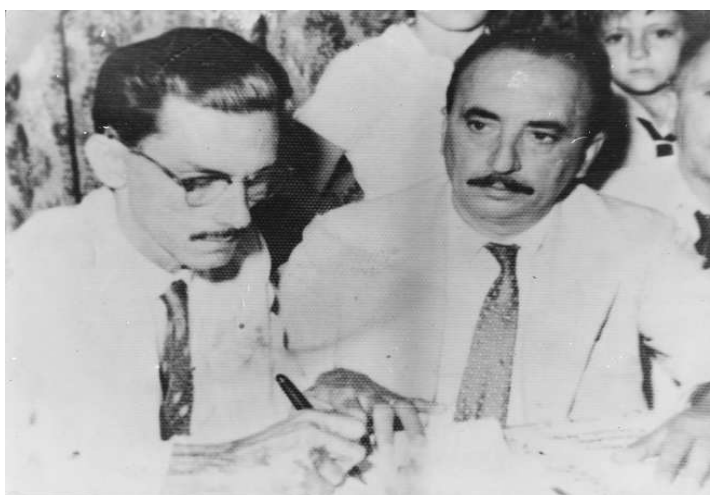


Figura 6 – Posse do Prefeito Interino – Olímpio Agostinho Maia.
Ao seu lado Manoel de Castro – 8 de junho de 1958 no Grupo Escolar Avelino Magalhães às 16h.
Fonte: Acervo fotográfico de Jesus Moreira de Andrade.



Figura 7 – Mesa do Cerimonial de Posse do Prefeito Interino.
Da esquerda para a direita: Francisco Moreira Filho, Otacílio Batista, Olímpio Agostinho Maia e Manoel de Castro.

Fonte: Acervo fotográfico de Jesus Moreira de Andrade.

Em 1957, cria-se mais uma cidade no Vale do Jaguaribe. A lei estadual aprovada em 13 de setembro, em seu artigo I, eleva o distrito à categoria de município, pela denominação de Tabuleiro do Norte.

2.2 E como vai o Tabuleiro hoje?



Figura 8 – Vista aérea da Igreja da Matriz – Nossa Senhora das Brotas
Centro da cidade.

Fonte: Domínio Público.

Dentre os atuais 184 municípios que formam o Estado do Ceará, de acordo com o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), Tabuleiro tem um índice de desenvolvimento global de apenas 28,56, fazendo parte do grupo 3. Cidade pequena, sua economia se baseia nas pequenas indústrias ligadas ao setor metal-mecânica.

Com uma população residente de 27.058 pessoas (segundo o Anuário Estatístico do Ceará de 2002/2003), a área rural sofre o processo de migração para a sede do município onde reside a maior parte de seus habitantes, sendo este um número balanceado de homens e mulheres. As dificuldades no trato com a terra, o clima seco levaram apenas 11.246 pessoas a residirem na zona rural. A população de pessoas da terceira idade é consideravelmente feminina, peculiaridade que pode ser associada pela garra da mulher nordestina, esposa, mãe, sempre pronta a enfrentar as dificuldades que a vida nas comunidades do interior traz. Essa diferença é amenizada na zona rural, onde a vida é mais tranqüila, a amizade dos vizinhos e o manejo com a terra fazem do dia-a-dia, de quem já ultrapassou os 70 anos mais ativo do que aqueles de quem convive com a correria e o descaso da vida urbana.

Provados nos rudes trabalhos da roça em busca de subsistência, sem tempo, sem condições, o analfabetismo é realidade no município. Das 21.671 pessoas em idade ativa de trabalho, 3.947 têm menos de um ano de instrução ou nenhuma instrução, tendo 6.547 de 1 a 3 anos. Portanto Tabuleiro tem uma média de 10.494 pessoas com menos de 4 anos de instrução, o que é quase a metade de sua população.

Situado no que se convencionou chamar “polígono das secas”, Tabuleiro do Norte, integra a região do Vale do Jaguaribe, no Estado do Ceará. Espaço sócio-geográfico, marcado por uma terra e um povo produtivo, apesar do fenômeno das secas e a histórica ausência de efetivas políticas regionais que proporcionem ao povo o desenvolvimento de seu potencial físico, econômico, social e moral e a extensão da cidadania. Potencial despendido nas grandes

metrópoles, a partir de décadas de migração, considerando-se o contingente de homens e mulheres que abandonaram suas terras para aventurar-se nas cidades do sul-sudeste do país em súbito processo de industrialização.

Referendando sua história marcada pelas secas, Tabuleiro do Norte está no 87º lugar da estatística cearense nos indicadores fisiográficos, fundiários e agrícolas. Município de terras áridas, de açudes temporários, teve a precipitação pluviométrica de 579 mm no ano de 1997. Cidade de pequenas proporções tem pouco mais da metade de sua área (57,12%) utilizada para os estabelecimentos. A produção vegetal tomando por referência a produção do Estado é de 0,59% e de 0,48% da produção animal. O consumo de energia rural é de 17,65% do consumo do município. Desta forma, nota-se que no município de Tabuleiro do Norte a agricultura familiar não é desenvolvida, não havendo assim políticas estaduais para este fim (CEARÁ, 2004).

Se ainda considerarmos as disparidades nos níveis educacionais, nos índices de mortalidade infantil, no acesso domiciliar, nos salários e na sua relação com a média nacional, disparidades que vêm desde as décadas de 1970 e 1980 – período em que o Nordeste triplicou seu Produto Interno Bruto (PIB), sem que, no entanto, resolvesse seus graves problemas sociais, com destaque para a educação – até 1997, dados expostos pelo senso de 2000/20003.

A exemplo de 1970 nos coloca Bacelar (1995, 76):

No Nordeste, o crescimento econômico fez triplicar o PIB (de US\$ 20,8 bilhões, em 1970, atingiu US\$ 65,3 bilhões em 1993, medidos a preços de 1993 pela SUDENE), enquanto o produto *per capita* apenas duplicou no mesmo período (passou, de US\$ 740 para US\$ 1.486). [...] Este já é um primeiro indicador importante de que a elevação do padrão de vida não decorre linearmente do mero crescimento econômico, embora seja ainda imperfeito pois o PIB per capita esconde um dos mais graves problemas do Nordeste: a forte concentração de riqueza e, portanto, da renda nacional.

No que diz respeito aos Indicadores Demográficos e Econômicos de 1997, Tabuleiro se localiza na 69ª, tem 32 habitantes por km², possui uma taxa de urbanização de 55,59%. Tem uma receita orçamentária *per capita* de R\$ 155,55, tendo um consumo de 16,05% de energia industrial e comercial sobre o consumo total e ainda um PIB de 14,91% do setor industrial sobre o PIB total e 74,83% do PIB total no setor de serviços. É correto afirmar que a exemplo de outras cidades que compõem a região do Vale do Jaguaribe, Tabuleiro possui como principal fonte de circulação de renda os salários do setor público (CEARÁ, 2004).

De acordo com os Indicadores de Infra-estrutura de Apoio, o município tem um total de 10,010 veículos por 100 habitantes. Este último dado se destaca uma vez que sendo Tabuleiro uma cidade de pequeno porte, em número de veículos somente é superada por Fortaleza, Sobral, Ipaumirim e Limoeiro do Norte. A presença do município neste item se faz devido ao grande número de caminhões existentes na cidade. Há famílias em que todas as gerações tiveram a presença do caminhoneiro, faz parte do senso comum do município crer que a maioria das famílias da cidade tem um profissional do volante. A incidência de tão elevado número de caminhoneiros faz com que a cidade acolha todos os anos a Festa dos Caminhoneiros, quando se reúnem profissionais de todo o país no mês de setembro (Ibidem).

Com relação aos Indicadores Sociais de 1997, o município tem a sua pior análise comparando com os outros indicadores. Está no 129º lugar no ranking, possuindo uma taxa de escolarização no Ensino Fundamental de 87,09%, com uma evasão de 14,24 e 14,37 de repetência neste nível de ensino. A população conta com apenas 50,75% de abastecimento adequado de água. Ainda descrevendo os Indicadores Sociais, os dados demonstram um verdadeiro descaso para com o setor da saúde, havendo 0,74 médicos por cada 1000 habitantes e 0,19 leitos hospitalares por cada 100. Estes dados reforçam o alto índice de mortalidade infantil que é de 54,19 por mil nascidos vivos (Ibidem).

Ressalto, nesse momento, a necessidade de expor a história do povo de Tabuleiro. Uma história, no entanto, não se produz naturalmente, mas das relações que o homem, enquanto ser social estabelece com o mundo e entre si – daí tentar na pesquisa reconhecer os sujeitos sociais que estiveram envolvidos em sua formação.

Tabuleiro conta hoje com duas escolas estaduais de ensino fundamental: Escola de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, que anexou a Escola de Ensino Fundamental Manoel de Castro Filho devido à política de municipalização da educação do Estado; e Escola de Ensino Fundamental Avelino Magalhães. Possui ainda duas escolas estaduais de ensino médio: a Escola de Ensino Médio Francisco Moreira Filho, na sede, e a Escola de Ensino Médio Antonio Vidal Malveira, situada na localidade de Olho d'Água da Bica.

Financiadas pelo município, conta-se com cerca de 30 escolas nos distritos e uma escola na sede (Escola de Ensino Básico Antonio Alves Maia) que possui cerca de 1.000 alunos nos turnos manhã e tarde. A matrícula total de 4.853 alunos no ensino municipal, da educação infantil à 8ª série do ensino fundamental.

Das escolas que se situam em distritos e localidades do município, apenas 18 contam com apoio pedagógico. Destas, 5 têm apenas diretor ou diretora, 9 têm apenas coordenador e 4 possuem direção e coordenação. De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Municipal de educação Básica do Município. Dentro desta realidade, fazem parte do quadro docente 166 professores efetivos e 51 contratados temporariamente, estando estes lotados num total de 118 salas de aula e na coordenação das escolas citadas acima.

2.3 O Estado em Tabuleiro do Norte



Figura 9 – Visita do Governador Plácido Aderaldo Castelo.
Primeiro governador do Ceará a visitar Tabuleiro do Norte.

Da esquerda para a direita: Meton Maia e Silva, o ajudante de ordem do governador, Alcides Monteiro, Manoel Guerreiro, Plácido Aderaldo Castelo, Dep. Franklin Chaves, Raimundo de Castro e Silva (Prefeito de Limoeiro do Norte).

Fonte: Acervo fotográfico de Alcides Monteiro Chaves.

O desenvolvimento administrativo, durante os 12 primeiros anos de emancipação política (1958-1970), período que compreende parte dos períodos do populismo desenvolvimentista e da ditadura militar², foi caracterizado por um lento processo de melhorias urbanas, sempre iniciadas pela comunidade, devido à inexistência de recursos municipais, como deixa claro o senhor Alcides Monteiro Chaves, prefeito no período: “Quando eu era prefeito de Tabuleiro talvez não tivesse 10 pessoas com declaração de impostos.”

Embora o período de estudo perpassasse a ditadura militar, não encontrei registros de que Tabuleiro tenha vivido momentos que caracterizassem confronto com o poder

² De acordo com pesquisa feita pela Escola de Ensino Médio Francisco Moreira Filho, durante o projeto Tabuleiro tem Norte, “no ápice da Ditadura Militar, a pequena Tabuleiro do Norte era um minúsculo foco de resistência nesse imenso país. O MDB, partido de oposição ao regime militar, venceu em apenas 5 municípios cearenses. Tabuleiro foi um deles”.

estabelecido. O poder ideológico veiculado no período pode ser sentido em alguns relatos, como o do senhor Marcondes Andrade:

Antes da ditadura o movimento estudantil era muito forte, né, inclusive nós tínhamos um grêmio e disputava, a gente de Fortaleza ia parar no movimento com o nome de Parangaba, que era o nome do grêmio estudantil de Fortaleza. Quando a ditadura chegou foi quebrando tudo isso aí. [...] eu fui representante de grêmio várias vezes, né, mas uma liderança esportiva, né, porque no campo ideológico, no campo político a gente não podia avançar, né.³

Os movimentos orquestrados nacionalmente tiveram uma repercussão tímida na cidade. Se durante o populismo a expansão quantitativa de políticas públicas estava no centro das preocupações governamentais, devido, sobretudo, à nova demanda do mercado nacional e as demandas sociais por sua expansão. Em Tabuleiro restringia-se a um pequeno posto de saúde, um hospital minimamente equipado pela população, e algumas obras de calçamento e construção de barragem de açudes – quadro que se agrava durante o governo militar (Figura 10 e 11).



Figura 10 – Calçamento da rua Vicente Soares.
Construído no 1º mandato de Alcides Monteiro (1966-1970).

³ Como a ABNT não faz referência à normalização das falas dos entrevistados, optei por colocar estas no mesmo formato que as citações longas, mesmo que tenham menos de 3 linhas.

Fonte: Acervo fotográfico de Alcides Monteiro Chaves.



Figura 11 – Construção da barragem do Riacho de Zé Chaves.
Construída no 1º mandato de Alcides Monteiro (1966-1970).

Fonte: Acervo fotográfico de Alcides Monteiro Chaves.

No período pós-1964, ainda identificam-se significativas reduções de investimentos públicos preteridos em relação à iniciativa privada. Quadro decorrente das políticas de internacionalização do mercado com conseqüências importantes para o Nordeste brasileiro, ou melhor, ainda, uma parte do nordeste brasileiro, no qual se inclui o Estado do Ceará e, mais precisamente Tabuleiro do Norte.

Segundo o senhor Alcides Monteiro, então prefeito nessa primeira década,

Antes da criação do município as coisas eram deveras difíceis. Por exemplo, no plano de saúde nós não tínhamos médicos, qualquer coisa nós nos socorríamos a Limoeiro, à Russas e esporadicamente a Fortaleza. Então essa dificuldade era tão grande, que com isso, eu como voluntário de farmácia era muito solicitado pelo o povo e com a boa vontade que tinha de atender a população com meu pequeno conhecimento [...].

A luta pela construção de um posto público de saúde que pudesse atender à população passou a fazer parte da vida do senhor Alcides que passou a mobilizar a população:

Então tive a idéia de trazer um médico para Tabuleiro, mas para trazer esse médico, antes eu movimentei a sociedade, fiz ver a essa sociedade de nossa carência, de nossa necessidade [...]. Então, conscientizei o povo, para que formássemos uma sociedade, a matriz daquele hospital... A primeira etapa então foi adquirir os recursos necessários. Para dar início, procurei falar com o Padre Heitor, nosso inesquecível vigário, para que os recursos da festa do ano de 1963 fosse dividido com essa entidade [...]. Então, o padre foi decisivo, aceitou de bom grado a nossa proposta e realizado o dia da festa, a metade dos recursos foram postos a disposição da sociedade. Fizemos a reforma de uma casa que era a residência do senhor Silvério Pereira, que também cedeu junto a sua esposa num gesto de grande magnitude. E fizemos a reforma necessária no casarão, para o funcionamento diga-se de passagem de uma pequena maternidade. Essa casa maternidade foi inaugurada no dia 24 de junho de 1964.

A abertura da pequena casa de maternidade não pôs fim aos ideais dos tabuleirenses, estando seu Alcides à frente dos trabalhos. Após a doação de um terreno pelo senhor Joaquim de Lino, com 2.500 m², para a construção da futura maternidade, a população novamente se mobilizou:

As dificuldades continuavam, porque além desta colaboração já contávamos com o povo. Vale salientar que no dia 2 de novembro de 1963, dia de finados, eu sabendo que naquele dia haveria uma imensa visita ao cemitério, instalei um serviço de som no grupo escola Antônio Alves Maia, hoje onde funciona o CVT. É bom dizer que antes eu tinha espalhado, distribuído melhor dizendo, cartas para todos os quadrantes do município, contei com a ajuda das pessoas para distribuir essas cartas. Então no aludido dia, nós instalamos um serviço de som naquele local e começamos a receber as dádivas, foi um momento que eu até considero apoteótico. Chegava gente de todos os cantos do município trazendo seu envelope, com a sua ajuda, uma quantidade em dinheiro.

A fala de Alcides Monteiro Chaves expôs o quanto a entidade que estava à frente dos trabalhos se organizara. Toda a movimentação em busca dos recursos para a construção do pequeno hospital custou aos que estavam à frente deste movimento dedicação e esforço. A distribuição das cartas para as famílias na zona rural, o pedido de utensílios de uso geral para os cidadãos que viviam na cidade, foram atividades minimamente pensadas e desenvolvidas para atingir o ideal do grupo.

Aqui na cidade, eu fui mais audacioso, encaminhei para todo mundo na cidade um pedido já destacando. Vamos dizer, era se dirigindo a dona de casa, então solicitava meia dúzia de copos. Para outra pessoa solicitava duas toalhas, uma bandeja, um bule, um estojo de colheres, lençóis, redes. Finalmente, no prédio, no salão ficou um verdadeiro monte de doações. Com este trabalho e com a festa da padroeira, no mês da inauguração nós já tínhamos tudo quanto fosse necessário para o funcionamento de uma pequena casa de saúde.



Figura 12 – Inauguração da Casa de Saúde e Maternidade Celestina Colares (1970).
Da esquerda para a direita: Luís Gonzaga (repórter da Rádio Educadora), Alcides Monteiro Chaves (Prefeito), Gerardo Nunes Malveira, Milton Chaves (Prefeito de São João).
Fonte: Acervo fotográfico de Alcides Monteiro Chaves.

No ano de 1966, ano de eleições municipais, candidata-se ao cargo de prefeito, Alcides Monteiro Chaves – que ocupava o cargo de vice-prefeito em um mandato anterior – tendo como um dos principais objetivos, construir a maternidade. Em 30 de outubro de 1970, a população de Tabuleiro inaugura o Hospital e Maternidade Celestina Colares – nome recebido em homenagem à mãe do doador do terreno, o senhor Joaquim de Lino – juntamente com a energia elétrica do município.

Nos 12 anos, que compreendem o nosso estudo, Tabuleiro conquistou uma casa maternidade, por iniciativa de seu povo; um comércio de característica agrícola, mesmo em

estradas carroçais, isto em meio à acelerada, mesmo que dependente, industrialização nacional.

Destaco ainda o fato de tratar-se de uma cidade de atividade e transporte agrícola sem que isso repercutisse em investimentos por parte dos governos nacional e estadual. Sem a construção de estradas internas, ligando Tabuleiro aos demais municípios da região e de outros estados, restavam estradas carroçais até as rodovias para o transporte daquilo que seu povo produzia e para as suas atividades comerciais externas. O comércio da carnaúba muito desenvolvido na região é lembrado por Marcondes Andrade:

A carnaúba teve uma parte econômica muito grande na região toda, inclusive tinha uns coronéis, grandes proprietários de terra, de carnaúba, quando a arrouba era comprada a 500 dólares, hoje são 10 reais. Quando Tabuleiro passou a cidade já estava no declínio do ciclo, mas ainda movimentava muito o comércio.

No setor educacional destacam-se alguns casos em que a contratação de professores era feita sem contrato escrito, por meio da palavra, que tinha o mesmo valor jurídico para o senso comum do que o contrato escrito. A abertura de salas de aula, de acordo com os entrevistados, dava-se pela organização das comunidades que reivindicavam uma professora para a localidade na sede do município, e a contratação ocorria pela demanda no número de alunos. As matrículas para a formação das salas de aula, muitas vezes, eram feitas pelas próprias educadoras que, atingindo certo número de alunos, eram contratadas pela prefeitura. Mesmo na sede do município, as aulas eram ministradas na sala da casa da professora.

A gente fazia a matrícula e se a gente atingisse 15 alunos, ele (prefeito) deixava a gente lecionar na casa da gente. Aí ele pedia que a gente levasse, a gente levava de mês em mês lá na prefeitura pro prefeito olhar aquela chamada, o prefeito a pessoa encarregada, a secretária lá da prefeitura, a gente levava, ela olhava aquele livro de chamada e dizia tudinho, quem estava faltando. E às vezes ele, o prefeito, ia na casa da gente fiscalizar. (Zelaide Gondim Andrade).

Alcides Monteiro, nesse tempo ele era prefeito, queria aumentar o número do professorado, então ele foi um dia lá no Genipapeiro perguntar se eu aceitava ir. A gente concordou, eu vim para cá em 1961. (Irene Saraiva).

2.4 As políticas de financiamento

As políticas de financiamento para o nordeste sempre foram escassas e não respondem à demanda. Sousa (s/d) relata que, em 1950, a porcentagem de analfabetos era de 69% e, que nos quadros da zona rural esse percentual se agravava ainda mais pela dificuldade em instruir-se, uma vez que havia aproveitamento das crianças para ajuda na agricultura.

No que diz respeito à escola pré-primária no Ceará, o que se convencionou chamar jardim da infância, quase não existiram devido à falta de condições de instalações satisfatórias e do desenvolvimento de atividades educativas aconselháveis ao desenvolvimento perfeito da criança e sua completa e satisfatória integração no meio social.

Para Sousa (s/d), o Ceará não possuiria a escola de que o cearense necessita para viver o desafio de sua terra. De aspecto livresco, o conteúdo escolar não lhe tornaria capaz de resolver suas dificuldades diárias no contato com a terra. A singularidade de seu clima e de sua gente, nega uma escola pensada por outra gente e para um outro povo. O Ceará necessitaria de uma escola que atendesse às suas peculiaridades.

No Ceará, o ensino primário apresentava um aspecto livresco, rotineiro, desintegrado da realidade sócio-comunitária bem mais que em outras partes do país, devido a seus constantes problemas com estiagem, aliada ao completo desinteresse por parte das autoridades responsáveis. O despreparo daqueles que ocupava os cargos relacionados à educação, sem ter uma inter-relação com a mesma, não estimulava, sequer orientavam os rumos da educação,

deixando a educação cearense relegada ao abandono, com graves problemas de ordem de organização e planejamento.

Sem plano de conjunto, sem prédios e sem instalações, sem programas e sem horário que atendam aos modernos anseios pedagógicos, sem objetivos definidos, a educação, no Ceará, está praticamente relegada ao abandono, embora os gastos com o ensino primário atinjam montantes apreciáveis. (SOUSA, op. cit., p. 100).

2.5 Primeiras aproximações com o saber: a professora particular

Embora limitada, o primeiro meio de escolarização a que muitos cearenses tiveram acesso foi a escola particular em casa. Embora leigas, as professoras iniciavam as crianças na leitura e na escrita e as tornavam conhecedoras da tabuada. Muitas destas professoras eram contratadas pelos pais de alunos para virem até suas casas, quando estes podiam pagar mais por este privilégio. Em outras situações, a professora montava uma aula em casa onde recebia os alunos, menos afortunados do que aqueles que tinham acesso ao saber em casa, porém não menos privilegiados pela preciosa aquisição, como afirma Gumercindo Cláudio Maia:

Para alguns pais bastava aprender a ler e contar o resto não tinha importância. Só passei um mês também, e era de noite, passava muita água nesses caminhos. Quando foi em 40 eu voltei a escola, ai não, ai eu não sei porque já tinha 20 anos e não sabia fazer uma conta de somar. Meu pai comprou pra mim uma aritmética, Aritmética Elementar, bem baixinho o livrinho, ai eu vinha só com esse livrinho na mão pra escola de Cândido Moreira que era professor, e ele sabia todas as operações, né, então eu ficava só fazendo conta. Passei também pouco tempo, ainda tenho o caderno guardado, a gente aprendia a fazer as contas, as 4 operações. Me desenvolvi bastante em contas.

A escassez de escolas no então distrito de Tabuleiro d'Areia levou alguns pais, preocupados com a escolarização dos filhos, a requisitarem a ajuda de uma professora particular que ensinavam a Carta de ABC.

A minha primeira escola que eu estudei, foi uma escola particular, aquela escola da cartilha do ABC, na casa da professora, ela chamava Arlinda Chaves, só que foi poucos meses. (Dona Artemisa).

Minha primeira escola foi uma escola particular, uma escola na casa do professor, o nome da professora era Judite morava ali onde começa o Bairro da Passagem. Era uma escola que ensinava a carta de ABC, depois o alfabeto, depois as vogais, passava a aprender as sílabas, só que naquele tempo era na base da decoreba tinha que gravar. (Antônia Rodrigues).

Nessa escola o professor era Gilto Mariano lá no Saco do Barro, terra quente pra danar, mas não tinha isso não. Tinha que ir. Lá na escola a gente passava também só numa salinha bem pequenininha e era quase só a família dele que estudava lá na escola. Estudava assim e a classificação dos alunos era na hora do argumento, ia pra carta de ABC ia subindo o nível até chegar no mais alto. Lá tinha palmatória também. (Gumercindo Cláudio Maia).

O método de aprendizagem utilizado na escola particular conforme os relatos dos entrevistados eram: lição, argumento e palmatória. Sendo a palmatória e o argumento aqueles que mais impressionavam os alunos. Os detalhes contados demonstram o quanto este método estava na escola da época e como permaneceram na memória de cada um deles.

O método de aula da professora Judite era ler com os alunos e pra saber se tinha aprendido uma letra ela cobria as letras com uma pedaço de papel com orifício e cobria as outras letras pra que eu dissesse qual era a letra que ela estava querendo saber. Para avaliar se eu estava aprendo, tinha que dizer. Eu acho que para avaliar a professora tinha uma certa intuição. Já conhece as letras, já escreve crônicas ditadas sem errar, aí já passava para a Cartilha. Aí quando a gente entrava para outra escola, já sabia ler, escrever e contar. Na sexta-feira ela dizia: hoje tem argumento. Então esse argumento era perguntar, fazia a pergunta. Uma pergunta, o aluno respondia. Se não soubesse, passava para outro sem repetir a pergunta. Tinha que prestar atenção, ela não repetia a pergunta, de forma alguma, se não respondesse,

palmatória, ganhava bolo. Então essa era a nossa avaliação, castigo. (Antônia Rodrigues Maia).

O conteúdo de ensino girava em torno da leitura, da escrita e da tabuada como já frisado acima, não havendo assim conteúdos de outras disciplinas como estudos sociais e ciências.

Depois da Carta de ABC a gente passava a estudar na Cartilha. A minha primeira Cartilha se chamava a Cartilha do Povo. Eu não me lembro do autor, ela começava com as vogais, com os encontros vocálicos, as sílabas, formando as palavras com as sílabas. As palavras eram somente de sílabas da mesma família, no final da cartilha é que formava palavras com famílias diferentes. Tinham textos, até compridos. Eu lembro que tinham umas expressões que hoje chamam de trava-língua, por exemplo: “o rato roeu a roupa da Rita”. Tinha mesas, cadeiras, nesse tempo não tinha ainda quadro-verde, a professora escrevia tudo em folhas e dava pra gente. A gente deixava o caderno de classe e levava o de casa, ela ficava com um e a gente levava o outro. Começava cobrindo o alfabeto. Primeiro cobria o ABC. Depois, quem não conseguia a professora pegava na mão pra cobrir, depois pegava na mão pra escrever. A nossa caligrafia era personalizada na caligrafia da professora, sempre era a letra dela. (Dona Antônia).

A primeira escola que eu fui, foi a escola particular, quase em frente a minha casa. Era aquele negócio de “BA”, depois ela passava para três letras “BAI”, era soletrar que chamava, depois era formar as sílabas, depois a silabação. Depois pegava aquelas sílabas e começa a formar as palavras. Essa escola era aqui na sede na casa do professor mesmo. (Dona Alaíde).

2.6 A casa da professora: retratos da educação do município

Enquanto distrito de Limoeiro do Norte, Tabuleiro contava com um número pequeno de escolas como fica claro nas palavras de seu Alcides, (ex-prefeito municipal):

Quando Tabuleiro era distrito de Limoeiro o número de escolas municipais era reduzidíssimo. Talvez se tivessem 10 em todo o território do então

distrito de Tabuleiro do Norte, era muito. Então com a criação do município, aí não, é tanto que o município foi criado em 1958 e quando deixei a prefeitura pela segunda vez já tinham muitas escolas municipais.

Dentro deste universo restrito de escolas, algumas funcionavam em comunidades como: Olho d'Água da Bica, Patos, Barrinha, Gangorrinha, entre outros. A contratação de professores, quando ainda distrito, seguia a regra do Nordeste brasileiro sem contrato, apenas “apalavrado” como pronunciado pelos munícipes. O pagamento também se fazia de forma peculiar, expresso na fala de Artemisa, (ex-professora municipal):

Com 15 anos fui ensinar na Água Santa, primeiro foi na Gangorrinha. Quem me convidou pra ensinar na Gangorrinha foi o Francisco Moreira Filho na época que era vereador, então ele convidou. Tabuleiro ainda era distrito. Não lembro quanto ganhava. Sei que era mínimo e passava de 3 meses para receber. Quando recebia era assim, um vereador ia lá trazia esse dinheiro e entregava a gente. Só tinha uma coisa que a gente era muito chamada a Limoeiro que era fazer o censo, o IBGE, nessa época eu já tinha terminado a 4ª série.

O aspecto multi-seriado da escola é ressaltado por Artemisa, que lembra as longas horas de aula. O horário prolongado se dava devido ao atendimento turma a turma e à escrita nos cadernos. As aulas muitas vezes começavam ao meio dia e só terminavam às 5h30.

Na Gangorrinha eu ensinava só de alfabetização à 2ª série. Eu comecei com a 2ª, depois a 3ª, depois a alfabetização e assim por diante. E era tudo junto. Eu começava às 11 horas e terminava às 5h30 era muito difícil. Eu fazia assim, todos tinham um local, numa sala só, mais dividida. Os da 1ª num local, da 2ª em outro, da 3ª e da 4ª em outro.

A escola na casa da professora, como referido antes, é realidade que se expressa nas falas dos entrevistados. Articulado à vontade de promover a educação se faz mais forte e supera as dificuldades.

Na Água Suja⁴ eu ensinei na casa de 2 cidadãos, na sala. Primeiro na casa de Ilário Domingues, mas depois na época da safra, ele era agricultor e não dava, nem tinha condições. Então seu Ângelo ofereceu a casa dele. Era na sala da casa. Eu ia todos os dias, porque morava em Tabuleiro. Tinha 2 meninos Gerardo e Jesus que eles iam comigo, eram a minha companhia. Nós saíamos daqui 6 horas e chegávamos lá antes das 7. Esperávamos um pouquinho, começava a aula, depois saíamos às 11 horas. Lá essa escola era só essa sala, tinha bancos. Em seu Ilário foi mais fácil, lá foi mais difícil, porque não tinha muito banco. Então tinha duas forquilhas no chão, aí colocava a madeira assim deitada e servia de banco. A escola da Gangorrinha funcionava num salãozinho comunitário, só o salão. Na Gangorrinha, eu ensinava numa casa familiar de Raimundo Ernesto, saudosa memória. A sala de aula era multi-seriada. Às vezes, eu ficava, meu Deus o que vou fazer, porque eu não tinha realmente a quem recorrer, só a alguns livros, porque toda a vida gostei de ler, só agora que não estou mais gostando, a vista não deixa, não tá tão boa mais. E Deus também acho que ajudou nessa parte. (Dona Artemisa).

As dificuldades encontradas pelas professoras não se restringiam apenas ao ensino-aprendizagem, mas também na resistência dos pais em relação à escola em terras tão áridas, onde a ajuda dos filhos era vital no trabalho com a terra:

Agora o que eu encontrava mais dificuldade, porque eu não queria dar um não aos pais, era porque aqueles alunos maiores, existiam alunos de 10/12 anos, mais velhos do que eu até que não sabiam ler, era alfabetizando ainda e eles (os alunos) tinham que trabalhar. Na época da colheita, o pai aproveitava só mesmo aquele horariãozinho do meio-dia pra esse aluno estudar e vinha falar comigo. Eu tentava explicar mais eles não se conformavam, eles sentiam. Foi um trabalho difícil, até chegar no ponto, mas chegou. Depois assim de reunião com os pais, eu mostrando que era bem difícil porque um chegava com o dever numa hora, o mesmo dever o outro chegava depois. Eu passava a tarde toda, toda, e, de manhã eu ficava preparando, escrevendo. (Dona Artemisa).

A relação da professora com a comunidade se fazia através do respeito pelo “saber”, bem como de dependência. A convivência da professora primária com a comunidade com que convivia, na maioria das vezes, era de ajuda mútua, haja vista sua ajuda na leitura das receitas passadas pelo médico, na leitura e escrita de cartas dos entes queridos que viviam distantes ou

⁴ Segundo a tradição oral o toponímio Água Suja advém de uma violenta guerra entre nativos e colonos. Os corpos abatidos foram depositados no lago para serem decompostos, sujando as águas do reservatório natural da localidade. (Arquivo da Escola de Ensino Médio Francisco Moreira Filho por ocasião do Projeto Tabuleiro tem Norte, desenvolvido em todas as escolas da cidade).

mesmo nas novenas e terços que faziam parte dos ritos católicos das comunidades. A baixa escolaridade no período em estudo faz dos educadores personalidades muito respeitadas. O conhecimento era visto como apropriação de poucos, e tornava a professora uma figura admirada por todos. As pessoas projetavam na pessoa da professora visão de um ente familiar. O respeito com o qual eram tratadas era o mesmo que os alunos tinham para com seus pais e familiares mais velhos. Nos relatos de algumas entrevistadas, foram mencionadas comunidades em que os alunos tomavam à benção as professoras.

O tratamento dos pais comigo era ótimo. Eles me tratavam bem até demais. As crianças me tomavam a benção. Era assim e a gente se sentia bem apesar de não receber dinheiro, a gente se sentia gratificada pela amizade que eles tinham, mostravam que gostavam da gente, tinha respeito. [...] Era muito difícil, mas era muito boa, uma experiência assim de trabalhar com a comunidade porque lá as pessoas depositavam a confiança na gente. Eles viam para o médico e quando passava uma receitinha eles viam pra gente dizer como era que tomava o remédio, as novenas era a gente que fazia. (Dona Artemisa).

O caráter público das escolas não credenciava a participação de todos da comunidade. O trato com a agricultura, no semi-árido cearense, deixava ao homem do sertão mais calos nas mãos e no rosto do que o dinheiro necessário a sua sobrevivência. Embora disponível, a escola não era acessível, uma vez que eram necessárias condições para o ingresso. O material mínimo necessário para ingressar na escola muitas vezes privava alguns do convívio com o ambiente escolar, em função da miséria em que se encontravam algumas famílias. Sobrevivendo apenas do que plantavam, não dispunham de recursos para assegurarem a ida dos filhos a escola.

Enquanto eu estudei, o material era comprado, adquirido pelo aluno. Acho que essa era mais uma condição de não ser universalizada a educação. Mais um motivo porque nem todo o aluno podia comprar o material, o lápis de cor, lápis de escrever, borracha, cadernos, livros, canetas nem todo pai podia comprar. Uma pasta também pra levar as coisas, uma régua. Cada um tinha que possuir o seu material escolar. (Dona Antônia).

O material dos alunos eram eles que compravam. Nessa escola os alunos utilizavam o caderninho, lápis, borracha e a cartilha quem já estudava a 1ª série. Eu não me lembro se tinha livro. A Cartilha eu comecei no Povo, depois passei para outra. (Dona Artemisa).

Embora, como dito acima, a maioria das pessoas simples, sem recursos tenha ficado fora da escola pela dificuldade em manter-se, mesmo tendo uma participação ativa em todo o processo. Os atores sociais da história da educação de Tabuleiro do Norte falam com orgulho do trabalho feito para o desenvolvimento desta. É recorrente em conversas informais com pessoas da terceira idade – participantes ativos deste processo – o engrandecimento desta iniciativa. As primeiras aproximações com o que pensam os atores sociais destacam um povo alegre, festivo, acolhedor, que tem orgulho de sua terra, de sua história construída da interação de forças.

3 A PARTICIPAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE TABULEIRO DO NORTE NA CONSOLIDAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos.

(Ecléa Bosi)

3.1 Educação e educação escolar: do distrito de Tabuleiro d'Areia ao município de Tabuleiro do Norte

O município de Tabuleiro do Norte, como já exposto, tem uma povoação antiga e a educação sempre foi marcante, desde quando ainda era vila/distrito. A riqueza e multiplicidade de fatos contados por aqueles que direta ou indiretamente estiveram envolvidos com a construção do sistema educacional de Tabuleiro do Norte levou-me a optar por uma narrativa que enfatizasse suas falas.

Quando Tabuleiro d'Areia era distrito de Limoeiro do Norte, as dificuldades eram enormes. Para promover a educação, o distrito contava com algumas professoras municipais até o 4º ano. Geralmente, elas passavam a residir no local devido à distância da sede do município. Alguns anos depois, com algumas tabuleirenses já formadas – até o 4º ano –

supriu-se a demanda que crescia aos poucos. Os moradores que desejavam continuar seus estudos além do primário tinham que se dirigir às escolas de Limoeiro.

Antes de se formar a cidade, nós éramos um distrito dependente de Limoeiro do Norte que nessa época tinha subprefeito, inclusive meu pai Sinério Franklin de Andrade foi o último subprefeito junto com Sabino Roberto de Freitas. A nossa educação tinha que ir por Limoeiro porque aqui a gente fazia só até o 5º ano primário, mesmo quando Tabuleiro tornou-se cidade continuou essa dificuldade. (Marcondes Andrade).

3.2 As primeiras escolas

As primeiras escolas do município de Tabuleiro, que não tiveram caráter domiciliar, tanto públicas, quanto privadas, foram construídas a partir de ações desencadeadas pela comunidade, das quais falo daqui pra frente.

A educação acontecia de forma diferenciada na zona urbana e na zona rural. Na zona rural existiam escolas nas comunidades, funcionando em capelas, salões comunitários, galpões e em casas de famílias. Essas casas serviam de moradia e de local de acesso à educação daqueles que moravam nas comunidades circunvizinhas. Embora a prefeitura municipal enquanto poder instituído assegurava o pagamento das professoras, a escola localizada em casa de particulares, constituía-se como espaço privado.

A intimidade do interior da casa criava uma atmosfera de aceitação para uns e de rejeição para outros. As confidências feitas durante as conversas e entrevistas, relataram lembranças de fatos ocorridos no interior das escolas que funcionavam em casas de famílias. Uma das pessoas entrevistadas contou que, por conta de ter se excedido no bolo dado no filho do dono da casa na hora do argumento, quase foi expulsa da escola. Depois de descrever o fato

com minúcias, diz que por muita insistência do professor em convencer o dono da casa de que o ato não merecia expulsão, é que não deixou de frequentar a escola. Isso indica uma complexa situação de confusão entre o público e o privado, que acontecia e acontece na execução dos serviços públicos/políticos.



Figura 13 – Escola Municipal na sede do município na casa da professora Zelaide Gondim Andrade.
Em 6 novembro de 1963.

Fonte: Acervo fotográfico da senhora Zelaide Gondim Andrade.

A construção de grupos escolares, como destacado anteriormente, partiu da mobilização de alguns tabuleirenses que buscavam a disponibilização do conhecimento escolar para a comunidade.

Desde essa época, surgiram preocupações por parte dos idealistas, a fim de fundar locais mais apropriados que viessem a atender às necessidades. [...] Foi assim que surgiu a construção daquele Grupo Escolar na rua Maia Alarcon, mudando-se depois para a rua Cel. Pio Gadelha, tendo como primeiros professores Raimundo Afonso Coelho, Francisca Zuleide Oliveira, Elsa Dantas, Cândido Moreira Maia, Maura Magalhães Maia e outros. (MOREIRA DE ANDRADE, 1980, p. 47- 48).

De acordo com Moreira de Andrade (op. cit.), foi a partir de 1935 que começou a funcionar uma pequena escola integral (Escolas Reunidas⁵), tendo como professoras Alba Craveiro Costa e Judite Barros, professora do município de Limoeiro do Norte.

Antes de Tabuleiro ser cidade tinha escola. As professoras viam de fora e ficavam na casa de algum cidadão de mais posse porque, nessa época pra conversar com uma professora formada era uma dificuldade só, era muito considerada. Judite Barros foi uma das primeiras, mas passou pouco tempo aqui. (Dona Zelaide).



Figura 14 – Professora Judite Barros, 1947.

Fonte: Acervo fotográfico da senhora Zelaide Gondim Andrade.

Em 16 de julho de 1941, essa escola municipal passou a ser estadual, por intervenção das pessoas do lugar que escreveram cartas ao governador, explicando a demanda, listando nomes, solicitando a referida escola. O senhor Avelino Magalhães, então inspetor escolar, teve participação significativa nessa campanha que teve a colaboração das pessoas de um modo geral.

⁵ Segundo Sousa (s/d) as Escolas Reunidas eram unidades escolares abertas para o ensino primário elementar no Ceará, o qual não preparava o aluno para o exame de admissão, este era oferecido apenas nos grupos escolares. As Escolas Reunidas se localizavam tanto na capital como no interior do Estado e careciam de assistência tanto didática como de infra-estrutura, a exemplo das outras unidades, denominadas de grupos escolares.

Então, o município contou com uma escola estadual financiada pelo Estado do Ceará, e funcionava num pequeno prédio sem acabamento nem portas, dividido em três compartimentos, na região onde hoje é o centro da cidade. Essa escola foi a primeira a ser instalada. No entanto, o financiamento do Estado se restringia ao pagamento de professoras e as condições precárias do imóvel duraram por muito tempo. Em 1946, essa escola passou a ser designada por Escolas Reunidas Avelino Magalhães. Anos depois, troca de nome pra Escola de 1º Grau Avelino Magalhães, em homenagem ao seu primeiro inspetor escolar, um dos protagonistas do movimento de criação da referida escola.



Figura 15 – Foto das Escolas Reunidas – 10 de janeiro de 1936.
Primeira escola do distrito de Tabuleiro D'Areia.

Fonte: Acervo fotográfico da Escola Avelino Magalhães.

Encontrei no relato de Dona Artemisa, ex-professora municipal e aluna desta escola, a caracterização detalhada das Escolas Reunidas. Ela fala, em meio ao riso, da alegria e empolgação em estudar num “grupo escolar”. Segundo ela, os alunos achavam a escola maravilhosa em comparação à escola da sala da casa da professora:

Eu fui para as Escolas Reunidas, a única escola pública que nós tínhamos em Tabuleiro. Eu tinha 7 anos na época. Lá eu permaneci. Fiz da alfabetização até a 4ª série. A 4ª série eu repetir 2 vezes porque eu não queria parar e nós

não tínhamos a 5ª série. Então eu pedi as professoras e elas deixaram eu repetir. Eu estudei nas escolas reunidas. A 1ª professora com que eu estudei foi madrinha Maura Magalhães. A 2ª foi Lourdes e a 3ª foi D. Odete, a 4ª foi Maria Digna e a 5ª foi Rosina. As Escolas Reunidas tinha duas salas de aulas. Era assim repartida por uma tábua. Eram 2 salões, no centro tinha entrada. Lá atrás tinha banheiro, tinha um quartinho, despensa, uma mini-cozinha. Na época nós achamos uma coisa muito boa, muito bacana, melhor do que a casa da professora. Nós já estávamos assim, por exemplo, a professora de alfabetização, nessa época a gente estudava na cartilha, a Cartilha do Povo, recorro demais. Os instrumentos que a professora usava eram o quadro-negro e o giz, tinha carteira, umas carteiras fracasinhas mais tinham.

No período em estudo (1958-1970), Sousa (s/d) destaca o estado precário em que se desenvolve a educação cearense. O ensino primário, ainda para poucos, apresentava um aspecto livresco, rotineiro, desintegrado da realidade sócio-comunitária, com professores miseravelmente pagos e desassistidos materialmente. No que diz respeito à infra-estrutura, as escolas geralmente não tinham instalações próprias, e quando tinham não ofereciam nenhum conforto, com precariedade desde as salas de aula às instalações sanitárias.

É que a má política invade o âmbito educacional cearense. Homens, não afeitos aos negócios da educação, ocupam os postos-chaves daquele importante setor. Alheios ao problema, não orientam, não fiscalizam, não estimulam. Sem plano de conjunto, sem prédios e sem instalações, sem programas e sem horários que atendam aos modernos anseios pedagógicos, sem objetivos definidos, a educação, no Ceará, está praticamente relegada ao abandono, embora os gastos com o Ensino Primário atinjam montante apreciável. (SOUSA, s/d, p. 100).

Ainda distrito, Tabuleiro contava com algumas escolas em “casas de família” que abrigavam alunos de todas as idades.

Antigamente, a escola começou, era muito pequena. Começou a escola em casa de família. As professoras eram Dona Zuleide, irmã de Grioleide. E teve umas professoras de Limoeiro, Alba Craveiro e muitas outras. Antes da emancipação, foi inaugurada essa escola, onde hoje é o CVT, um grupo escolar aí, era sede própria, era uma escola que cabiam todos os alunos. (Gumercindo Cláudio Maia).

A escola relatada por seu Gumerindo é também referida por Dona Zelaide (ex-professora municipal), que lembra que quando construíram a escola ainda não havia a praça da Matriz: “Era somente areia, muita areia onde hoje é a praça da igreja Matriz, não tinha nada ali ainda. A escola ficava em frente da casa de meu pai, a gente atravessava pra ir pra aula.”

É evidente a valorização do saber pelas pessoas do lugar para as quais o simples fato de conversar com uma professora ou de recebê-la em casa era tarefa que poucos estavam dispostos a fazer.

Antes tinha as Escolas Reunidas, mesmo antes de Tabuleiro ser cidade, as professoras viam de fora. Veio D. Leonila e Judite Barros, vieram ensinar aqui em Tabuleiro. Primeiro quem veio foi D. Leonila no ano de 1945/46. Aí ninguém queria receber ela porque naquela tempo professora era um bicho papão, muito considerada. Terminou o ano ela foi embora, não quis mais voltar. Aí quem veio foi Judite Barros, ela é filha de Limoeiro. Nesse tempo madrinha Maura já tinha chegado, já tinha Maria de Lourdes que terminou o 1º grau em Limoeiro na Escola Normal, aí arranhou um contrato, acho que pelo Estado porque hoje elas são aposentadas pelo Estado. Aí veio Maria Digna.

3.3 A professora leiga: perfil do docente primário

A imensa dificuldade, ou mesmo o descaso, dos governantes cearenses em desenvolver a educação nessas terras áridas se traduzia numa escola carente de professores formados. A necessidade de alfabetização do sertanejo, a demanda lenta, porém crescente, levou a disseminação de uma classe de professores leigos, muitos dos quais haviam, freqüentado, apenas o primário. “Quando fazia a 4ª série tinha aqueles alunos de alfabetização

e de 1ª série com muita dificuldade. Aí madrinha Maura me convidou pra colocar uma escolinha particular pra esses alunos, eu tinha terminado o 4º ano.” (Dona Artemisa).

A exemplo do contexto cearense, Tabuleiro contou com professoras leigas que de início, vinham de Limoeiro. Aos poucos foram se formando pessoas do lugar, o que facilitou o acesso dos alunos à escola já que o número de docentes estava aumentando.

Em 52 eu passei e fui pra 2ª série, depois 3ª, depois 4ª. Depois ia ter o 5º ano. Com o 5º ano já podia se considerar professora. Já recebia um diploma de professora, que por sinal essas professoras que ensinavam na escola pública, dona Maura, Lourdes elas só tinham o 5º ano. (Dona Alaíde).

Ao terminar o 5º ano era expedido um diploma de professora, por meio de cerimonial simples de colação de grau estas já se encontravam aptas a ensinar:

A gente recebia um papelzinho, um diploma que era dado pelo inspetor escolar, eu não me lembro quem era o inspetor. Quando eu terminei o 5º ano teve a colação de grau. Chamava-se sessão, tinha uma ata, fazia a ata. Eles colocavam um aluno para cantar, outro para recitar uma poesia, pra fazer qualquer coisa. Uma reunião pra entregar o boletim pra dizer se o aluno passou ou não passou.

A forma de avaliação feita nas escolas sofreu alterações no período em estudo, que compreende 12 anos depois da emancipação política. A avaliação da professora particular consistia do argumento, método coletivo que procurava avaliar o conhecimento apreendido pelo aluno, no qual o castigo para a não apreensão do conteúdo era a palmatória – quando Tabuleiro ainda distrito de Limoeiro do Norte.

Após a emancipação, com o desenvolvimento da educação no município, a avaliação nas escolas da zona rural era feita através dos grupos, forma rápida de avaliar um determinado número de alunos de uma única vez. Nas escolas da sede do município, a prova já fazia parte da rotina, esta era copiada no quadro, escrita em folhas de papel pardo. Fazia parte também da

avaliação a assiduidade, o asseio e o comportamento. Os aspectos avaliativos estavam além da nota, Dona Alaíde indica esta questão. “Nessa época a nota não era só o 10, era tudo, comportamento, assiduidade, asseio, quem tirava o ótimo estava muito bom.”

Desprovidas de formação adequada, as professoras leigas projetavam em suas salas o mesmo método aprendido com suas professoras e na postura docente a imitação do que foram suas professoras.

A escola da Água Santa⁶ tinha pouca diferença das escolas que estudei. Eu era professora leiga fazia a 7ª série a tarde e ensinava à noite. Eu ensinava as séries do primário todas juntas. Depois apareceu uma professora na casa de Ana Maria Maia de Zé Sabino e ela ficou ensinando a 1ª e a 2ª. Parece que ela tinha feito a 3ª série, e à noite ela fazia a 4ª comigo. De tarde ensinava e de noite estudava. (Dona Antônia).

Na sede do município, para ser professora era necessário ter o 5º ano. Na zona rural, com todas as dificuldades de locomoção e a falta de professoras “formadas”, a realidade era outra. Enquanto dava aulas a alunos de séries menores algumas professoras estudavam as séries subseqüentes, como citado na fala acima.

Mostrando a característica de cearense devoto, que acredita na intervenção divina em todas as horas, algumas professoras ao se referirem às enormes dificuldades no trato com as classes multi-seriadas, clamavam a intervenção divina na aprendizagem dos alunos.

⁶ Os entrevistados se referem à Água Santa e Água Suja com frequência. Os 2 nomes denominam a mesma comunidade, segundo pesquisa feita na Escola de Ensino Médio Francisco Moreira Filho, no desenvolvimento do projeto “Tabuleiro tem Norte” (maio de 2005).



Figura 16 – Alunos da Escola Monsenhor Otávio da Comunidade do Rancho Nossa Senhora. Comemoração no Dia das Crianças na Escola da Gangorrinha. Casa da professora Maria Raimunda (ao fundo) e alunos da professora Artemisa.
Fonte: Acervo fotográfico da senhora Artemisa.

A falta de pessoas com formação mínima na zona rural levou algumas professoras leigas a se deslocarem com o objetivo de levar o saber primário às pequenas comunidades. Muitas vezes, as professoras eram acompanhadas por alguns alunos que, por serem filhos de conhecidos, estudavam com a professora pela consideração que os pais tinham com ela. Algumas vezes as professoras tiveram de trocar de comunidade por problemas ocasionados na comunidade.

Eu ensinava na Água Suja, quando houve um problema com a professora da Gangorrinha e a comunidade. Aí o Francisco Moreira me pediu para ir para lá. Aí me dificultou mais, porque eu tive que ir morar lá. Era muito longe, não dava para ir e voltar. Eu achei ruim, mas tive que ficar e fiquei. (Artemisa).

A falta de material adequado às aulas era constante, principalmente do mobiliário da sala; os bancos eram substituídos por forquilhas – bancos à moda do sertão – que consistia de duas madeiras talhadas em forma de Y, com uma outra que as atravessava.

A ausência de planejamento, escassez de material e livros aumentava as dificuldades com as quais convivia o professor primário. As educadoras construam o dia-a-dia da sala de

aula orientadas pelas lembranças de quando eram alunas. A organização das classes dificultava o trabalho da educadora, que se organizava da melhor forma para que os alunos obtivessem os melhores resultados.

Eu fazia assim: todos tinham um local, numa sala só, mas dividido. Os da 1ª num local, da 2ª em outro, da 3ª e da 4ª em outro. Ali eu ia saindo por turma. Foi em 1954 na Água Suja, 56 Gangorrinha, em 58 eu já vim para cá pra ensinar na alfabetização, anexa ao Avelino Magalhães. Eram as professoras do Estado e eu da prefeitura. (Dona Artemisa).

As condições de trabalho eram mínimas, uma vez que a escola se caracterizava como pública, e não estatal. A prefeitura financiava o salário das professoras, mas todo o material era adquirido pelas mesmas. “Nessa época eu usava o quadro já, mas mandado fazer por mim, o giz era a gente que comprava, era muito difícil, mas eu toda a vida gostei e desejei muito a sala de aula.” (Dona Artemisa).

Segundo Dona Artemisa, na escola já existiam os conteúdos disciplinares como matemática, português, estudos sociais. A escola além do ler, escrever e contar desenvolvia alguns conhecimentos gerais em torno da história e da geografia, que se denominavam estudos sociais.

A gente ensinava tudo. Por exemplo, na cartilha, você estava lendo, você estava, nessa época a gente dizia reunindo as sílabas, aí você já ia perguntando. Olhe aqui nós formamos uma sílaba e ia contando, uma, duas, três e já ia fazendo a matemática. Ensinando a numeração, os números. Para os alunos era difícil e pra nós também, acho que era Deus que ajudava.

O material utilizado pelos alunos consistia em: 1 lápis – muitos não tinham borracha –, e 2 cadernos. O uso dos cadernos facilitava o desenvolvimento da aula. A falta do quadro-negro era suprida pelos cadernos, nos quais não se separavam as disciplinas, mas as tarefas de classe e de casa. Os alunos levavam um caderno para casa e deixavam o outro com a

professora para que este no dia seguinte estivesse com a tarefa copiada. A lembrança desta tarefa deixa Dona Antônia um pouco exaltada, resquício das longas horas passadas na escrita das tarefas:

O aluno trazia aqueles 2 cadernos para a escola. Não eram separados por disciplina, eram separados por casa e classe. Por que eram separados assim? Porque a atividade inicial, de início era feita no próprio caderno por mim. Não existia mimeógrafo nas escolas. Então o que a gente fazia? Copiava a atividade e dava pronta.

A escola participava de todos os momentos vividos pela comunidade, das rezas – muito freqüentes nas comunidades cearenses – das dificuldades, do cotidiano sertanejo, e das festividades e encontros, participando dos pequenos eventos que aconteciam. Dona Artemisa lembra saudosamente os encontros que os alunos comunidade do Rancho Nossa Senhora participavam, quando era moradora e professora desta comunidade. O espírito de ajuda mútua tão presente nas pequenas localidades sertanejas, quando seus moradores se reuniam em prol de um ideal, fazia-se presente na escola, momento em que esta desenvolvia atividades com seus alunos para apresentar nos encontros em que a comunidade estivesse reunida. Segundo a professora citada, os alunos se organizavam e apresentavam “números” de música.



Figura 17 – Homenagem dos alunos da Escola Monsenhor Otávio à Delegacia Sindical dos Trabalhadores Rurais de Boa Ventura. Casa do senhor Manoel Rodrigues.

Fonte: Acervo fotográfico da senhora Artemisa.

As apresentações dos alunos envolviam músicas criadas pela professora. Em sua entrevista Dona Artemisa lembrou da música que foi cantada na homenagem dos alunos às mães de outra comunidade, e registrada na fotografia abaixo. A letra simples e criativa foi, segundo Dona Artemisa, aprendida rapidamente pelos alunos. Ela conta que as roupas das crianças para a apresentação foram todas bordadas por ela. Os vestidos das meninas eram enfeitados na barra por enormes borboletas. As crianças cantavam e faziam os gestos que acompanhava a letra da música. Dona Artemisa se emocionou quando cantou para que eu ouvisse:

Somos nós os mosquitinhos
 Estamos sempre a avuejar
 Somos tão pequeninhos
 Não sabemos soletrar
 Nós ouvidos de qualquer um, zum, zum, zum,
 Estamos sempre a avuejar, fuim, fuim, fuim,
 Só se escuta um grande zum ou também grande fuim, trala lá, lá, lá, lá, lá.

Somos nós os mosquitinhos
 Estamos sempre a avuejar
 As bondosas mamãezinhas
 Nós viemos festejar
 Nós ouvidos de qualquer um, zum, zum, zum,
 Estamos sempre a avuejar, fuim, fuim, fuim,
 Só se escuta um grande zum ou também grande fuim, trala lá, lá, lá, lá, lá.



Figura 18 – Homenagem da Escola Monsenhor Otávio às mães da comunidade.
 Casa de Raimundo Maia.

Atrás: alunos: Juranir, Juranilda e Josias. Frente: alunos: Jurandir, Judite, Juracilda, Gláucia e Maria.

Fonte: Acervo fotográfico da senhora Artemisa.

Essa mesma apresentação, eles fizeram várias vezes. Maria Raimunda, que era professora na escola da Gangorrinha, me chamou pra ir lá na festa das mães. Nós saímos cedo. Chegando lá estavam todos reunidos. Os meninos cantaram a música, que, aliás, a letra mudava conforme a data. Ficava o refrãozinho, e a gente colocava o que estava sendo comemorado. Nós fomos também, outra vez, homenagear as mães na escola de Toinha. (risos) Nós vivíamos assim. Uma ia na escola da outra. Pra movimentar, sabe. (Dona Artemisa).

3.4 Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte: a busca pela educação dos filhos

A busca pela educação dos filhos sempre foi motivo de preocupação de alguns que, munidos do desejo do saber e compartilhando do ideal redentor emanado da educação, almejavam uma escola que desse aos seus filhos a profissionalização necessária a uma vida melhor.

A educação colegial inexistente em Tabuleiro do Norte deixava muitas pessoas longe do seu objeto de desejo. A angústia por não dar continuidade aos estudos, acometia principalmente as moças. A oportunidade perdida de estudar na Escola Normal em Limoeiro do Norte é revestida por um sentimento de desolação, percebido e compreendido nas palavras e no silêncio de Dona Artemisa.

Às vezes quem dava aula pra nós era o Dr. Xavier e ele se interessou pela minha turma. Então se ofereceu pra dar aula particular pra nós e de falar com a Escola Normal em Limoeiro pra que a gente fizesse o exame de admissão lá. E deu as aulas, mas eu não sei bem porque no dia do exame não deixaram a gente fazer, as pessoas de Limoeiro. Isso me desgostou muito, estava

empolgada pra continuar, mas não foi possível. Eu sempre desejei muito a sala de aula.

O relato de Marcondes Andrade evidencia também a realidade do deslocamento dos alunos para complementar os estudos. Alguns filhos de famílias mais abastadas freqüentavam as escolas de Limoeiro e às vezes se deslocavam a capital do Estado.

A nossa educação tinha que ir pro Limoeiro porque aqui a gente só fazia até o 4º ano primário. Mesmo quando Tabuleiro tornou cidade, continuou essa dificuldade. Então com a luta de Alcides Monteiro, que era uma pessoa ligada a CNEC, chegou aqui. Foi criada uma comissão pra esse colégio e lançaram a pedra fundamental do colégio. Eu me lembro, ainda lá dentro do mato nessa época.

A Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte teve sua fundação e instalação durante sessão solene a 26 de setembro de 1960. Tinha por finalidade a criação e manutenção de um ginásio a ser instalado na cidade em virtude da não existência do ensino ginásial no município.

Fizeram-se presentes à solenidade, vários munícipes e representantes do Estado – quando vários deputados se fizeram ouvir, sempre enumerando os benefícios que traria à referida entidade e expondo exemplos de outras entidades já criadas. Assim se fez ouvir o deputado Diógenes Nogueira, referindo-se a um outro ginásio construído na cidade de Jaguaribe, quando era prefeito naquela cidade. Entre os presentes encontravam-se os vereadores, ex-prefeitos, comerciantes. Após a reunião de instalação foi aberta uma sessão para a eleição de uma diretoria provisória, empossada nessa ocasião.

Ata da sessão solene de fundação e instalação da Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte.

Aos vinte e seis dias do mês de setembro de mil novecentos e sessenta (26-09-1960), nesta cidade de Tabuleiro do Norte presentes:

Deputado Franklin Gondim Chaves

Deputado Expedito Maia Costa

Deputado Francisco Diógenes Nogueira
 Professor Leônidas Magalhães
 Antônio Alves Maia
 Alcides Monteiro Chaves
 José Wlisses Campelo
 José Batista Gadelha
 Dimas Guedes Patriota
 Otacílio Guedes Patriota
 José Pereira de Araújo
 Manuel Guerreiro Gondim
 Cândido Moreira Maia
 Raimundo Chaves Maia
 José Monteiro Chaves
 Jesus Guimarães
 Francisco Moreira Filho

Foi pelo professor Leônidas Magalhães exposta pormenorizada a finalidade da Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte, entidade mantenedora de um ginásio a ser muito breve instalado nesta cidade, passando em seguida a presidência dos trabalhos ao deputado Franklin Chaves, que se expressou de maneira maravilhosa acerca da novel entidade, pondo à disposição da mesma os seus préstimos, comprometendo-se a trabalhar pela parte financeira da Sociedade principalmente junto aos poderes públicos, tendo encerrado a sua oração com palavras elogiosas ao professor Leônidas Magalhães, a quem coube a idéia da fundação da Sociedade e do Ginásio.

Com a palavra o Deputado Diógenes Nogueira disse da Campanha vitoriosa que fez em Jaguaribe para criação de um ginásio logo após ter assumido a Prefeitura daquela cidade. Destacou que a idéia muito elevou o nível intelectual daquele povo e terminou fazendo votos pelo engrandecimento do nosso Ginásio.

O deputado Expedito Maia Costa, com palavras eloqüentes, teceu elogios ao esplendor da escola e mostrou os benefícios que advirão com a instalação de um ginásio nesta terra. Parabenizou o professor Leônidas Magalhães pela sua idéia, conclamando os presentes para lutar pelo magnífico empreendimento.

Em seguida foi aclamada e empossada uma Diretoria Provisória para reger os destinos da nova Sociedade assim constituída:

Conselho Superior
 Deputado Franklim Gondim Chaves
 Deputado Expedito Maia Costa
 Deputado Manuel de Castro Filho
 Deputado Francisco Nogueira Diógenes
 Prefeito Manuel Guerreiro Gondim
 Francisco Moreira Filho
 Antônio Alves Maia
 Professor Leônidas Magalhães

Conselho Diretor
 José Soares Campos
 Alonso Soares Campos
 Vereador José Monteiro Chaves
 Vereador Pedro Moreira de Almeida

Acadêmico de Medicina Vandecy Soares

Diretoria

Presidente – Sub-prefeito Alcides Monteiro Chaves

Vice-presidente – José Pereira de Araújo

1º secretário – Cândido Moreira Maia

2º secretário – Edvar Chaves

1º tesoureiro – Raimundo Rodrigues Chaves

2º tesoureiro – Olímpio Maia

Orador – Otacílio Guedes Patriota

Ficou também aclamada a comissão de redação dos Estatutos da novel Sociedade composta do Deputado Franklin Gondim Chaves, Professor Leônidas Magalhães e Alcides Monteiro Chaves.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a presente sessão. E para constar, eu Leônidas Magalhães servindo de secretário lavrei a presente ata que vai assinada por todos. (TABULEIRO DO NORTE, 1960).

De acordo com registros das atas, no dia 7 de fevereiro de 1963, quando já havia sido acordado o repasse do acervo da entidade e a CNEG estava disposta a dar continuidade ao trabalho, foi constituído o setor local de Tabuleiro do Norte da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos para a construção do ginásio, que se chamaria, “Ginásio Nossa Senhora das Brotas”. Funcionava nas dependências da escola estadual Avelino Magalhães.

O ginásio funcionou no Avelino. No atual Nossa Senhora das Brotas eu nunca estudei. No prédio do colégio, estudei quando funcionava no Avelino, eu era aluna do ginásio e estudava nas dependências do Avelino. Isso em 63 na que é hoje a 6ª série. Em 1964 eu comecei a dar aula, e fazia 2ª série ginásial. Aqui já tinha o ginásio porque antes não tinha. Quando eu fui para Russas, aqui a gente só fazia até a 4ª série. Se quisesse estudar tinha que ir para Limoeiro para a Escola Normal. Fazia um exame de admissão, contratava um professor para ensinar a gente e depois fazia o exame de admissão ao ginásio. O ginásio era outro curso. Quando eu voltei já tinham fundado o colégio, com o interesse, o empenho de seu Alcides Monteiro e outros homens de Tabuleiro. (Dona Antônia).

Durante a sessão, como já relatado acima, convidados pelo presidente a se fazerem sócios fundadores do referido setor local, 108 munícipes tomaram parte da associação. Cada um deveria contribuir com a quantia de 100 cruzeiros mensais, passando em seguida à eleição da diretoria local.

Lançamos este desafio à população. A acolhida foi extraordinária. De início eu criei uma sociedade chamada Sociedade Pró-Educação de Tabuleiro do Norte. Nessa sociedade, cada sócio contribuía com 100 cruzeiros mensais, dinheiro este para fazer custeio às despesas com o ginásio. (Alcides).

Ata da Constituição do Setor Local de Tabuleiro do Norte da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG).

Pelas vinte (20) horas do dia sete (7) de fevereiro do ano de mil novecentos e sessenta e três (1963), no prédio do cine & de Setembro desta cidade, reuniram-se grande número de pessoas com a finalidade de constituir o setor local de Tabuleiro do Norte da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Presidia os trabalhos da referida sessão, o ilustríssimo presidente da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, representado este pelo ilustríssimo Reverendo Pe. Heitor de Matos Montenegro vigário desta paróquia, (em tempo digo, presidente da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, secção do Ceará). O ilustríssimo presidente deu por aberta a sessão, expondo aos convencionais o trabalho profícuo da referida Campanha em todo o território nacional e também dos benefícios que advirão para Tabuleiro com o funcionamento do Ginásio Nossa Senhora das Brotas já com um ano de existência e que com a constituição deste setor local será o referido ginásio encampado pela já aludida C. N. E. G. A exposição do ilustríssimo presidente da sessão, foi vivamente aplaudida por todos os convencionais presentes, em seguida o ilustríssimo presidente convidou em voz alta todos os presentes para se fazerem sócios fundadores do referido setor local, cujo convite foi atendido por unanimidade, tomando parte do mesmo os seguintes senhores: Manoel Guerreiro Gondim, Alcides Monteiro Chaves, Raimundo Rodrigues Chaves, Tertuliano Moreira de Alencar, Antonio Carneiro, Pedro Gomes da Costa, Abílio Moreira Maia, Xisto Pinto dos Santos, José Pereira de Araújo, Raimundo Eduardo Lima, Alonso Soares Campos, Raimundo Freire Chaves, João Macário de Freitas, Francisco Viana, José Moreira da Rocha, Manoel Paulino de Freitas, José Soares Campos, Adosmiro Monteiro Chaves, Antônio Paes de Lima, José Guerreiro Chaves, Cleudom Rodrigues Chaves, Manoel André Chaves, Raimundo Chaves Maia, Sinério Franklin de Andrade, Júlio Moreira da Rocha, José André Chaves, Ramiro Monteiro Chaves, Luís Guerreiro Chaves, Antônio Guerreiro Chaves, José Lúcio Maia, Dimas Guedes Patriota, Raimundo Epifânio Maciel, Jesus Guimarães Maia, Alcides Macário de Freitas, Pedro Viana da Costa, João Viana da Costa, José Correa de Araújo, José Olindo Chaves, Gerardo Maurício Maia, Raimundo Nonato Noronha, Vicente Soares Machado, Pedro Moreira de Almeida, Francisco Maurício Neto, Gregório Xavier Freire, Argemiro Monteiro Chaves, Otacílio Guedes Patriota, Felon Silva, Francisco Domingos Gadelha, Raimundo Alves Medeiros, Francisco Bandeira do Lima, Francisco Chagas Martins, Manoel Sabino de Moura, Raimundo correia, Joaquim maia Gondim, Benigno Alencar Maia, Felon Rodrigues Chaves, João Moreira de Sousa, José Chaves Gondim, Pedro José de Alencar, Hilário Domingos de Almeida, Olímpio Monteiro Chaves, Avelino Maia, Francisco Bezerra, José Alencar Guerreiro, André Felício Chaves, Joaquim felício Chaves, Elias de Holanda campelo, Raimundo Gadelha de Almeida, Manoel Augusto da Costa,

Francisco Alves de Freitas, Francisco Assis Ferreira, Adauto Felício Maia, Edinaldo Chaves, Cândido Moreira Maia, Natanael Oliveira Lima, Alfredo Chaves Gondim, Raimundo Gadelha de Moura, Raimundo Emílio da Costa, Francisco Alves Medeiros, André Moreira Maia, Pio Gadelha Chaves, Joaquim Fernandes Colares, João Alves Batista, Francisco de Almeida Chaves, Osmar Vítor, José Fernandes Filho, Antônio Lima Maia, Eliezer Lima Maia, Francisco Canuto Freire, Severino Gomes da Silva, Raimundo Lima Chaves, Raimundo Franklin de Andrade, Tomás Moreira de Sousa, João Soares Campos, Patrício Nogueira Maia, José Claudino do Amaral, Pe. Heitor de Matos Montenegro, Luís Noronha, Paulino Damião de Sousa, José Gondim Maia, Manoel Nunes Chaves, Edílson Cesares Bezerra, Francisco Soares freira, José Manoel Filho, Jesus Moreira de Sousa, Daniel da Luz Filho, José Batista Gadelha, Severino Cândido Maciel, depois da última inscrição dos referidos sócios que atingiu ao número de cento e oito (108), o ilustríssimo presidente da mesa fez comunicação que cada sócio deveria pagar mensalmente Cr\$ 100,00 cem cruzeiros, em seguida o ilustríssimo presidente autorizou que fosse procedida a eleição da diretoria do setor recém criado conforme os artigos 10oito e vinte do Estatuto da C. N .E. G. Compareceram como candidatos únicos que foram eleitos por unanimidade os seguintes senhores: Conselho Local: Alcides Monteiro Chaves: Presidente, Antônio Paz de Lima: Vice-presidente, Cândido Moreira Maia: secretário, José Pereira de Araújo: tesoureiro. Conselho Fiscal: titulares: Pedro Moreira de Almeida, Raimundo Rodrigues Chaves, e Pe. Heitor de Matos Montenegro. Suplentes: Alípio Franklin de Andrade, Edvardo Chaves e Jesus Guimarães Maia. Conhecido o resultado do pleito, o ilustríssimo presidente proclamou empossados os referidos membros eleitos, dando por encerrados os trabalhos, mandou que eu Adosmiro Monteiro Chaves, secretário [...] lavrasse a presente ata no livro competente que foi aprovado pro todos os membros dos conselhos local e fiscal. (TABULEIRO DO NORTE, 1963).

Os cidadãos citados acima participaram ativamente da constituição do Setor Local de Tabuleiro. Foram personagens importantes desta história. Em sua maioria agricultores, alguns comerciantes, empenhados no desenvolvimento da educação no município.

Dona Alaíde lembra da participação de seu pai como membro da Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte.

Nesse tempo tinha muitos alunos pra estudar em Limoeiro, assim como eu que fui pra lá, então Alcides pensou pra fundar uma escola aqui, um ginásio. Me lembro que houve uma reunião, papai mesmo participava da reunião pra fundar o colégio, o Colégio Nossa Senhora das Brotas. Eles fizeram aqui mesmo o exame, chamava-se exame de admissão, como o vestibular, se passasse aí podia estudar.

No que diz respeito aos órgãos públicos, a contrapartida estatal de contribuição com o desenvolvimento do ensino ginasial na cidade é constatada em atas de Reuniões da Câmara Municipal ao longo dos anos, mais sistematicamente nos anos 1960, 1970 e 1980. Durante a Primeira Sessão Extraordinária da Câmara dos Vereadores, de 20 de janeiro de 1962, foi assegurado ao referido setor local, o auxílio de importância de 100 mil cruzeiros para a manutenção do ginásio gratuito “Ginásio Nossa Senhora das Brotas.”

Ata da Primeira sessão extraordinária da Câmara dos Vereadores de Tabuleiro do Norte, do Estado do Ceará.

Aos vinte (20) dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e sessenta e 2 (1962), nesta cidade de Tabuleiro do Norte, do Estado do Ceará, no paço municipal, realizou-se sob a presidência efetiva do vereador José Pereira de Araújo e secretariada pelo vereador Pio Dias de Sousa, a 1ª sessão extraordinária da Câmara municipal deste município, especialmente convocada para o fim especial de apreciar os seguintes projetos de lei, de número um (1): que abre adssional ao orçamento vigente, o crédito especial da importância de Cr\$ 53. 300,00 (cinquenta e três mil e trezentos cruzeiros), para atender ao pagamento de dívidas de orçamentos findos; de número 2 (2) que concede o auxílio de importância de Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) para instalação e manutenção de um ginásio de ensino gratuito nesta cidade, que se denominará Ginásio Nossa Senhora das Brotas, e dá outras providencias, e finalmente o de número três (3), que concede o auxílio de Cr\$ 2º.000,00 (vinte mil cruzeiros) a associação dos escoteiros desta cidade, para a construção de sua sede própria, e dá outras providências. As quinze (15) horas compareceram [...] sala da sessão, os seguintes vereadores: José Pereira de Araújo, Pio Dias de Sousa, José Monteiro Chaves, José Batista Gadelha, João Rebouças Maia, Pedro Moreira de Almeida, Sinério Franklin de Andrade. Havendo número legal, o senhor presidente declarou aberta a sessão. No expediente foram encaminhados aos órgãos permanentes para estudo o parecer, no prazo [...] do projeto de lei de que trata a presente sessão extraordinária. Nada mais havendo a tratar digno de mensão, a sessão foi encerrada, tendo, antes, o senhor presidente convocado uma outra sessão extraordinária para o próximo dia vinte (20), às mesmas horas, neste mesmo local, a fim de discutir e votar todos os projetos de lei constantes da presente sessão extraordinária. E para constar lavrou-se a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada pelos senhores vereadores: Em tempo: a próxima sessão extraordinária foi convocada para o próximo dia vinte e 2 (22) do ciente e não dia vinte (20), às mesmas horas, no mesmo local. (TABULEIRO DO NORTE, 1962).

No dia 14 de março de 1961, aconteceu a primeira aula inaugural, ministrada pelo deputado Leônidas Magalhães, um dos mentores da Sociedade Educadora. Ocorreu nas

instalações do grupo escolar Avelino Magalhães, escola de caráter estatal onde eram ministradas aulas apenas do primário. Pela inexistência de instalações próprias, o ensino ginasial funcionou no referido grupo escolar até 1965, quando o prédio do ginásio já estava em condições de receber seus alunos. Esse nível de ensino era sustentado pela Sociedade Educadora e com dinheiro dos associados eram pagos os professores.

3.5 Da Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte à Campanha Nacional do Ginásio Pobre

Iniciado no Recife, em 1943, encampado por alguns jovens que lideravam um movimento de entidade filantrópica, a Campanha Nacional do Ginásio Pobre se propagou por todo o país, passando a chamar-se de Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (1948). Somente em 1969, Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. Os fundamentos da Campanha eram baseados nas idéias do líder político peruano Haya de la Torre, fundador das Universidades Populares em Lima. A Campanha do Ginásio Pobre iniciou suas atividades com o Ginásio Castro Alves, o primeiro de muitos. Funcionava no turno noturno em uma sala no Sindicato dos Contabilistas, transferindo-se para uma escola privada ao final de 2 anos.

Apoiados pela imprensa e pelo ministro da educação Clemente Mariani, que reconheceu a entidade, a campanha teve cobertura governamental para sua expansão, denominando-se nacional. Dentre suas finalidades estava:

- a) colaborar com o Ministério da educação e órgãos competentes estaduais, recebendo dos mesmos a necessária orientação; b) difundir o ensino fornecer material didático gratuitamente às classes menos favorecidas; c) fundar educandários gratuitos em todo o território nacional; d) assegurar assistência social aos educandos; Promover pesquisas de interesse educacional; e)

fundar bibliotecas e órgãos de caráter científico-educacional; f) interceder junto a qualquer órgão do poder público, no sentido de obter financiamento e verbas para a manutenção da campanha. (CUNHA, 1991, p. 391).

Buscando desencadear as atividades educacionais, a entidade criou vários tipos de sócios, em especial os chamados contribuintes e mantenedores, que provinham os recursos necessários. O caráter comunitário da campanha e o objetivo de expandir o ensino secundário a qualquer custo, despertou o interesse de alguns políticos no intuito de corresponder a enorme demanda deste nível de ensino, que se encontrava bloqueado por 2 motivos: pelo caráter elitista e pela separação entre o ramo secundário e o ramo profissional.

A relação entre a referida entidade e o setor político desenvolveu-se como uma parceria, com o uso indiscriminado do público. Em muitos casos, como moeda de troca de favores e benefícios para ambas as partes. As verbas públicas e as mensalidades privadas orquestraram durante muito tempo o desenvolvimento da CNEC.

O financiamento da educação no Brasil a partir de 1974, segundo Cunha (1991, p. 298), originavam-se:

De duas fontes principais: as receitas de impostos e os recursos extra-oficiais com destinação específica, resultante do salário-educação, do Fundo de Desenvolvimento Social – FINSOCIAL e do Fundo de Assistência ao Desenvolvimento – FAD. As receitas de impostos constituem a maior parte das receitas do Tesouro, principal elemento para a elaboração do orçamento de cada ano fiscal.

As verbas destinadas à educação sempre se restringiram a uma porcentagem mínima, independente do regime a que o país estava submetido. Mesmo em época mais recente de acordo com o autor supracitado, um levantamento feito em 1987 pela Secretaria de Ensino Básico, constatou que apenas 52% dos recursos federais destinados à educação estão efetivamente empregados nas salas de aula, neste estudo ficou claro um excedente de gastos

com funcionários que, por sua vez não prestavam mais serviços à Secretaria de Educação, ou seja, estavam cedidos a outros órgãos governamentais, estando a concentração desse processo justamente nos estados com maiores necessidades educacionais, em especial no Nordeste.

A destinação de recursos públicos ao setor privado se faz desde a época das escolas jesuíticas. O que se tem de novo são as formas de alocação, haja vista que ao longo da história persistam várias formas de aplicação destes recursos nas entidades privadas.

Com a simpatia da iniciativa privada, o interesse dos políticos em promover-se por seu intermédio, a campanha ampliou a rede para todos os estados 10 anos depois, com 42 ginásios e 13 colégios em 54 cidades, atendendo 20 mil alunos. A estrutura desta entidade baseava-se na cooptação das “comunidades”. O setor local era constituído por aproximadamente 100 pessoas. Aos sócios mantenedores cabia a obrigação de contribuir financeiramente e de atuar com interesse pelo desenvolvimento da escola, mesmo com os recursos advindos do Estado e dos sócios, os alunos não estavam isentos de pagarem taxas, essa isenção é estendida apenas aos “carentes”.

A construção de escolas aconteceu em vários governos, embora mais acentuada em alguns, como é o caso do Governo Vargas (1951-1954), quando a construção de escolas foi uma meta, totalizando um aumento de 53 novas escolas. Este crescimento deve-se também ao estabelecimento de subvenções obrigatórias dos governos estaduais para a instalação do ginásio. Com o governo de Juscelino Kubitschek, a campanha cresceu a passos largos graças à política de incentivo à iniciativa privada. Nesse período, o número de escolas sobe de 107 para 373. Essa façanha teve como madrinha Sara Kubitschek, presidente da campanha nos anos de 1956/1957 (SILVA, 2003). O cooptação de membros do alto escalão do governo, civis ilustres e funcionários do MEC a ocuparem cargos honrosos na diretoria da entidade faziam parte da

estratégia de desenvolvimento⁷. O Conselho Consultivo também denominado Conselho Nacional, órgão máximo de consulta da CNEG mediava as trocas políticas para obtenção dos recursos materiais e cobertura ideológica (SILVA, 2003).

A mobilização dos recursos governamentais e da comunidade pela campanha foi tão eficaz que, de acordo com Cunha (1991, p. 391), “em 1989 a CNEC era composta de 1.126 escolas, com 60% delas em prédios próprios com uma clientela de quatrocentos e cinquenta e sete mil estudantes em oitocentos e oitenta e cinco municípios.”

O aparato legal-constitucional à campanha e sua organização “comunitária” levou-a a desenvolver um grande patrimônio, composto de fazendas – sob a justificativa de escolas rurais –, hotéis de turismo, microempresas diversas e empresas de comunicação de rádio. Com acúmulo deste patrimônio, a campanha passou a ter interesses distintos dos objetivos que a levou à propagação do “ginasiano pobre”. Se a CNEC foi um produto típico dos governos populistas (SILVA, 2003), com o discurso do comunitarismo⁸ a alavancar recursos, algumas versões de seu comunitarismo sobreviveu muitíssimo bem até mesmo no governo militar.

Difundida em todo o Brasil, a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos não demorou a ser conhecida também por aqueles que estavam à frente da Sociedade Educadora de Tabuleiro. A parceria entre as duas entidades, fez-se concreta a partir do contato dos integrantes da Sociedade Educadora no intuito de a campanha assumir a frente dos trabalhos iniciados em Tabuleiro. Esse objetivo fica claro nas palavras de seu Alcides:

⁷ “No ano de 1956, foi realizado o II Congresso Extraordinário da Campanha no auditório do Ministério da Educação e Cultura, no qual estiveram presentes várias autoridades civis, ressaltando-se, entre os presentes, o ministro da Educação, Clóvis Salgado, o professor Celso Brant, o diretor do ensino secundário, professor Armando Hidelbrando, o ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, senador Parcival Barroso, cujas presenças tiveram a finalidade de pronunciamento sobre alguns convênios a serem assinados entre os poderes públicos e a Campanha: O convênio com o ministério da Educação, através do Fundo Nacional do Ensino Médio, e com o Ministério do Trabalho, através do fundo do Imposto Sindical, e com a previdência social. [...] A participação de autoridades nesse congresso é um indicativo do interesse do governo na expansão da Campanha, nesse ano, a participação de subvenções federais na receita da entidade foi na ordem de 93,3%, sendo o restante proveniente de subvenções municipais.” (SILVA, 2003, p. 106).

⁸ “O discurso desenvolvimentista, da necessidade de participação da população para a melhoria do seu nível de vida, começa a ser assumido pela Campanha, e a preocupação com a formação da mão-de-obra começa a se manifestar, oferecendo-se cursos técnicos.” (ibidem, p. 108).

Acontece que, com um ano que nós tínhamos criado a Sociedade Pró-Educação (Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte), eu tomei conhecimento da existência da CNEC. Procurei o coordenador regional do órgão, o Dr. José Lúcio Ferreira de Melo, expus o assunto a sua apreciação, acompanhado por Leônidas Magalhães que sem dúvida foi meu braço direito, que lá em Fortaleza fez todo o trabalho. Então propus ao Dr. Lúcio que a CNEC encampasse o ginásio, ele aceitou, aí fizemos a passagem de todo o acervo, que era muito pequeno, para a campanha.

De acordo com o já exposto neste capítulo, muitas foram as contribuições do órgão municipal para a manutenção da Sociedade Educadora. Na reunião da Câmara Municipal de 31 de outubro de 1963 foi destinado um terreno do patrimônio municipal a construção do ginásio.

Ata da sexta (6ª) Sessão Ordinária da Segunda (2ª) Reunião Legislativa Ordinária da Câmara Municipal de Tabuleiro do Norte, no corrente ano.

Aos trinta e um (31) dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e sessenta e três (1963), nesta cidade de Tabuleiro do Norte, do Estado do Ceará, realizou-se sob a presidência efetiva do vereador Otacílio Guedes Patriota e secretariada pelo vereador Gerardo Nunes Malveira, a sexta (6ª) sessão ordinária da Câmara municipal deste município, com uma segunda reunião legislativa ordinária no crescente ano. Às 10 horas, compareceram na sala de reunião, os seguintes vereadores: Otacílio Guedes Patriota, Gerardo Nunes Malveira, José Guerreiro Chaves, José André Chaves, Cândido Moreira Maia, Pedro Moreira de Almeida, Francisco Celestino malaquias. Havendo número legal, o senhor presidente declarou aberta a sessão. Não havendo matéria no espediente. Na ordem do dia, foram aprovadas por unanimidade, em primeira e segunda discussão, com dispensa do intestício regimental, permitidos pela casa, os seguintes projetos de lei. De início dezanove que autoriza a doação de um terreno do patrimônio municipal a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, destinado à construção do Ginásio Nossa Senhora das Brotas, desta cidade, e da outras providências, e o que cria no quadro clínico dos servidores públicos civis da Prefeitura Municipal deste município, o cargo de Assistente-Administrativo, e dá outras providências. Ainda na ordem do dia da presente sessão. Foi aprovado, por unanimidade, um requerimento de autoria do vereador Otacílio Guedes Patriota, no sentido de ser consignado na ata da presente sessão, um voto de profundo pesar pelo falecimento do senhor Antônio Vidal Gonçalves Malveira, progenitor do vereador Gerardo Nunes Malveira, atual secretário desta Câmara municipal, cujo desenlace se deu no dia 10 (10) do mês em curso, em sua própria residência, no lugar “Socorro”, no município de Limoeiro do Norte. Nada mais havendo a tratar digno de menção, a sessão foi encerrada, tendo, antes, o senhor presidente comunicado aos seus pares o encerramento do período legislativo ordinário. E, para constar, lavrou-se a presente ata, sendo lida e aprovada, vai assinada pelos senhores vereadores.

Em tempo: foi aprovada por unanimidade a ata da sessão anterior. (TABULEIRO DO NORTE, 1963).

O primeiro dia de aula foi contado por seu Alcides com o entusiasmo de quem participava do momento mais uma vez:

Tivemos a sua primeira aula inaugural no dia 14 de março de 1961, ministrada pelo saudoso batalhador Leônidas Magalhães. Me recorde muito quando saiu pela primeira vez os alunos rumo ao colégio, as calçadas se enfeitaram, os curiosos vendo aquele grupo de mocinhas partindo para o estabelecimento maior se aventurando a um futuro mais rápido.



Figura 19 – Alunas do 4º ano colegial.

Em 7 de setembro de 1972.

Da esquerda para a direita: Sílvia Helena, Maria Leni de Moura e Maria José Braúna.

Fonte: Acervo fotográfico de Maria José de Moura.

A colaboração da comunidade se deu em todos os aspectos. Os professores se empenhavam em suas aulas, embora os salários pagos representassem somas irrisórias diante do trabalho a ser feito. Parte dos professores ocupava outros cargos no município. Alguns eram médicos, outros advogados. No entanto, outros sobreviviam do salário recebido. Ao lembrar dos professores alguns entrevistados se referiam apenas ao nome de guerra ou mesmo o apelido com que os alunos os tratavam. Faziam parte do quadro de professores: Dimas

Guedes, Dr. Bezerra, Pe. Heitor, Laurismar, Dalila Machado, Margarida Bessa, Bião, Raimundo Chaves Gondim, Laurismar, Raimundo Escoteiro.

Seu Alcides passou em seu relato todo o sentimento vivido na ocasião, que, oscilava entre a empolgação e a melancolia:

O dinheiro era muito pouco, ressaltasse a boa vontade do povo que era muito grande. Os professores ganhavam uma ínfima importância, mas eu dizia pra eles. Façam de conta que vocês estão criando uma condição desses alunos galgarem uma posição melhor, de maneira que eu até me sentia muitas vezes triste ao chamar o professor para fazer o pagamento, tão pouca era a importância. Mas eles recebiam aquela importância com um sorriso nos lábios, e eu sempre dizendo vamos a frente que o trabalho é digno.

A participação de toda a comunidade resultou no atual Centro Educacional Nossa Senhora das Brotas. Como exposto acima, fundado em 20 de setembro de 1960 e instalado em 14 de março de 1962 com a denominação de Ginásio Nossa Senhora das Brotas, mantido pela Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte, que foi instalada na mesma data de fundação do ginásio regendo de início a unidade escolar⁹.

⁹ Segundo o histórico da entidade, fornecido pela secretaria do Centro Educacional Nossa Senhora das Brotas, a idéia da instalação da “casa de ensino” foi do tabuleirense Leônidas Magalhães. “O Ginásio Nossa Senhora das Brotas foi elevado à categoria de Colégio Nossa Senhora das Brotas em 1968, passando a manter os cursos: Ginásial, Normal e Científico. Em 1972 por força das exigências da reforma de ensino expressa na Lei 5.692 deixou de funcionar o curso Científico, para dar vez ao funcionamento do Ciclo Básico, onde a 1ª série do 2º grau tornou-se comum a todas as habilitações profissionais de nível médio. Em consequência da implantação da reforma, o estabelecimento passou a denominação de Centro Educacional Nossa Senhora das Brotas, entidade civil com fins educacionais e não fins lucrativos.”

4 DA VISÃO DOS BANCOS DE MADEIRA À VISÃO DOCENTE: OS MECANISMOS QUE SE CONSOLIDARAM NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE TABULEIRO DO NORTE

*A construção de um outro horizonte historiográfico
 Se apóia na possibilidade de recriar
 A memória dos que perderam não só o poder,
 Mas também a visibilidade de suas ações
 Resistências e projetos.
 Ela pressupõe que a tarefa principal
 A ser contemplada em uma política de preservação
 E produção de patrimônio coletivo
 Que repouse no reconhecimento do direito ao passado
 Enquanto dimensão básica da cidadania,
 É resgatar essas ações e mesmo suas utopias não realizadas,
 Fazendo-as emergir ao lado da memória do poder
 E em contestação ao seu triunfalismo.
 Aposta, portanto na existência de memórias coletivas que,
 mesmo heterogêneas são forte referência de grupo
 Mesmo quando tenham um fraco nexo
 Com a história instituída.
 É exatamente aí que se encontra um dos maiores desafios:
 Fazer com que experiências silenciadas,
 Suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem
 Com a dimensão histórica.
 Por esta via, pode-se constituir uma política de preservação
 (e uma historiografia) que deverá ter em mente
 O quanto o poder desorganizou a posse de um sentido
 Das participações coletivas,
 destruindo a possibilidade de um espaço público diferenciado.*

(Maria Célia Paoli)

4.1 A educação municipal após a emancipação política: a constituição da educação escolar

Mesmo com a emancipação política do município, a educação teve uma expansão lenta. A escola na casa da professora ou outros domicílios continuaram sendo uma realidade.

Algumas escolas levaram 30 anos para sair das dependências domiciliares e terem instalações próprias. Segundo seu Alcides,

Na zona rural a maioria das escolas era na casa da professora. Quando não era na casa da professora, era na casa de alguém da comunidade que se destacava mais com uma casa maior, uma pessoa de situação financeira melhor e a escola funcionava assim.

Essa realidade é confirmada por Dona Antônia, uma das primeiras professoras da comunidade de Água Santa. Ela lembra que a escola mudava de lugar sempre de acordo com a professora. Quando esta saía e dava lugar a outra a escola mudava novamente: “A escola da Água Suja funcionou em casa de professor ou em casa de família até 1994. 30 anos funcionando em casa de professor, umas professoras iam saindo, iam estudar em outro lugar, na cidade, mas sempre ficava alguém ensinando na sua casa.”

As dificuldades pelas quais passavam os gestores na implementação de obras eram enormes, uma vez que o orçamento do município era insignificante, como relatou o seu Alcides:

No governo de Manuel Guerreiro, Raimundo Chaves, nos meus 2 mandatos e o de Gerardo Malveira para se construir uma escola era a maior dificuldade. Raimundo Chaves, por exemplo, construiu o grupo escolar de Olho d'Água dos Currais mas foi um Deus nos acuda. Pra conseguir esse dinheiro era muito difícil. Hoje, não. Quisera eu ter a disposição pra ser político de novo. Naquela época, nem máquina arrecadadora funcionava. Quando eu era prefeito de Tabuleiro talvez não tivesse 10 pessoas com declaração de imposto de renda.

Exemplificando, a Escola de Ensino Básico José Sabino de Oliveira, situada no distrito de Água Santa, veio a ter sede própria em 1994, construída pelo então prefeito Nestor de Vasconcelos. Antônia Rodrigues Maia, primeira professora do distrito, e secretária de Educação do município nesta gestão encampou a construção da escola.

Então em 94, nós fomos chamados pelo MEC. Tinha uma delegacia do MEC no Ceará e chamaram a gente pra oferecer alguma coisa que a gente quisesse. A minha comunidade, Água Santa ainda não tinha sede, e nós fizemos com esta verba. No tempo que trabalhava lá foi feito muita coisa pela comunidade. Leilão para angariar recursos para construir a escola, mas nada adiantou. Então quando eu estava na secretaria, que veio o projeto para construção. Eu disse. A primeira escola que vai sair é a dessa comunidade. Foram construídas outras com necessidades extremas como a da Água Santa.

Município pobre e dessasistido como tantos outros da região nordeste, com características agrícolas, Tabuleiro não tinha arrecadação de impostos neste período. Com um comércio incipiente, sobrevivia necessariamente da agricultura de subsistência.

O primeiro prefeito tinha os seguintes funcionários: uma tesoureira, uma secretária e um fiscal de rua. Pronto. Aí tinha os professores. Talvez uns 8 ou 10 professores, mais os professores que ensinavam nas casas por fora. O 2º prefeito, quando entregou para o 3º, já entregou com 40 funcionários, o pessoal era este. A arrecadação orçamentária era nenhuma, até hoje. (Gumercindo).

No que diz respeito à educação, o Sr. Gumercindo é enfático ao dizer que não havia interesse das pessoas pela escola, uma vez que esta não garantia um trabalho ou profissão àqueles que nela ingressavam:

Era um número reduzido de pessoas que freqüentava a escola, porque não havia muito interesse na escola pública daqui. Ela não levava logo o camarada a uma formatura nem pequena de professor primário. Era ginásio, até ginásio. Então era só aquele grupinho que vinha para a escola só pro aprender a ler e escrever. Não tinha muito interesse, o interesse era só ler e escrever.

Após a emancipação política, a contratação de professores deixou de ser assegurada apenas pela contratação verbal. O termo de nomeação se constituía na contratação do professor e inclusão do mesmo no quadro de funcionários públicos.

A nomeação dos professores se fazia de acordo com a demanda. A comunidade se organizava e reivindicava uma professora para atender o contingente de crianças e adultos

interessados no saber escolar. Uma vez requisitada pela comunidade e constatada a demanda, a contratação de professoras era feita, embora as mesmas fossem leigas ou mesmo menores de idade. As entrevistadas contaram que se iniciaram na docência muito cedo, entre 15 e 17 anos.

Em 64 eu morava na Água Suja e comecei a lecionar. Com a morte da minha mãe, meu pai era filho único. O pai dele também morreu então nós fomos morar com a mãe dele na Água Santa e comecei a ensinar com a nomeação no livro da prefeitura. Naquela época, a lei era como se tivesse acontecendo. Não tinha aquela lei de menor não poder, eu era de menor e no dia 1º de abril de 1964 eu fui nomeada professora municipal por seu Raimundo Chaves. Ensinei 2 anos na Água Santa ainda. (Dona Antônia).

O prefeito foi lá em casa. O primeiro prefeito foi falar com papai se deixava eu ensinar pela prefeitura. Dona Maura foi com ele e papai disse que deixava. Eu fui ensinar como professora formada. Ele me nomeou, eu tinha nomeação. Desde 59, que eu sou professora, em maio ou em março, eu tenho até a nomeação. Fui uma das primeiras professoras a serem nomeadas. (Dona Alaíde).

O desenvolvimento da educação, embora lento, foi sentido por aqueles que estiveram diretamente envolvidos com o fenômeno educativo. Segundo os entrevistados, sempre que alguém queria “abrir” uma sala de aula encontrava pessoas de várias idades prontas a serem novos leitores e aprendizes das “artes da escrita”.

4.2 As políticas de financiamento da educação municipal

Após a emancipação, Tabuleiro contava com escolas públicas municipais de nível primário que funcionavam na sede e em pequenos prédios nos distritos. Com o aumento considerável da demanda, bem como o número de professoras formadas, ou seja, recém saídas do 4º ano primário, o quadro de professores tomou outras proporções.

Depois do município mais organizado, lá em 66, para entrar no município tinha uma seleçãozinha. Tinha Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. Então, se você tirasse as notas do perfil, até 5, você entraria no quadro. Se realmente desse a nota. E claro, às vezes tinha assim uma candidata deles. Mas aí eu fiz a seleção e levaram pra Alcides Monteiro. Aí Alcides disse, eu não posso dizer um não a essa candidata de jeito nenhum. Apesar que ela é adversária, mas eu gosto muito dela e também as notas dela não pode ficar de fora, aí fui ensinar no Rancho. (Dona Artemisa).

Apesar do contexto de práticas partidárias de contratação, o desenvolvimento intelectual da candidata era considerado pelo prefeito no processo de nomeação.

A precariedade da educação escolarizada em Tabuleiro não poderia ser diferente do quadro do Estado e do Nordeste em geral. No Ceará, segundo Sousa (s/d), em 1950, a porcentagem de analfabetos era de 60% e, na zona rural esse percentual era ainda mais grave.

Quanto ao quadro do Nordeste, tem-se a seguinte conclusão:

[...] alto grau de analfabetismo; baixa renda *per capita*; ausência de facilidades educacionais, em todos os níveis; alto índice de mortalidade; precárias condições de habilitação; pequeno consumo de energia elétrica, meios de transporte deficientes. A população depende, em larga escala, de assistência efetiva para corrigir tais deficiências, em especial, no que se refere aos problemas educacionais. (SOUSA, op. cit., p. 87).

A educação municipal nesse período se caracterizava pela construção de alguns poucos prédios na zona rural para abrigar as escolas, e muitas funcionavam, mas em casas de pessoas da comunidade.

Eu era professora lá no Genipapeiro. Lá o prédio era próprio para residência. Tinha um galpão, incluindo o galpão tinha a sala de aula. O prédio compreendia a casa de morada, o salão para recreio e outro repartimento que era onde eu dava aula. Eu ensinava e fazia tudo, porque era a única, só. (Dona Irene Saraiva).

Segundo Sousa (op. cit.), considerando o período em estudo, a construção de prédios escolares no Ceará, propriamente dita, ficou relegada à capital, havendo no interior escola em

casa de professora, comumente localizadas na pior parte da casa. Outra problemática relatada pelo autor em sua pesquisa sobre o Sistema Educacional Cearense, é a miséria em que vivia o professor primário, tanto no que diz respeito ao salário, quanto à falta de assistência material. Em 27 de setembro de 1958, levado a cabo por intenso movimento em todo o Estado que almejava a reestruturação dos salários, o governo sancionou a lei nº 4.206 a qual elevava o padrão dos vencimentos dos professores primários para 80% a mais. Mesmo assim, comparado ao salário mínimo da região, deixava o mesmo em situação de grande inferioridade.

Nas condições em que se encontrava a educação, a realidade com que conviviam os professores primários não poderia ser diferente. Segundo Sousa (s/d) eram desassistidos materialmente, sem plano em conjunto e com péssimos salários. A fala de Dona Antônia, confirma esse dado.

No começo era seu Raimundo Chaves. Acho que o povo daqui não entendia muito bem de prefeitura não. No segundo prefeito, quando eu entrei, ele pagava a gente assim na rua. Eu acho que a prefeitura não tinha nem um cofre. A gente ia ali pela praça da matriz, ficava em frente a prefeitura que funcionava onde hoje é o CVT. Aí a gente perguntava seu Raimundo quando é que tem pagamento pra gente? Aí ele tirava do bolso mil cruzeiros que era o que nós ganhávamos na época. Eu não sei como era o comprovante lá, se ele se lembrava, eu paguei a Toinha em tal lugar. Com seu Alcides já tinha uma estrutura mais ou menos montada pra trabalhar. Já tinha os Pinheiro, Fátima Pinheiro, que é advogada hoje, tinha o pessoal que fazia, tinha Ecimar, o pessoal da parte administrativa que entendia já de alguma coisa. E já tinha tudo direitinho até as carteiras ele assinou. A gente era nomeada e depois assinava a carteira. Minha carteira é assinada de 25 de janeiro de 65. É que eu entrei no último ano de Raimundo Chaves.

O desenvolvimento precário do setor administrativo tomava corpo, na forma peculiar de organização da folha de pagamento. A situação descrita acima explicita, com fidelidade, as relações de confiança que eram nutridas entre as pessoas. O pagamento não era registrado, ficando a cargo das duas partes a validade da negociação.

A carência da escola várias vezes foi relatada pelos informantes. A rigor, a educação no município padecia dos mesmos males que a educação brasileira, que não se traduziam apenas nos baixos salários.

Não tinha dia pra receber. A prefeitura sempre atrasava 2, 3, 4 meses. Aquela Maria do Espírito Santo, que foi uma das primeiras professoras da Água Santa depois de mim. Ela ia lá na farmácia de seu Alcides Monteiro, prefeito nessa época, saber se tinha pagamento. A gente não tinha coragem de perguntar, se juntava 10, 12 e ela fazia a pergunta. Todo mundo tinha medo de enfrentar assim e procurar saber porque os funcionários não tinham nem informação. Quem dava a informação era o prefeito. Ele que dizia se tinha se não tinha pagamento. (Dona Antônia).

A peculiaridade da forma de pagamento em que o gestor municipal retirava do bolso o dinheiro, em plena praça, e pagava as educadoras que timidamente se agrupam para interpelá-lo, condiz com a prática de contratação a lógica dos pequenos municípios da época, “apalavrada” de início, e somente depois com o aspecto formal da nomeação. Com a organização do setor administrativo da prefeitura, quando as carteiras de trabalho das educadoras passaram a ser assinadas, elas e alguns dependentes puderam ter acesso ao INPS. Esse aspecto era considerado positivo pelas professoras do município, mesmo que o pagamento atrasasse (além de ser mínimo). O atraso nos pagamentos era comuns, geralmente motivados pela escassez de recursos da prefeitura. Sem arrecadação de impostos, esta sobrevivia de subvenções do governo federal.

Eu lembro quando minha irmã era professora ela ganhava tão pouco que não dava nem para ela comprar um vestido. O único benefício de ensinar pela prefeitura era porque mamãe tinha direito ao INPS, antigo INPS. Tinha direito a consulta, essas coisas. Senão, não valia a pena, pelo dinheiro não. (Osiel Manduca, irmão da professora Giselda).

No cotidiano das escolas rurais havia a participação da comunidade. Uma vez sem mobiliário próprio, era necessário buscar maneiras alternativas para acomodar todos os alunos

nas salas de aula, com bancos feitos de forquilhas e mesas improvisadas. A educadora, diante de uma sala sem mobília escolar, buscava apoio entre os pais, os alunos, ou mesmo entre aqueles que diretamente não eram beneficiados pela escola.

A escola era paga pela Prefeitura, mas eu ensinava na capela. A igreja não tinha banco. Então eu reuni a comunidade, a prefeitura nessa época não dava, e falei como era que a escola podia funcionar, porque eu só tinha 2 bancos lá em casa do tempo da escola particular, mas não dava nem pra metade. Então a comunidade se reuniu e disse: “Daqui a 15 dias nós fazemos todo o material.” E fizeram 4 mesas e os bancos para todos os alunos. Aí os bancos eu dividia, mesmo porque tinha condições. Cada série tinha mesa e tinha bancos. (Dona Artemisa).

Quando os desafios eram muito grandes, no desejo de lecionar, as educadoras faziam reuniões com a comunidade e lhes apresentavam o quadro de carência da escola. A mobilização e organização em torno do objetivo educacional se davam de forma tão intensa que, por vezes, as pessoas do lugar construíram todo o mobiliário necessário à escola. Em outras ocasiões, um morador no intuito de participar das aulas colocava à disposição da escola o lampião a gás – peça rara nas casas – para que esta funcionasse à noite e pudesse servir também aos adultos que trabalhavam de dia.

A participação da população, apoiando, contribuindo – como exposto no 3º capítulo – e até construindo é uma característica central da história da educação do município de Tabuleiro. Era grande a participação de pessoas ávidas pelo saber que a escola tinha a oferecer aos seus filhos.

O material didático, escasso, utilizado pelas educadoras, comprados com seus salários, restringia-se a um pequeno quadro-verde, muitas vezes apenas de um metro quadrado e giz. A dedicação ao trabalho, desenvolvia-se para além das horas necessárias pelo exercício constante de escrita nos cadernos.

Dona Antônia me revelou ter sofrido demais com a falta de mimeógrafo. As longas horas passadas escrevendo nos cadernos, muitas vezes para turmas de 40 alunos, deixou marcas profundas, a qual quis amenizar quando convidada para ocupar o cargo de secretária de Educação do município:

Então, quando eu assumi como secretária de Educação na gestão de Dr. Nestor, em 1993. Nós fizemos. Ninguém pode fazer muita coisa porque em 93, o primeiro ano, você está analisando a educação. Me marcou muito escrever à mão para os alunos. E outra coisa. Eu tinha muita pena do pessoal que trabalhava na secretaria. Era passar a manhã inteira rodando atividade. Rodando prova pra mandar para as escolas lá longe. No planejamento era o tempo todinho rodando atividade, com aquele sacrifício muito grande. Então em 94, nós fomos chamados pelo MEC, tinha uma delegacia do MEC no Ceará e chamaram a gente pra oferecer alguma coisa que a gente quisesse. E como a falta de mimeógrafo me marcou muito, eu coloquei mimeógrafo em 20 escolas da zona rural. Para que eles não tivessem mais essa dificuldade. Nessa época o MEC já dava material.

Para as pessoas entrevistadas, a escola da zona rural exigia desafios e dedicação. As longas horas gastas para escrever nos cadernos dos alunos foram lembradas por todas. A inexistência de quadro-verde foi tão sentida que muitas delas mandavam fazê-los e pagavam com seu dinheiro. A sala multi-seriada aumentava as dificuldades do dia-a-dia. Longe de ser exceção, essa característica das salas expunha as professoras a longas horas de mesa em mesa, de grupo em grupo explicando a matéria adequada a cada série, tirando dúvidas.

A gente trabalhou muito tempo no município. Eu e minhas colegas que hoje já estão aposentadas, trabalhamos escrevendo à mão, sem quadro-verde. O quadro daquela época não era verde era ainda quadro-negro. O aluno trazia aqueles 2 cadernos para a escola, não era separado por disciplina, eram separados por casa e classe. Porque eram separados assim? Porque a atividade inicial, de início era feita no próprio caderno por mim. Não existia mimeógrafo nas escolas. Então o que a gente fazia, copiava a atividade e dava pronta, depois um pouco, eu já tinha um quadro-negro, muito pequeno, de um metro quadrado mais ou menos, comprava meu giz e dava aquela aula. (Dona Antônia).

A pesada carga de trabalho abrangia até atividades manuais simples, como fazer as pontas dos lápis. Tarefa esta que as educadoras não permitiam que fossem feitas pelos alunos pelo risco de se cortarem, uma vez que não havia o apontador, a gilete era o instrumento utilizado.

Os registros das aulas não tinham um fim em si. O “livro de chamada” não era arquivado. Era utilizado para a contagem dos alunos pelo senso escolar, também era repleto de informações sobre os alunos, contendo até a distância entre a escola e suas casa, deixando claro às professoras – conhecedoras das regiões circunvizinhas – as dificuldades para comparecerem à aula.

No início do livro de registro é recomendado o preenchimento de todos os campos. Na figura abaixo, um dos campos se refere ao sexo do docente e a sua escolarização, itens estes também analisados pela Agência de Estatística:

S.E.E.C. — M.E.C.

REGISTRO DA FREQUÊNCIA DIÁRIA E DO MOVIMENTO MENSAL

MÊS DE Outubro DE 1961 TOTAL DE DIAS DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA NO MÊS.....

NOME DO PROFESSOR Zelaide Gondim Andrade

É HOMEM OU MULHER? mulher NORMALISTA OU NÃO? nao

DIAS DO MÊS	FREQUÊNCIA DIÁRIA DOS ALUNOS												
	1.ª série		2.ª série		3.ª série		4.ª série		5.ª série		Total		
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
1.....	DOMINGO											-	-
2.....	10	11									10	11	
3.....	9	11									9	11	
4.....	DIA SÁBADO											-	-
5.....	10	9									10	9	
6.....	9	8									9	8	
7.....	7	9									7	9	
8.....	DOMINGO											-	-
9.....	8	7									8	7	
10.....	8	9									8	9	
11.....	6	9									6	9	
12.....	FERIADO											-	-
13.....	10	9									10	9	
14.....	DOMINGO											-	-
15.....	7	7									7	7	
16.....	7	10									7	10	
17.....	8	9									8	9	
18.....	8	7									8	7	
19.....	7	8									7	8	
20.....	10	9									10	9	
21.....	10	7									10	7	
22.....	DOMINGO											-	-
23.....	8	10									8	10	
24.....	9	8									9	8	
25.....	7	8									7	8	
26.....	10	7									10	7	
27.....	8	10									8	10	
28.....	10	10									10	10	
29.....	DOMINGO											-	-
30.....	9	8									9	8	
31.....													
Frequência média.....													

ESPECIFICAÇÃO	MOVIMENTO MENSAL											
	1.ª série		2.ª série		3.ª série		4.ª série		5.ª série		Total	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Matrícula geral até o fim do mês anterior.....												
Alunos que vêm do mês anterior.....												
Alunos matriculados durante o mês.....												
Alunos eliminados durante o mês.....												
Alunos existentes no fim do mês.....												

Figura 20 – Livro de registros.

Esta página ilustra o registro de Outubro do ano de 1961.

Fonte: Acervo documental de Zelaide Gondim Andrade.

Na época a gente recebia o diário para fazer a matrícula e naquele diário tinha toda a vida do aluno, era um livro grande assim, da largura de um jornal, realmente grande. Na primeira página era o número, nome do aluno, data de nascimento, sexo, a distância da casa da escola, o nome do pai e nome da mãe, a profissão, aqueles dados mais importantes. Só não tinha o número de registro. E nas outras páginas tinha a cada mês o espaço para chamada, repetia o nome dos alunos, as notas que ele tirava, as faltas, as notas. Quando terminava o ano é que a gente entregava esse livro na prefeitura. Aliás era chamado livro de chamada, ainda não era diário. A lista dos alunos era num livro grande, como nos livros de hoje, tinha presença, faltas, os meses do ano. O material dos alunos, eu me lembro, era caderno,

Cartilha de Alfabetização, lápis, aqueles mais adiantados já usavam uma canetinha. Já o material dos professores não tinha. Depois, bem depois elas (a coordenação da prefeitura, depois de 1975) forneciam o material que era caderno e livro didático. Lá no final. (Dona Antônia).

A fala de Dona Antônia é reforçada pelos arquivos documentais de Dona Zelaide, que guarda o seu primeiro livro de registro que pertencia à professora Odete Augusta Chaves que o utilizou nos anos de 1959, 1960 e parte do ano de 1961, quando foi transferida para a área da saúde, por motivos pessoais. Foi, então, substituída por Dona Zelaide:

A primeira escola que eu ensinei foi na localidade da Lagoinha. Eu fui morar na casa de uma tia minha. Ensinei um ano lá, em 1960. Em 1961, Odete de tio Pio que era professora também pediu a seu Guerreiro para trabalhar no posto de saúde. Seu Guerreiro era o prefeito. Então eu pedi a seu Guerreiro para me colocar no lugar de Odete. Aí eu vim pra sede, ensinar na sede.

O livro de registros não era livro de chamada e sim de acompanhamento dos alunos que freqüentavam a escola. Este possuía campos para preenchimento com descrição dos alunos por série. Todos os meses eram preenchidos os campos com o sexo dos alunos e a quantidade por série, controlando a entrada e saída dos alunos por mês.

A contagem dos alunos era feita pela Agência de Estatística que, segundo as entrevistadas não se chamava ainda IBGE. O chefe da Agência de Estatística, como aparece no documento abaixo, após fazer a contagem dos alunos assinava ao final do livro de Registro da Freqüência Diária e do movimento mensal. Ao final, emitia um parecer sobre a postura da professora. Os documentos encontrados confirmam as falas das entrevistadas.

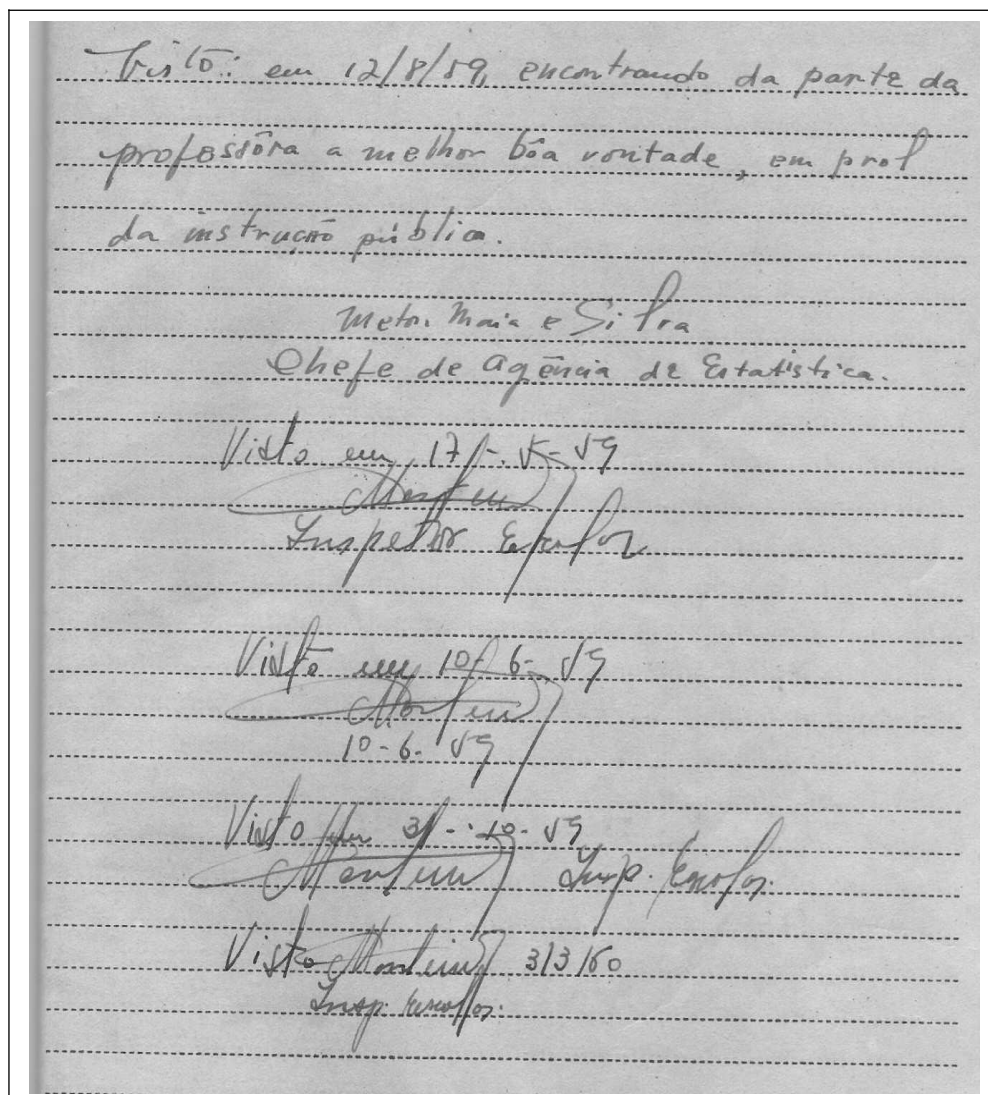


Figura 21 – Última página do livro de chamada.
 Registro feito pelo Chefe da Agência de Estatística Meton Maia e Silva.
 De 12 de agosto de 1959 a 3 de março de 1960.
Fonte: Acervo de Zelaide Gondim Andrade.

Quanto à organização das classes, segundo Sousa (s/d), no Ceará havia nos Grupos Escolares¹⁰ e Escolas Reunidas uma 1ª série que se desdobrava em 3 anos – A, B, C – sobretudo no interior, onde às vezes uma série se desdobrava em até 4 anos. Além da forma singular de formação da 1ª série, o aspecto multi-seriado era uma realidade. As palavras de todas as entrevistadas expressam esta realidade.

¹⁰ Segundo Sousa (s/d, p. 132) em seu livro *Sistema Educacional Cearense*, “os grupos escolares eram escolas primárias que estavam localizadas em todas as regiões do Estado. Diferente das Escolas Reunidas, também escola primária, os grupos escolares possuía o Curso Primário Complementar que era praticamente um curso de preparação ao Exame da Admissão ao Curso Ginásial.”

Eu ensinava a todas as séries juntas, da primeira a 4ª série. Mas aqueles que eu tinha mais atenção era os da primeira, porque estavam começando a ler. Então eu começava a aula por eles. Eles ficavam numa mesa que os pais arranjaram. Quando passava tarefa para eles fazerem, aí eu iniciava uma atividade com os da segunda. Enquanto os da segunda resolviam, fazia um ditado com os da terceira e quarta. Quando terminava o ditado, os da primeira já estavam desocupados então corrigia e mandava eles pra casa mais cedo. Aí eu me concentrava mais nos mais velhos até a hora da aula acabar. (Dona Irene).

Segundo Sousa (s/d), no Ceará, não houve o estabelecimento de um legítimo sistema de ensino: “A rigor, o ensino primário público do Ceará não chega a constituir um autêntico Sistema de Educação. Falta-lhe para isso, sem dúvida, unidade de fundamentação ideológica, de estrutura de organização e de objetivos a colimar.”

Contudo, o contexto sócio-econômico e político de Tabuleiro no período em estudo não beneficiaram a educação como sistema de ensino, haja vista seu descaso com as condições básicas de infra-estrutura, remuneração dos professores e a natureza dos registros das aulas.

A política de financiamento municipal da educação restringia-se ao pagamento dos professores e à construção de pequenos prédios na zona rural.

4.3 A escola dos bancos de madeira: relatos dos alunos da época

A rotina da escola é lembrada por alguns alunos com entusiasmo e por outros com um pouco de rancor. Dona Antônia relata:

Eu estudava na sede do município. A aula começava de 7 e terminava às 11 horas. A gente era acostumada a só obedecer. Todos os dias a gente cantava o hino de estudante, o Hino do Ceará, fazia fila para entrar na sala, e para sair. Tocava uma campainha, sinete manual e a gente tinha que ir pra fila. Sair para o recreio tinha que ser na fila, voltava do recreio na fila e saía da sala pra ir embora na fila.

A orientação católica presente na escola surgiu no relato das pessoas entrevistadas. A história do início da povoação da vila, que daria origem ao município, constituiu-se ao redor do culto a Nossa Senhora das Brotas. Os rituais católicos acompanharam o desenvolvimento do município, e foram inseridos na escola refletindo os valores da comunidade tabuleirense.

Na escola era assim: no mês de maio, a escola era muito o ensino religioso levado para o lado católico, da religião católica. Celebrava a novena de maio todo o mês de maio e geralmente no horário do recreio, pegando a metade do recreio e celebrava a novena e voltava para a classe, todo dia. Dona Maura é muito católica, né. (Dona Antônia).

As dificuldades pelas quais passavam os pais para garantirem a ida dos filhos à escola foram referidas, em vários relatos nos quais os entrevistados expuseram os obstáculos enfrentados para freqüentarem o ambiente escolar.

Lembro-me que, no começo do ano, era um aperreio muito grande, porque os pais tinham que comprar a farda, o material. A entrada no colégio era uma dificuldade muito grande. É por isso que nessa época estudava uma pequena elite. E também tudo dependia da chuva, não tinham outros empregos, a cidade era essencialmente agrícola. (Marcondes Andrade).

O material era nosso, os pais compravam, caderno, lápis, caneta, borracha, a Cartilha. (Dona Alaíde).

Falando da exigência do fardamento, Dona Alaíde lembrou o quanto a escola participava da vida social da comunidade. A escola desfilava em todos os grandes acontecimentos, segundo ela,

A escola também participava de desfile comemorativo da Independência do Brasil, de 7 de setembro. Qualquer coisa que houvesse, os alunos iam fardados para representar a escola. O tênis era aquele fanabô assim bem baixinho. Nessa época, era diferente. Era obrigado ir fardado. Também não tinha muita gente na escola não, só aqueles que os pais se interessavam mais em colocar. Também a demanda não era muita.

O oposto também acontecia, ou seja, membros da comunidade que não faziam parte do contexto escolar, também se faziam presentes nos desfiles. As figuras 22 e 23 documentam estes fatos:



Figura 22 – Desfile de 7 de setembro de 1961.
Professoras e algumas pessoas da comunidade.
Fonte: Acervo fotográfico de Zelaide Gondim Andrade.



Figura 23 – Desfile comemorativo da Criação da Banda de música da cidade.
Alunas do colegial – 1972.
Fonte: Acervo fotográfico de Maria José Braúna.

Presente no ambiente escolar, a merenda encontrou lugar nas lembranças. A inexistência de merenda gratuita de início foi vista sob óticas diferentes: daqueles que tinham

acesso à merenda particular e dos que optavam por se servirem em casa, quando moravam perto da escola.

Na hora do recreio batia aquele sino, a gente saía cantando o hino da merenda. Não tinha merenda pra todo mundo. A merenda era comprada. Lá mesmo tinha uma mulher que fazia merenda. Eu me lembro bem da merenda que ela vendia: era um pão com aquela carne bem temperada dentro, carne moída ou então pão com doce, um doce de leite bem feito também. A gente comia, bebia água e ia pra classe. (Dona Alaíde).

Nessa época não tinha merenda. Cada um levava a sua ou então vinha merendar em casa. Como minha casa era perto, eu vinha para casa. Depois apareceu uma vaca mecânica. Um leite era feito nessa vaca e dado para os alunos. Agora eu não gostava e vinha merendar em casa. Mas eu e minha colega a gente vinha para casa todo dia. (Dona Antônia).

Embora o ensino fosse público as dificuldades no ingresso e na permanência ficam claros nas palavras dos alunos e pais.

4.4 O universo da sala de aula: passos em busca do saber

Adentrar no universo dos grupos escolares foi visto pelos entrevistados com prazer. O aspecto físico tão precário das escolas não foi mencionado nenhuma vez por aqueles que a freqüentaram, muito embora tenha sido realçado pelos pais. A descrição do ambiente escolar foi feita de forma precisa: o número de salas, os professores, os colegas de sala, o material, o fardamento. A incorporação dos rituais que compunha a escola cearense perpassa todos os relatos. Os “cânticos” de entrada, de merenda, de saída, a reza no início de todos os dias de aula, as repetidas vezes em que se fazia fila, as novenas do mês de maio.

Embora a escola fosse carente, em vários aspectos a mudança de ambiente de estudo proporcionou a abertura de mundo novo aos alunos, em que os rituais, já descritos acima, tinham significação própria.

Depois de vários anos funcionando de acordo com a descrição dada, as Escolas Reunidas ganham novo prédio, mais amplo, e também uma nova denominação – Escolas Reunidas Avelino Magalhães.

Tinham 5 salas: a entrada, aquela sala que era a diretoria e a galeria. Tinham duas salas para o outro lado e uma casa onde morava uma pessoa que tomava de conta a escola. Não tinha cantina. Era a cozinha da casa e o galpão onde era o nosso recreio. Não tinha murada, era aberta, funcionava só de manhã e de tarde. Na época, era com quadro-verde, aquelas carteiras de 2 sentarem, em dupla, como era um grupo já, e depois de Escolas Reunidas passou a grupo escolar Avelino Magalhães, antes de eu sair de lá. (Dona Antônia).

A obediência fazia parte da escola, há quem a denomine de “escola do silêncio”. A metodologia empregada pelas professoras para alguns inspirava medo.

A gente copiava do quadro as tarefas, a professora explicava, o aluno só ouvia sem perguntas, não era só dona Maura era toda professora daquela época, o aluno não perguntava: “Ei, professora venha cá”, não. Alguma dúvida era tirada todas de uma vez. (Dona Antônia).

O modelo rígido de educação esteve sempre presente nos primeiros anos de emancipação, quando não eram admitidas perguntas a não ser com permissão. Nas reuniões de pais e mestres, não havia ainda a preocupação com a aprendizagem dos alunos. Fica claro nas falas das pessoas entrevistadas, que o comportamento era o assunto central conversado nas poucas reuniões que havia. Dado que a comunidade era pequena, freqüentemente os pais interpelavam as educadoras quando as encontrava para saberem do comportamento dos filhos. Elas eram madrinhas de muitos alunos, o que tornava estreita a ligação com a família.

Ela dizia: se tiver alguma dúvida pergunte agora porque eu vou tirar a dúvida agora e os outros prestem atenção para aproveitar que a sua dúvida pode ser esclarecida. Mas já existia prova mesmo. A gente estudava em casa, decorando o conteúdo. Pouca interpretação de texto, tinha que ler o texto. Do texto só aproveitava um ditado, sempre muito difícil, as palavras mais difíceis eram as palavras ditas para a gente escrever e tinha que decorar a gramática. O conteúdo era só mais gramática. A gramática de acordo com série que a gente estava estudando. Geografia também, tudo tinha que decorar. A aula começa de 7 às 11 horas. (Dona Antônia).

O rigoroso processo de ensino do final dos anos 1950 deixou marcas capazes de se manterem muito vivas na lembrança da palmatória e do argumento. Cada “bolo” recebido ainda provocam atualmente severas linhas de expressão ao rosto. A reprodução do método de ensino, quando as alunas chegaram às salas de aula na condição de professoras, é categoricamente afirmado pelas entrevistadas. Nada mudara, segundo elas. As semelhanças eram enormes. No entanto, sem perceberem, em seus relatos as diferenças surgem. As educadoras negavam na prática cotidiana o rigoroso método de ensino que as alfabetizou. O argumento, a palmatória, o “tomar” da lição ao pé da mesa do professor, a autoridade inabalável lentamente sofrem um processo de mudança, facilmente identificável nas falas dos atores sociais desta história.

A orientação escolar dada em casa pelos pais era uma projeção da escola, o método de aprendizagem, designado por muitos como “decoreba”, estava presente nos momentos de estudo.

Dia de prova eu levantava 6 horas. Mãe chamava eu e Dedé pra estudar e colocava um na porta da garagem e o outro na outra decorando a prova. Antes de sair ela pegava o livro e a gente tinha que dizer até as vírgulas. Minha mãe ajudava na educação, ela cobrava do jeito que era cobrado na escola. (Dona Antônia).

Com a ampliação da escola Avelino Magalhães - que antes era Escolas Reunidas Avelino Magalhães – houve o aumento na demanda por educação que, segundo Dona Raimunda Gadelha Chaves teve 2 motivos.

Com a construção da sede própria do Avelino Magalhães em 1951 aumentou a demanda por 2 motivos. Em 1950, houve uma enchente. Os habitantes da zona rural sentiram a necessidade de ter algum cômodo, um a casinha na cidade. Com isso Tabuleiro cresceu muito em prédio e população. Como as pessoas da zona rural já tinham casas na vila, elas acharam mais fácil colocar os filhos para estudarem aqui, e posteriormente passaram a morar na sede, da década de 50. Por esse 2 motivos, a escola Avelino Magalhães com uma sede grande com um número de professores bem acessível e a vantagem das pessoas já poderem ficar em suas próprias casas para darem assistência aos seus filhos. A divulgação também, porque as pessoas já começaram, a saber, alguma coisa pelo rádio.

Os motivos expostos por Dona Raimunda Gadelha Chaves para o aumento da demanda não foi confirmado por outros entrevistados, Dona Zelaide confirma que após a emancipação a prefeitura empregou várias pessoas e que algumas vieram morar na sede do município.

4.5 Um passeio pela sala de aula no relato das professoras: os 10 primeiros anos de emancipação política

O aspecto multi-seriado da sala de aula exigia da professora primária um trabalho intenso, uma preocupação constante. Durante as entrevistas, a lembrança sobre esse aspecto trouxe sentimentos diversos à tona. Algumas passaram minutos de rosto fechado, com marcas visíveis de preocupação, indagando-se como as crianças aprendiam num universo tão diverso e carente. Outras riam, gargalhavam lembrando de como ficavam “para lá e para cá”, como diz Dona Antônia: “feito baratas tontas”.

Na dinâmica do processo de ensino, as professoras conseguiam desenvolver atividades com um grande número de alunos ao mesmo tempo, mesmo como fica claro na fala a seguir, alguns esperando pelo atendimento da professora por um momento e sem o material didático adequado. Segundo as professoras alguns alunos que ingressavam na escola da sede do município, se saiam bem. Durante as entrevistas, elas se indagavam como o processo de ensino-aprendizagem acontecia. Algumas lembrando da possível intervenção divina nesse momento.

Eu separava nas mesas mais próximas por série. Como as atividades, muitas eram escritas por mim, durante um dia eu dava uma explicação pra uma turma enquanto a outra, às vezes, estava até parada conversando. Distribuía os alunos por série pra facilitar, pra explicar determinado conteúdo deles separado. Enquanto uns conversavam ou faziam atividades, outra turma estava estudando a tabuada porque naquela época era decorada. Outros já estavam pesquisando geografia, porque naquela época não chamava nem pesquisa, era responder o questionário, ou decorava ou fazia questionário. Enquanto uma turma estava fazendo matemática, por exemplo, que é mais complicado, leva mais tempo e dá mais trabalho. Na época geografia, história, ciências era decoreba. Então a outra turma, a 1ª série, ia fazendo a leitura, por exemplo, de história, a 2ª de ciências, a 3ª de geografia. E todo mundo estava ocupado, eu não sei que milagre que era realizado. Só sei que todo mundo aprendia, o pessoal vinha pra cá entrava na 5ª série e se saía bem. Eu não sei se era sorte ou se era o povo que queria. Se era o aluno que estava querendo ou se o mérito era meu. Acho que não, o mérito era de tudo. (Dona Antônia).

As escolas da zona rural, que funcionavam nas maiores comunidades, abrigavam alunos tanto desta mesma comunidade como de comunidades vizinhas.

Na Lagoa do Peixe era uma escola também com bancos em casa de professor. E não era nem na minha. Era na casa dessa senhora. Por uns 2 anos foi lá, aí depois meu sogro tinha um salão muito grande de colocar algodão, e como as safras foram rareando, então ficava desocupado. Era um salão grande, quase do tamanho da casa com um espaço bem maior. Então fui ensinar nesse salão que era do tamanho de uma casa, com a distância de um quilômetro pra casa dessa senhora. Nesse lugar onde a escola foi colocada eu pude atender os alunos lá do Gado Brabo. Ficava mais perto para eles, diminuía um quilômetro, vinha alunos bem de longe. Eu atendia alunos da Boa Ventura. Na Boa Ventura não tinha escola. Atendia alunos do Arruda, mais lá de cima, de um lugar que chamavam Cabeça da Vaca, Alto

do Cassiano. Vinha gente bem de longe. Só tinha esta escola nas proximidades e não tinha transporte escolar. Os alunos vinham de bicicleta, jumento, carroça, do que desse certo. (Dona Antônia).

Integrante de uma região que outrora produzia muito algodão, Tabuleiro viu seus armazéns se esvaziarem com as safras escassas. Marcondes Andrade relata que nas décadas de 1940 e 1950, por dia, saíam de lá vários caminhões carregados de algodão. Muitos eram os galpões que devido à crise na produção algodoeira, ficavam vazios durante muitos meses do ano, abrigando por vezes apenas os cilos de feijão. Tal crise propiciou, no meio rural, o aproveitamento desses prédios para o funcionamento das escolas.

4.6 O planejamento, o método de aula e a avaliação da aprendizagem

A inexistência de um planejamento em conjunto dificultava a vida da educadora primária, realidade que persistia depois da emancipação. A dificuldade de acesso a livros didáticos era uma realidade que expunha a professora primária a um limitado processo de ensino. No relato de Dona Antônia fica claro os limitados recursos que elas utilizavam: “No início não tinha planejamento, a gente se virava sabia mais ou menos o que o aluno daquela série tinha que aprender. Não tinha livro, quando a gente foi receber um livro foi em 69, eu não me lembro bem.”

Segundo Dona Zelaide, em uma visita a Tabuleiro o governador Virgílio Távora doou para cada escola um livro, que continha uma carta intitulada “A palavra do Governador do Estado”, os direitos e deveres do professor, currículo experimental, os programas das disciplinas e orientações metodológicas para a educação religiosa e a palavra do Secretário de

Educação e Cultura, Hugo de Golveia Soares à professora primária. Dona Zelaide guarda como troféu o livro que recebeu das mãos de Virgílio Távora.



Figura 24 – Livro doado por Virgílio Távora às escolas do município de Tabuleiro do Norte. Publicado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Ceará. Editado pela Editora Monumento S. A. e impresso pela Lithográfica Ypiranga.
Fonte: Acervo documental de Zelaide Gondim Andrade.

Dona Zelaide guarda pequenas anotações de aulas que segundo me falou escrevia em um pequeno diário para se orientar nas aulas. Registros de aulas que sobreviveram ao tempo, retratos das dificuldades e limitações.

A necessidade do planejamento foi sentida após a criação do Departamento de Educação na gestão do prefeito Alcides Monteiro.

Quando Alcides Monteiro foi prefeito ele montou um departamento de Educação. Instalou o Antônio Alves Maia, colocou uma diretora, que era Fátima Pinto e uma diretora de departamento que era Mundinha de Benigno. Depois do Departamento começou a ter planejamento. Tinham 2 supervisores que faziam a visita nas escolas de bicicleta, em toda zona rural. Era seu Raimundo Paz que hoje é oficial de justiça e Pedro Amaro. O planejamento era feito aqui, quando Mundinha entrou começou a fazer o planejamento e a organizar, a arquivar o material. Criou o sistema de

arquivo. O aluno tinha pasta só que era no Departamento. Não era na escola. (Dona Antônia).

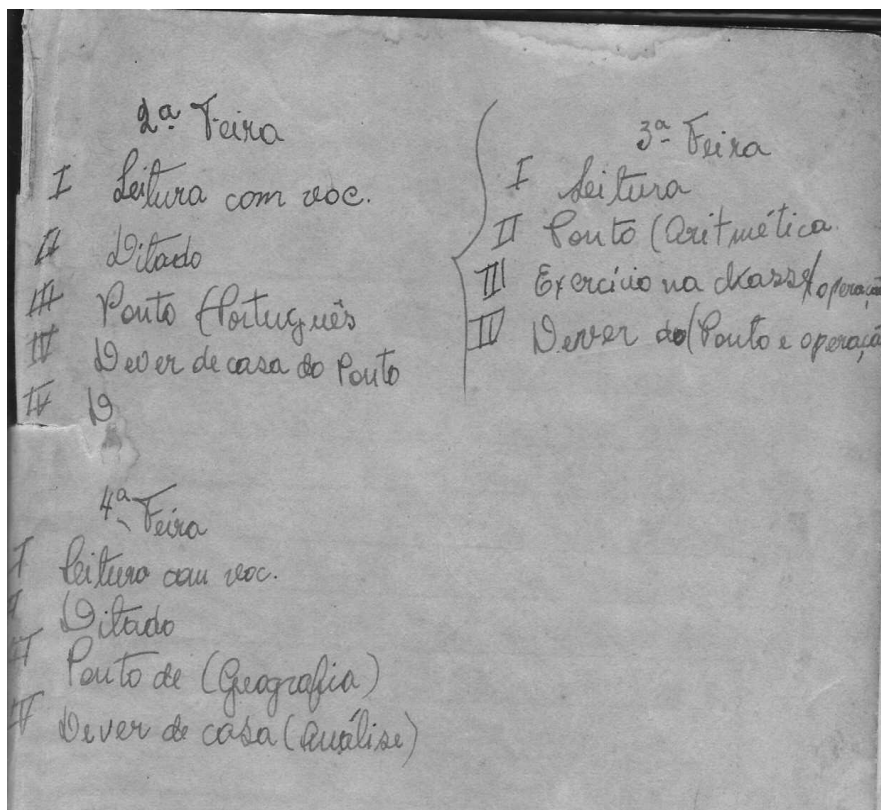


Figura 25 – Registro de Aula – 1955.

Fonte: Acervo documental de Zelaide Gondim Andrade.

Após a criação do Departamento de Educação, foram muitas as iniciativas para desenvolver a educação municipal. A necessidade de um planejamento mais sistemático foi sentida e colocada em prática, beneficiando o cotidiano escolar da educadora primária. O relato de Dona Antônia descreve a organização do planejamento:

O planejamento era copiado. Era feito aqui por elas e a gente vinha copiar, de 15 em 15 dias a gente vinha copiar. No início era de mês em mês, depois passou para 15 dias. Era copiado na mão, nem na secretaria tinha mimeógrafo. Tinha dificuldade de material, de folhas. A educação passou muito tempo trabalhando com dificuldade. A gente ia pedindo as coisas pra poder conseguir. Quando apareceu livro eu lembro que o livro da 1ª série se chamava “O Livro do Fred” e o da 2ª era “O Livro do Fred, Teresa e Rute”. Esse planejamento era simplesmente copiar o conteúdo. Por exemplo, segunda feira texto tal atividade tal, era assim. Português dizia o assunto e

era para registra no livro de chamada do mesmo jeito. Era o esquema da aula. Depois nós fomos aprendendo a planejar.

Embora o planejamento fosse uma inovação para as educadoras, a necessidade de ir além da cópia do conteúdo foi sentida. O despertar para o trabalho coletivo também foi se tornando uma necessidade, embora exigisse muito empenho, visto que as salas eram multi-seriadas, e que o planejamento era feito uma série a cada sábado. Mesmo com tanta atividade, as professoras sentiam-se satisfeitas com o trabalho desempenhado pelo Departamento de Educação.

No final da década de 60, para iniciar 70, houve a necessidade, elas sentiram lá no departamento, de um planejamento para as professoras municipais. A gente se deslocava até a zona rural e vinha um sábado para fazer o planejamento, então fazia o planejamento por série, quem tinha muitas séries. Aí os 4 sábados, era muito sofrimento nessa época. Mas era bem melhor porque era discutido, antes o planejamento a gente recebia feito, aí ficava mais difícil, e esse não, tinha presença da gente. Então a gente via e discutia mais ou menos as possibilidades da turma acompanhar, porque nessa época a gente já dava português, matemática, estudos sociais, ciências e um pouquinho de religião. (Dona Artemisa).

Embora leigas, as educadoras sentiram a necessidade de discutir o planejamento das aulas, de refletir sobre as propostas para cada série e de buscar uma forma de levar o conteúdo aos alunos de acordo com o desempenho de cada turma. A fala acima destaca a preocupação constante com a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Com a implementação do Departamento de Educação as educadoras puderam ter cursos de aperfeiçoamento (Figuras 26 e 27).



Figura 26 – Curso de Aperfeiçoamento Docente – 1970.

Da esquerda para a direita: Sofia Alencar, Marina (professora da área de ciências que ministrou o aperfeiçoamento), Lindete Gadelha e Zelaide Gondim Andrade. Colégio Nossa Senhora das Brotas.

Fonte: Acervo fotográfico pessoal de Zelaide Gondim Andrade.



Figura 27 – Entrega do Certificado de participação do Aperfeiçoamento Docente.

Prefeito Alcides Monteiro Chaves a professora Zelaide Gondim Andrade.

Fonte: Acervo fotográfico de Zelaide Gondim Andrade

A forma de avaliação utilizada nas escolas sofreu alterações no período em estudo, que compreende 2 anos antes da emancipação do município e 12 anos depois. A avaliação da professora particular consistia no argumento, método já mencionado acima, em que o castigo

para a não-aprendizagem do conteúdo era a palmatória, quando Tabuleiro ainda distrito de Limoeiro do Norte.

Com o desenvolvimento da educação no município, após sua emancipação, a avaliação nas escolas da zona rural era feita através dos grupos, forma rápida de avaliar um determinado número de alunos de uma única vez. Nas escolas da sede do município a prova já fazia parte da rotina, esta era copiada no quadro, escrita em folhas de papel pardo. Fazia parte também da avaliação a assiduidade, o asseio e o comportamento. Nos documentos guardados por Dona Zelaide está um livro de chamada que contém o campo de preenchimento das notas das disciplinas e dos demais aspectos avaliativos como: desenho, asseio e procedimento. Segundo Dona Zelaide eram avaliadas as expressões artísticas dos alunos, bem como o aspecto de limpeza das roupas, unhas e cabelo. O procedimento era o item que dizia respeito ao comportamento dos mesmos em sala.

Embora educadas rigidamente, com métodos disciplinares baseados no silêncio, as entrevistadas em seus relatos demonstraram a superação desta escola. Embora sem embasamento teórico, sem planejamento em conjunto, sem livros e sem orientação, a mudança em relação ao método de aula é facilmente percebida. Faz-se necessário compreender que esta é apenas uma amostra em meio ao universo em estudo. Mesmo sem muita clareza da mudança, as educadoras abriram-se a uma nova postura em sala.

Sempre em cada turma tinha aquele menino mais estudioso que tinha mais condições de ajudar. Então eu fazia aquela criança líder daquela turma. Mas sempre revesava também dando oportunidade aquele mais lento, mais preguiçoso. Qualquer coisa que faltasse naquela turma, o lápis quebrou a ponta ele ia onde eu estava, porque eu tinha medo, nessa época era gilete e eu não queria que trouxesse gilete, o gilete era comigo pra fazer a ponta dos lápis. Lá no Rancho quando eu ensinava lá, eu tinha um aluno que era até primo do meu esposo, hoje mora em São Paulo, é empresário. E no ano passado, veio aqui, me abraçou e disse dona Artemisa minha salvação foi você. Porque ele era muito nervoso, era desses que quando chamava pra dar a lição não dizia uma palavra. Depois dizia que parecia que uma coisa tapava,

então eu não chamava, deixava que ele lesse lá no grupo e foi perdendo a vergonha. Veio aqui, me agradeceu. Eu fiquei muito feliz. (Dona Artemisa).

No meu tempo de professora eles já chamavam, mas quando eu estudava as professoras diziam logo. O que é que você quer? Por que não prestou atenção na hora que eu expliquei? A hora de explicar já passou. O professor dizia era isso, mas no meu tempo de professora eles já chamavam. Toinha olha aqui se eu acertei. Nunca gostei que me chamassem Dona Toinha, não. Queria que me chamassem pelo nome, então eu ia lá tirava a dúvida, olhava se estava certo, se estava acertando e a gente ficava assim meio que nem uma barata tonta, corre pra aqui, corre pra ali, ia num aluno, ia em outro. (Dona Antônia).

O desenvolvimento da avaliação da aprendizagem descrita por Dona Artemisa, tem um caráter novo, ultrapassando os da prova a que as mesma foram submetida:

Eu avaliava os alunos através dos grupos, porque nessa época tinha uma história de dar a lição e eu nunca gostei de exigir muito não. Eu queria que o aluno estivesse ali, fizesse. Se eu via que o aluno tinha muita capacidade, mas ficava nervoso, eu nunca nem chamava, porque era chamado pra mesa, pra ler.

4.7 A organização escolar, a carga horária e a disciplina

O aspecto multi-seriado prescindia de uma organização adequada para o funcionamento das aulas. A escrita dos exercícios nos cadernos dos alunos antes de sua chegada, a arrumação dos bancos, à disposição das mesas, fazia parte do ritual de início de aula todos os dias.

As escolas eram organizadas desse jeito, bancos, mesas, fazendo aquele trabalho igual, assim copiando no caderno, fazendo no quadro, atendendo por turma, ensinando multi-seriado. A minha vida na zona rural foi toda ensinando multi-seriado, dá muito trabalho, muito quebra-cabeça, é muito

sacrifício e a gente fica sem certeza se cumpriu com a obrigação. (Dona Antônia).

Faz-se bastante presente no relato das professoras a flexibilidade da carga horária na zona rural, com o intuito de atender àqueles que não poderiam abdicar do trabalho na roça. Bem como da sede pelo conhecimento ou pelo menos pela “assinatura do nome” como me falou Dona Antônia, desejo de muitos pais que à luz da lamparina buscavam uma identidade.

A escola da Água Santa no início era na sala da minha casa. No início, casa da minha vó. Era com mesa, banco, cadeira o quadro-verde de um metro quadrado. No ano de 65 ela passou a funcionar também à noite no salão de Raimundo Pinto, filho de Antonio Pinto, porque ele e muita gente estava querendo estudar e eram trabalhadores e não podiam estudar durante o dia. Então ele montou lá na casa dele, no salão, a escola, com as mesas dele, colocou banco. Tomamos emprestados outros bancos onde tinha e à noite para a aula tinha 48 alunos. Ele fornecia uma lâmpada a gás butano. Foi na época que começou a aparecer aquelas lâmpadas a gás. Aí ele colocou essa lâmpada, porque no 1º ano lá em casa era a lamparina e farol, aquele farol, chamado candieiro.

A educação municipal levou anos para aplicar os dispositivos da LDB. Algumas entrevistadas fizeram referência ao horário das aulas. Segundo elas, a duração das aulas variava de acordo com o público a ser alcançado. No geral, a duração das aulas era de duas horas quando Tabuleiro era distrito de Limoeiro do Norte, como já citado no 2º capítulo, passando para três e somente após 1970, com o conhecimento da LDB, o horário das aulas passou a ser de 4 horas.

As escolas do município começaram com 2 horas, depois foi pra 3 horas. E a nossa quando veio passar pra 4 horas foi quando todo mundo soube o que era a lei, a LDB, famosa LDB que tinha que ter 720 horas aula por ano, que na época era 720. Aí a gente começou a dar 4 horas, mas demorou muitos anos. Foi quando eu vim pra cá, em 77. (Dona Antônia).

Quando eu ensinava na Lagoinha, o horário das aulas era de 11h30 às 2 e de 6 às 7h30, conforme os alunos. Era na lamparina, à noite. Era na lamparina.

E de dia era também na casa da minha tia, isso porque o pessoal trabalhava, eles trabalhavam na agricultura e na hora que eles viam almoçar, aí tinha um repouso e nesse repouso era que iam estudar. À noite, quem vinha estudar mais eram os casados, gente mais velha, que queria pelo menos assinar o nome. (Dona Zelaide).

As interrupções climáticas a que o homem do sertão está sujeito, a seca com o alistamento para trabalhos em rodovias, construção de açudes e barragens, interrompe o curso das aulas, uma vez que todos os jovens são convocados. A enchente, mais devastadora, enche açudes que ao transbordarem inundam as estradas no interior dos municípios e, no que diz respeito à sede dos municípios, superlota as escolas, abrigando as famílias que tiveram suas casas invadidas pelas águas.

As pessoas entrevistadas narram a forma peculiar das aulas. A interrupção com as secas e principalmente com as enchentes fazia parte do cotidiano escolar. Até mesmo quando o sertão não era assolado nem por secas, nem por enchentes, e que este se vestia de verde, enchendo os olhos e a alma do sertanejo, o percurso das aulas na zona rural não era contínuo. A travessia dos açudes, tão comuns em épocas de “inverno bom”, quando as experiências dos mais velhos resultam em colheitas fartas eram motivo de interrupção das aulas. As “desmanchas¹¹” de farinha, as “desbulhas” de feijão tomavam o lugar das escolas, os galpões ocupados por estas nas estiagens davam lugar a noites de encontros entre vizinhos, uma gente sorridente que ora conversava e por vezes cantava a alegria da fartura vinda com o inverno.

Em 58 eu comecei a estudar a 3ª série. Mas, em 58 foi uma seca bem grande no Ceará. O meu pai foi empregar o caminhão no Piauí na construção de estradas. Ele foi levando muita gente. Daqui saíram 3 carros. Esse ano de 58 em perdi a 3ª série. Ninguém tinha aquela informação que precisava de uma transferência, de um comprovante que estava estudando e quando eu cheguei lá a gente não conseguiu vaga porque não levava as transferências. Então eu repeti a 3ª série. (Dona Antônia).

¹¹ A farinhada – processo que transforma a mandioca em farinha –, e conhecido na região jaguaribana por “desmancha de farinha”.

Dona Antônia lembra destas interrupções quando já estava na condição de educadora, anos depois.

Às 6 e meia a gente começava a aula na Água Santa e terminava de nove e meia. Às vezes começava de 6, dependendo do tempo, né. Porque na zona rural tinha aquela estória, vai chover! Aí tinha um pingão de alunos na escola. Logo na nossa escola, a gente tinha um córrego pra passar. E às vezes na chuva ele ficava com água de pescoço e ficava difícil para os alunos. Então se agente via que ia chover, ia cedo e voltava, porque depois da aula podia voltar nadando, não tinha problema.

A disciplina imposta pela escola aos alunos é vista por Dona Antônia como a causa do bom comportamento, haja vista os mesmos não poderem se manifestar e, embora o comportamento concorresse ao bom andamento da aula, as educadoras aos poucos abriram mão deste recurso a uma outra forma de convivência.

A turma em sacrifício dava conta do comportamento, porque eles eram mais bem comportados. Também, eles não tinham direito, como é que podiam ser mal comportados? A gente tem que vê isso, né a diferença é muito grande, o aluno não falava quase, só chamava quando tinha a necessidade da aprendizagem. No meu tempo eles já chamavam, como professora, quando aluno elas diziam logo. O que é que você quer? Por que não prestou atenção na hora que eu expliquei? A hora de explicar já passou. O professor dizia era isso, mas no meu tempo de professora eles já chamavam.

4.7 Consolidação da educação escolar de Tabuleiro do Norte

Tendo sido lançada a pedra fundamental do ginásio no dia 24 de junho de 1964, os seus associados iniciaram então a construção de sua sede, como ressaltado acima, encampado pela CNEG. O Ginásio Nossa Senhora das Brotas, hoje Centro Educacional Nossa Senhora das Brotas foi homologado posteriormente por determinação da diretoria do Ensino

Secundário do Ministério da Educação e Cultura, e mantido pela Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte que estava organizada por Conselho Superior, Conselho Diretor e Diretoria. Teve como seu primeiro diretor o Dr. Francisco Bezerra. No ano de 1965, concluiu o ginásio a primeira turma de humanistas, composta de 25 alunos. Em 1968, foi aprovado em sessão plenária o parecer nº 513/68, do Conselho Estadual de Educação autorizando a funcionar o curso normal:

Dona Raimunda Gadelha Chaves lembra o lançamento da pedra fundamental do colégio cenequista.

Eu assisti ao dia de lançamento da pedra fundamental do colégio. Inclusive foi no dia da inauguração da Maternidade Celestina Colares numa casa improvisada. Após a inauguração, a comunidade caminhou, fez uma caminhada, fomos para o terreno. Assistir quando tiraram a cerca e a gente entrou. Muitas pessoas da comunidade e outras de Fortaleza que vinham da CNEG, porque naquele tempo era CNEG, o prefeito municipal Alcides Monteiro que era muito interessado. E daí por diante a construção. A escola já existindo, os alunos assistiam aula nas salas do Avelino Magalhães, funcionava 5ª, 6ª, logo após veio a 7ª. A primeira turma de humanistas já ia receber o diploma da 8ª série. Recebeu o certificado no prédio da CNEC mais ainda sem acabamento.

Após o lançamento da pedra fundamental, a participação da comunidade para a constituição do ginásio, já tratada no 2º capítulo deste trabalho foi de suma importância para que o objetivo de ampliação do acesso à escolarização fosse concretizado. De início, a sustentabilidade deste partiu dos munícipes.

4.8 O ingresso no Ginásio: estudo, sofrimento e espera

O exame de admissão para o colegial – relatado por Dona Alaíde no 2º capítulo – é lembrado por Mazé Braúna, aluna no período. Disse que era como uma espécie de vestibular e

relata todo o processo do estudo prolongado antes da prova e da espera angustiante pelo resultado:

Nós estudamos vários dias e noites para fazer o exame de admissão. Era assim como se fosse um vestibular. Eu lembro que era uma apreensão enorme pra chegada do dia. No dia certo fomos fazer a prova e no outro dia saía o resultado. Eu lembro como se fosse hoje o nosso nervosismo olhando a lista na parede do colégio.

Mesmo antes de ingressar no ginásio, os pais tinham como compromisso a compra de um livro que era composto da matéria necessária a ser estudada para passar no exame.

Mazé Braúna guarda o seu livro de admissão, lembranças do percurso escolar.

Quando a gente saía do Avelino Magalhães, fazia o vestibular e tinha que ir pra Limoeiro. Isso até 62, então todo tabuleirense que queria entrar no ginásio, que era a 1ª série, que é equivalente à 5ª série hoje, fazia admissão e ia pra Limoeiro. A partir de 62 nós ficamos aqui, isso já depois de 4 anos de Tabuleiro ser cidade.

O depoimento de Marcondes Andrade reforça as palavras de Mazé Braúna, Comparando o exame de admissão a um vestibular.

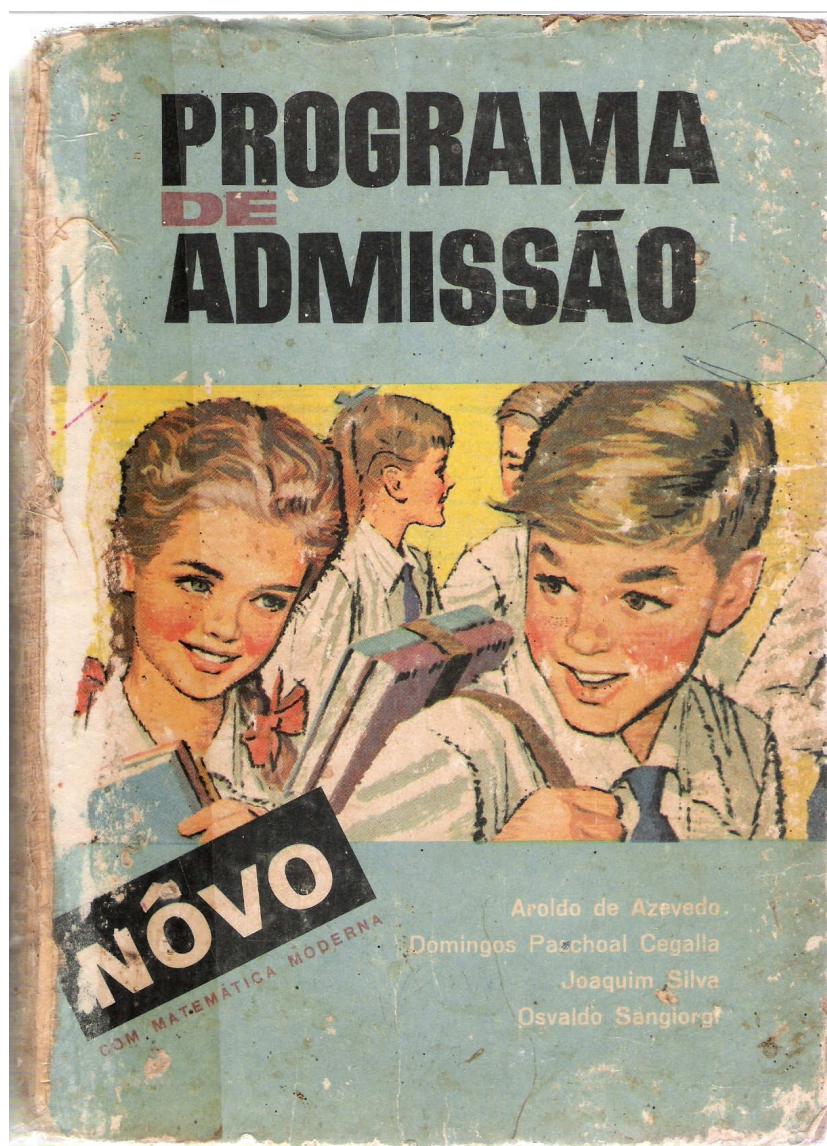


Figura 28 – Livro com o Programa de Admissão ao Colegial.

Fonte: Arquivo pessoal da aluna Maria José Braúna.

O livro contendo o Programa de Admissão era editado pela Companhia Editora Nacional, impresso no Brasil. Seu uso era autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura, registrado na Comissão Nacional do Livro Didático sob o nº. 2 751. O exemplar acima é datado de 1968, que estava em sua 16ª edição. Foi comprado pela aluna em 4 de março de 1968, ano em que prestaria o exame para ser admitida no colegial, no Colégio Nossa Senhora das Brotas.

O programa era composto por português, matemática, história e geografia. O programa da disciplina de matemática envolvia os novos conceitos da matemática moderna da época. Junto ao rol de assuntos, da referida disciplina havia um apêndice com modelos atualizados de Testes de Admissão, com as respostas em anexo. Cada disciplina possuía um vasto número de conteúdos, como podemos ver abaixo nas Figuras 29 e 30:

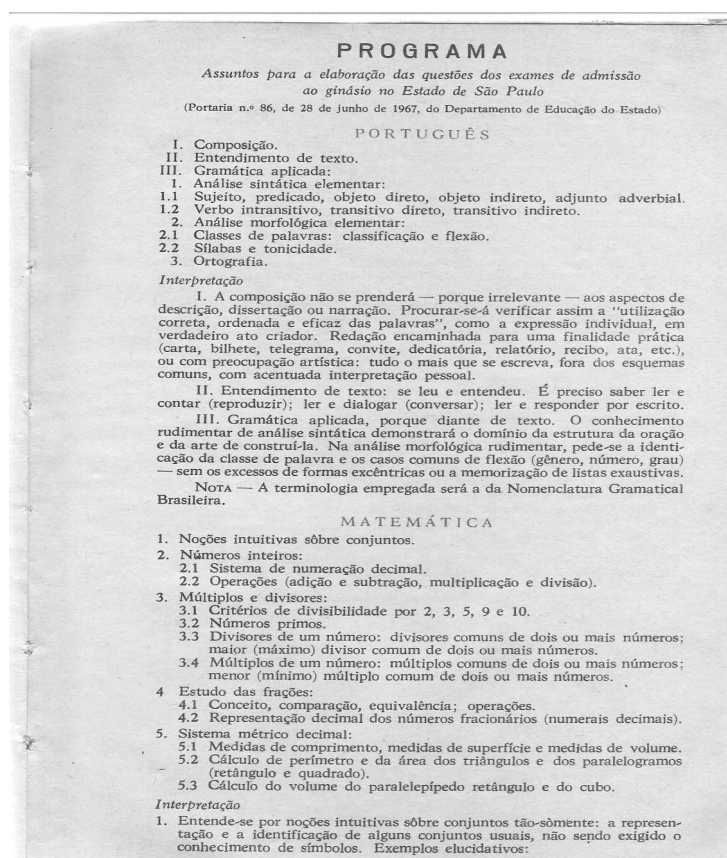


Figura 29 – Rol de assuntos do Programa de Admissão.

Fonte: Acervo documental de Zelaide Gondim Andrade.

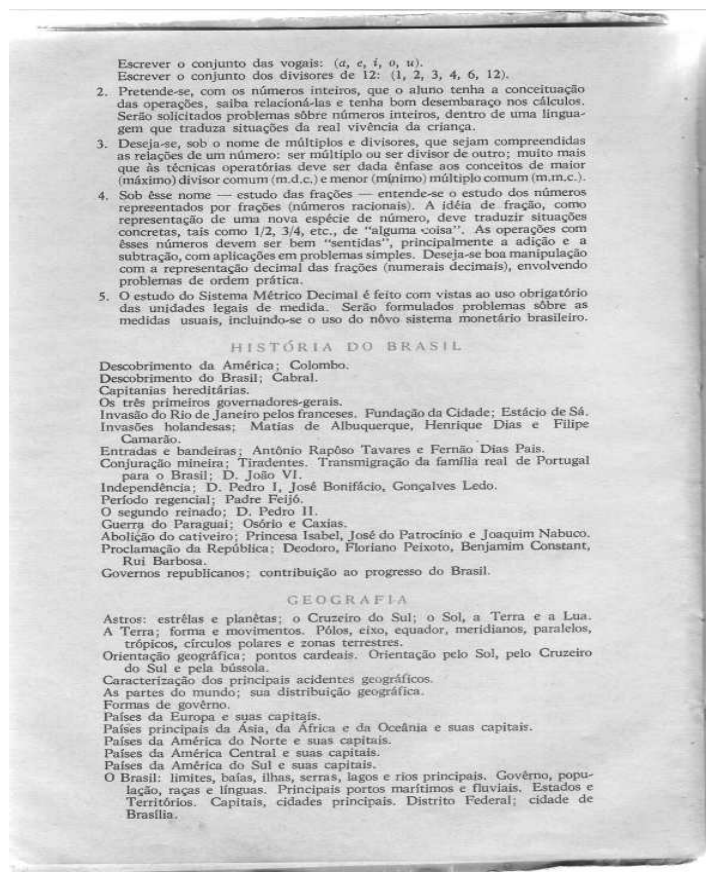


Figura 30 – Rol de assuntos do Programa de Admissão.
Fonte: Acervo documental de Zelaide Gondim Andrade.

A apropriação do conhecimento trazia aos pais satisfação e sacrifício, pois após ingressarem deveriam fazer o pagamento da taxa de contribuição mensalmente, como exposto na Figura 31.

Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
1.ª Via — Série D Nº 115249

Setor Local de TABULEIRO DO NORTE
Centro Educacional NOSSA SRA. DAS BRÓTAS

Recebi do Sócio Maria José Braúna
n.º 22 da 1ª série 2ª série turno Noite, a importância
de Cr\$ 25,00 (um e cinco centavos) relativa a
sua contribuição do mês de SETEMBRO de 19 73
do mt (Ce.) 12/0 / 19 73

TESOUREIRO

Figura 31 – Recibo de pagamento de contribuição escolar.
Fonte: Arquivo pessoal de Maria José Braúna.

O caráter particular do ginásio é declarado também por Marcondes Andrade. “O colégio cenecista era pago, uma pequena contribuição, não podia dizer que tinha educação gratuita. Eu sou da turma de 66, aqui só dava opção de norma.”



Figura 32 – Construção do Centro Educacional Nossa Senhora das Brotas. Vista frontal.
Fonte: Acervo fotográfico de Alcides Monteiro Chaves.

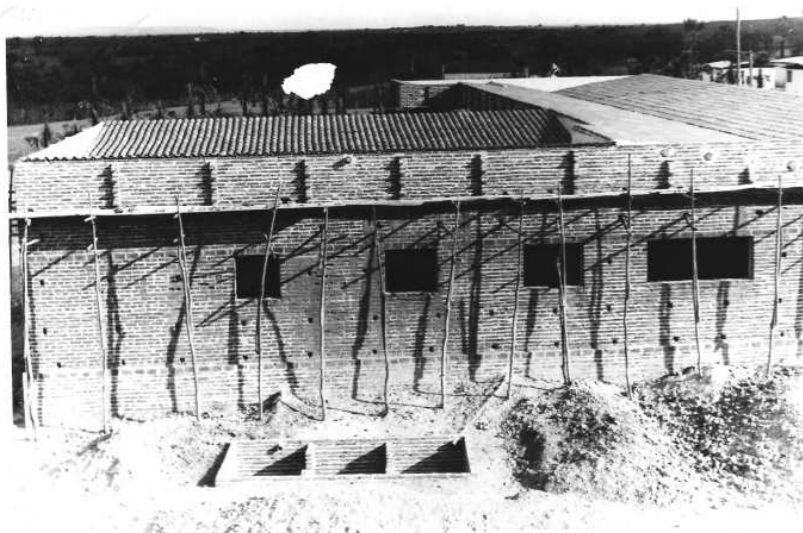


Figura 33 – Vista panorâmica da construção.
Fonte: Acervo fotográfico de Alcides Monteiro Chaves.

Nas palavras de seu Alcides Monteiro fica claro o empenho de todos para o desenvolvimento da educação no município, inclusive com verbas da prefeitura quando este ocupava o cargo. A colaboração se fez através de verbas destinadas à infra-estrutura ou mesmo com bolsas de estudos: “Quando eu fui eleito prefeito, né, eu ajudei muito ao ginásio. Fiz diversos trabalhos com os recursos da prefeitura ajudando o ginásio.”

O objetivo daqueles que pensaram a sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte, desejando intensamente a continuação da escolarização dos filhos encontra retorno nas palavras de seu Alcides:

Se nós formos olhar o número de médicos, odontólogos, engenheiros, agrônomos, assistente social. Enfim, de pessoas formadas em Tabuleiro que passaram por aquele colégio, fazendo um somatório, aí se verifica que foi um capital muito grande o lucro foi extraordinário.

A abertura do Ginásio Nossa Senhora das Brotas foi motivo de alegria para a cidade porque beneficiaria muitas das pessoas que haviam abandonado os estudos por não poder deslocar-se a Limoeiro do Norte. Finalmente, essas pessoas puderam retornar à sala de aula. Grande parte das professoras municipais até então leigas puderam buscar a escolarização necessária ao desenvolvimento do papel de educadoras que haviam conquistado.

Embora ainda para um grupo seletivo, a conclusão do colegial em uma escola do município tornou-se realidade. A festa de colação de grau envolvia todo um cerimonial que tinha início com a entrada dos formandos com madrinhas e padrinhos e estendia-se até a valsa. Nas festas ou bailes de formatura, como chamados, o traje de gala era indispensável para os formandos e exigido para os convidados trajes sociais. A primeira turma a terminar o 4º ano colegial na cidade foi um marco lembrado com imensa alegria por quem participou do evento.

O curso Normal ofertado posteriormente pelo ginásio emitia o certificado de formação para as professoras leigas. Como citado na introdução deste trabalho, muitas foram estudantes batalhadoras que mesmo com família foram alunas universitárias já maduras, algumas delas já na companhia dos filhos no universo acadêmico.



Figura 34 – Primeira turma de formandos do colegial do Ginásio Nossa Senhora das Brotas – 1964.

Fonte: Acervo fotográfico de Zelaide Gondim Andrade.



Figura 35 – Primeira turma de formandas do colegial do Ginásio Nossa Senhora das Brotas – 1964.

Fonte: Acervo fotográfico de Zelaide Gondim Andrade.

O esforço doado em prol da construção do Ginásio Nossa Senhora das Brotas significou para a educação tabuleirense um salto em busca de melhores condições de desenvolvimento para os munícipes e para a comunidade, no entanto o acesso restrito ao nível de ensino oferecido não deixou de ser sonho para alguns.



Figura 36 – Colação de Grau das Normalistas – 1976.

Da esquerda para a direita: Pe. Heitor de Matos Montenegro (pároco da cidade), Maria Grioleide (Professora do curso Normal e da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos) e Maria Leni de Moura (aluna da turma de 1976).

Fonte: Acervo fotográfico de Maria José de Moura.

O retorno deste empreendimento feito por todos, pode ser facilmente identificado nos dados da prefeitura do período, inclusive pelo quadro escolar. Do grande número de professoras leigas que fizeram ou fazem parte do contexto cearense, em Tabuleiro, algumas conseguiram ingressar no Normal que possibilitava o certificado de professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CONVITE AO DESFECHO

Reconstruir a história da educação do município de Tabuleiro do Norte na voz de seus protagonistas, objetivando sistematizar o que pensam, de que modo se deu a participação de cada um nessa construção e a visão de cada seguimento ligado ao fenômeno educativo: docentes, discentes, pais, e pessoas ligadas à vida pública foi o objetivo deste trabalho.

À medida que os objetivos traçados no início da pesquisa foram alcançados, possibilitaram-me uma visão diferenciada do processo de construção da história da educação da cidade de Tabuleiro do Norte. Esta me fez ver além da forma privada de constituição da educação cearense. Sem dúvida, a forma singular de desenvolvimento da educação tabuleirense, a exemplo do Ceará, foi o resultado da organização de forças de homens e mulheres que batalharam pela educação, visto o descaso daqueles que estavam à frente dos cargos públicos.

Na caminhada enquanto pesquisadora, muitas foram as incertezas, no entanto, a cada novo fato, a cada entrevista pude caminhar com maior segurança. A pesquisa possibilitou-me um amadurecimento não somente teórico, mas também pessoal, constituído das vivências daqueles com que convivi tanto no interior da pós-graduação como no desenvolvimento da pesquisa.

A paciência, peça fundamental para se trabalhar com a memória daqueles que não se encontram mais envolvidos na dinâmica da correria cotidiana ensinou-me que a vida para ser longa deve se constituir de prazer. Para além da pesquisa, pude perceber que dos homens e mulheres que entrevistei, embora castigados pelos muitos anos vividos, os mais saudáveis eram justamente aqueles que guardavam memórias felizes da

profissão que desenvolveram durante anos. No entanto, esta constatação fica aqui apenas como registro da percepção da pesquisadora, esta somente poderá constituir-se de certeza mediante outra pesquisa.

Nas entrevistas pude ir além do contato formal com alguns entrevistados, estes me possibilitaram adentrar num universo íntimo, cheio de fatos, fotos e registros que estavam além de meu objeto de pesquisa. Os baús cheios de papéis amarelados pelo tempo, repletos de lembranças da juventude me colocaram em contato com histórias de vida cheias de expectativa que o tempo tratou de confirmar ou demolir.

Confirmando as peculiaridades que foram desenvolvidas pelo setor educacional no Nordeste brasileiro, em especial no Ceará, a falta de professores formados deu origem a um quadro de professores leigos que se mostra problemático até hoje. No entanto, estudando o contexto da época (1958-1970), vê-se que esta foi a saída encontrada para se resolver o problema da demanda da educação, uma vez que as condições de trabalho eram incipientes, devido às grandes distâncias, falta de recursos e precário salário. Sem contar que muitas educadoras tiveram que residir nas comunidades, longe da família, às vezes em casa de parentes, ou em casa de estranhos.

Pesquisando sobre a educação tabuleirense, enquanto amostra do contexto cearense, posso afirmar que esta foi desenvolvida por pessoas que, longe de se deixarem abater pelos determinantes de uma época, reverteram a situação, buscando em meio a tantas dificuldades, o saber necessário a uma outra leitura de mundo diferente da árdua labuta do trabalho com a terra. Homens e mulheres que deixavam suas casas, que percorriam quilômetros a pé ou de bicicleta, a fim de acompanhar o desenvolvimento deste bem cultural que tanto preservavam: a educação.

As marcas dessa história podem ser visivelmente percebidas nos rostos, no olhar, nas mãos daqueles que a protagonizaram. A história da educação de Tabuleiro do Norte se fez de certezas, de alegrias, de esperanças, de sofrimento, de caminhadas, de secas, de enchentes, de decepções, mas acima de tudo de pessoas convictas dos objetivos que trilharam em suas vidas, e dentre eles repousava a educação.

A constituição da educação escolar de Tabuleiro do Norte foi o resultado do desejo e da ação de muitos personagens. Todos ávidos pelo saber encamparam não somente uma vez o desenvolvimento da educação no município criando condições para isto. No entanto, a participação gerou lembranças, ora tristes, ora alegres, ora amargas, às vezes nebulosas, às vezes dispersas. É justamente o olhar do sujeito enquanto participante ativo do processo que pretendi a captar.

Na concepção dos entrevistados as Escolas Reunidas, primeira escola do município, era uma escola pública, no entanto em seus relatos deixaram claro que nem todas as pessoas podiam frequentá-la pela exigência de material e de livros. Ao se referirem a pública, a noção que acompanha a palavra diz respeito ao acesso. A escola pública para alguns era privada, uma vez que só podia estudar quem pagava. O mesmo se aplica para a entrada no Ginásio Nossa Senhora das Brotas, a exigência da mensalidade/contribuição, dos livros e de material, para os entrevistados, fazia dele privado.

A educação desenvolvida na casa da professora, embora tenha sido o meio de levar a escola aos mais distantes distritos do município, muitas vezes, expunha professores e alunos a situações delicadas. O envolvimento da família que cedia o espaço privado de sua residência à sala de aula, ia, por vezes, além da condição de

espectadores do processo. A intervenção da família dava-se até no intermédio de assuntos ligados diretamente ao professor e aos alunos.

Sofrendo de todos os determinantes de uma pequena cidade no interior cearense, a população de Tabuleiro fez da participação de todos a saída para a falta de assistência, na saúde ou na educação. A participação de homens e mulheres, jovens, pais de família, é uma das características do desenvolvimento da educação no município, bem como a forma como a comunidade participou doando recursos. Esta história foi construída por mulheres destemidas, guerreiras que tiveram suas vidas dedicadas à educação.

A aquisição do saber esteve ligada à participação restrita de alguns por 2 motivos: de acordo com as pessoas entrevistadas a educação letrada não era valorizada entre aqueles que, com calos nas mãos, e de sol a sol, arrancavam da terra o seu sustento, a exemplo do desenvolvimento da educação cearense. Outro aspecto que corroborava era a dificuldade em manter o aluno na escola, uma vez que a educação pública restringia-se a um aspecto público-não-estatal, o financiamento do Estado limitava-se apenas ao pagamento das educadoras, arcando a família com as despesas de material e fardamento. O caráter privado acompanhou a educação tabuleirense nos primeiros 12 anos de emancipação política.

Antes da escola com prédio próprio, o ingresso na escola se dava através das escolas particulares, que é lembrada pelos entrevistados como a escola que era paga pelo pai, na casa da professora ou mesmo em sua própria casa, quando as condições da família podiam assegurar este conforto. Essa escola é lembrada ainda pelo método. As longas horas passadas soletrando e cantando a tabuada trouxeram lembranças que foram do riso à mágoa por alguma intervenção da palmatória.

Na sede do município, após saírem da escola particular, aqueles alunos cujos pais podiam lhes assegurar o ingresso à escola, freqüentavam a escola pública. Sem muros que protegessem o ambiente escolar do contato direto com a comunidade, sem piso, sem instalações sanitárias adequadas, sem carteiras para todos os alunos, esta não condizia ao fim que lhe era destinado. No entanto, para muitos alunos, a escola superava as expectativas daqueles que tinham se alfabetizado na sala da casa da professora particular.

Nas falas das pessoas entrevistadas pude perceber que a demanda por educação no município teve um pequeno aumento com a ampliação do grupo escolar Avelino Magalhães. O entusiasmo expresso por algumas entrevistadas quando narravam a entrada nas dependências do referido grupo escolar instiga a tomá-la como uma das causas do interesse dos alunos pela escola. Embora formalmente os entrevistados não confirmem esse dado, ele pôde ser percebido nas entrelinhas. Um outro aspecto que ajudou nesse crescimento foi o desenvolvimento da zona urbana do município, ou seja, o número de pessoas que deixaram a zona rural e fixaram residência na sede.

As concepções feitas pelos entrevistados acerca da educação tabuleirense ilustram um sentimento de gratidão por aqueles que estiveram à frente dos trabalhos que deram origem à educação no município. No entanto, esse sentimento não é também expresso à classe dos docentes os quais fizeram parte do desenvolvimento da luta cotidiana dentro das salas de aulas. Nem mesmo os próprios docentes se reconhecem como peças fundamentais no desenvolvimento do processo educativo.

Nas falas dos entrevistados percebe-se a disseminação de uma mentalidade forjada no herói, colocando como coadjuvantes professores e professoras que, na ponta do processo, desenvolviam o trabalho no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOREIRA DE ANDRADE, J. *Moreira e o Tabuleiro de Todos Nós: um esboço histórico de Tabuleiro e parte da região jaguaribana*. Fortaleza: Ceará, 1980. (Publicação independente)

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. Apresentação. In: _____; _____ (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BONAZZI, C. T. Arquivos: propostas metodológicas. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAVO, M. I. S; PEREIRA, P. A. (Org). *Política Social e Democracia*. São Paulo: Cortez/ Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

CAVALCANTE, M. J. M. Escola, reforma e modernidade: por onde tem andado e o que tem achado a história educacional no Ceará. In: _____. *História e Memória da Educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

CEARÁ, Governo do Estado. *Índice de Desenvolvimento Municipal – 2002*. Secretaria do Planejamento e coordenação (SEPLAN) – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), Fortaleza: Edições IPLANCE, 2004.

CHAUI, M. Apresentação: os trabalhos da memória. In: BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CUNHA, L. A. (Org.). *Escola Pública, Escola Particular e a Democratização do Ensino*. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Educação Contemporânea).

FAZENDA, I. (Org). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FERREIRA NETO, C. *Estudos de História Jaguaribana: documentos, notas e ensaios diversos para a história do baixo e médio Jaguaribe*. Fortaleza: Premium, 2003.

FREITAG, B. *Escola, Estado e Sociedade*. 6. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FRISCH, M. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. História e Memória. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

GIRÃO, R. *Pequena História do Ceará*. 4. ed. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1984.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1996.

LOMBARDI, J. C. (Org). *Globalização, Pós-Modernidade Educação: história, filosofia e temas transversais*. 2 ed. Campinas: UNC, 2003. (Coleção Educação Contemporânea).

_____; JACOMELI, M. R. M.; SILVA, T. M. T. (Orgs). *O Público e o Privado na História da Educação Brasileira: concepções e práticas educativas*. Campinas: Autores Associados/ HISTEDBR/ UNISAL, 2005. (Coleção Memória da Educação).

LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. *Projeto Historia: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. EDUC, n. 0, 1981.

MARTINS, J. S. *O Poder do Atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: Hucitec, 1994.

MIGNOT, A. C. V; CUNHA, M. T. S. (Orgs.) *Práticas de Memória Docente*. São Paulo: Cortez, 2003. v. 3. (Coleção Cultura, Memória e Currículo).

MOREIRA, A. F; SILVA, T. T. *Currículo, Cultura e Sociedade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

NAGLE, J. Palestra de Abertura do I ENCONTRO DE HISTORIADORES DA EDUCAÇÃO CEARENSE. In: CAVALCANTE, M. J. M. *et al. História e Memória da Educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

PAOLI, Maria Célia. Movimentos Sociais, Cidadania e Espaço Público: anos 90. In: *Nova Cidadania: humanidades*. São Paulo: Datilo, s/d.

PERONI, V; ADRIÃO T. *O Público e o Privado na Educação: interfaces entre Estado e sociedade*. São Paulo: Xamã, 2005.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*. São Paulo, 1997.

PROJETO Tabuleiro tem Norte. Projeto construído pela Secretaria de Educação do município em parceria com as escolas estaduais. Escola de Ensino Médio Francisco Moreira Filho. Tabuleiro do Norte, maio de 2005.

RIBEIRO, Maria Luísa S. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. 3. ed. Editora Moraes, 1981. (Coleção Educação Universitária).

ROMANELLI, O. O. *História da Educação no Brasil*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARMENTO, M. J. *A Vez e a Voz dos Professores: contributo para o estudo da cultura organizacional da escola primária*. Porto: Porto Editora, 1994.

SAVIANI, D. *Da Nova LDB ao Novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional*. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, R. B. *Educação Comunitária: além do Estado e do mercado? A experiência da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC (1985-1998)*. Campinas: Autores Associados, 2003. (Coleção Educação Contemporânea).

SOUSA, J. M. *Sistema Educacional Cearense*. Rio de Janeiro: MEC/INEP/Centro Regional de Pesquisas educacionais do Recife, s/d.

TABULEIRO DO NORTE. *Campanha Nacional de Educandários Gratuitos*. Ata da Sessão Solene de Fundação e Instalação da Sociedade Educadora de Tabuleiro do Norte. Câmara Municipal, 1960.

_____. *Ata da Sessão Ordinária da Segunda Reunião Legislativa Ordinária*. Concede auxílio de cem mil cruzeiros para a instalação e manutenção do Ginásio nossa senhora das Brotas. Câmara Municipal, 1962.

_____. *Campanha Nacional de Educandários Gratuitos*. Ata de Constituição do Setor Local de Tabuleiro do Norte da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Câmara Municipal, 1963.

THOMPSON, P. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

